

**Exercício 1**

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**LADO BOM**

Periferia tem seu lado bom  
Manos, vielas, e futebol no campo.  
Meninas com bonecas e não com filhos  
Planejando assim um futuro positivo

Sua paz é você que define.  
Longe do álcool, longe do crime.  
A escola é o caminho do sucesso  
Pro pobre honrar desde o começo

E dizer bem alto que somos a herança  
De um país que não promoveu as mudanças  
Sem atrasar ninguém rapaz  
Fazendo sua vida se adiantar na paz

Jogando bolinha, jogando peão  
Vi nos olhos da criança a revolução  
Que solta a pipa pensando em voar  
Para não ver o barraco que era o seu lar

Periferia lado bom o que você me diz  
Alguns motivos pra te deixar feliz  
Longe do álcool, longe do crime.  
Sua paz é você que define.

E nessa pipa no céu eu vi planar  
A paz necessária para se avançar  
Ânimo, positivismo em ação.  
Hip-Hop cultura de rua e educação

Foi assim que criaram e assim que tem que ser  
O mestre de cerimônia rimando pra você  
Enquanto o DJ troca as bases  
O grafiteiro pinta todo contraste

Da favela pro mundo  
O caminho do rap pelo estudo  
Por isso eu não me iludo  
Roupa de marca não é meu escudo

Detentos já te disse no começo  
E estudar do sucesso é o preço  
Porque a fama não cabe num coração pequeno  
Então positivismo pra vencer vai vindo  
(...)

(http://www.misixmatch.com - acesso em: 11/05/2018)

Ferréz

(G1 - epcar (Cpcar) 2019) Assinale a alternativa que contém uma afirmativa **INCORRETA**

- a) O verso “E estudar do sucesso é o preço” pode ser considerado um hipérbato.
- b) No texto, não há marcas de oralidade.
- c) Percebe-se que há, na canção, mais de uma função de linguagem, como, por exemplo, a emotiva e a poética.
- d) Há rimas ricas e pobres ao longo de toda a canção.

**Exercício 2**

(G1 - ifal 2017) Leia atentamente os textos abaixo e assinale a alternativa que contém a afirmativa correta.

**Texto 1**

A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edifício, que dava sobre um pátio cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até à borda da esplanada uma asa do edifício, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha.

No ângulo que esta asa fazia com o resto da casa, havia uma coisa que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica vigorosa e esplêndida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

José de Alencar, *O Guarani*. São Paulo, Ática, 1992.

**Texto 2**

Subitamente um cavalheiro aproximou-se do assaltante com um palmo de sorriso. Colocou-se entre ele e a moça.

– Batista, você! Há quanto tempo! Ainda esta semana conversei com seu tio no supermercado! Me dê um abraço, amigo! Mas, o que é isso? Vai sair por aí com esse baú cheio de dinheiro? Não tem medo de ladrões, não?

Batista olhou para o chão mas não viu buraco algum para esconder-se.

A caixa, sorrindo, ao amigo dele:

– Seu Batista não vai sair com esse dinheiro, não; ele veio depositar...

Marcos Rey, *O coração roubado e outras crônicas*. Coleção para gostar de ler, v. 19. São Paulo. Ática, 1996.

Os textos acima são exemplos, respectivamente, de

- a) linguagem coloquial e linguagem culta.

- b) linguagem culta e linguagem coloquial.
- c) linguagem culta e linguagem formal.
- d) linguagem familiar e linguagem informal.
- e) linguagem coloquial e linguagem formal.

### Exercício 3

(G1 - utfpr 2016) Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhe pé de alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. (...)

Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar o sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano. Estes, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n’água.

Carlos Drummond de Andrade

Sobre o excerto acima, retirado da crônica “Antigamente”, assinale a alternativa correta.

- a) A linguagem culta formal é opção feita pelo autor, mas acaba sendo prejudicada pelos arcaísmos, que tornam o texto obsoleto.
- b) A linguagem do texto apoia-se em uma variante linguística que demonstra o movimento de mudanças constantes que as línguas sofrem, através do tempo.
- c) Por empregar expressões em desuso, existentes apenas nos dicionários, o texto desperta interesse apenas dos mais idosos.
- d) Contém erros grosseiros, como o uso de palavra estrangeira, expressões incompreensíveis como “pé de alferes”, “faziam o quilo”, “de pouco siso” etc.
- e) O saudosismo do autor confere ao texto um tom muito triste, nostálgico.

### Exercício 4

(G1 - ifsc 2012) Leia e observe com atenção o quadrinho e, a seguir, assinale a alternativa **CORRETA**.



- a) A mensagem de humor transmitida pelo quadrinho se dá com a concomitância da linguagem escrita e da linguagem visual.
- b) Só a linguagem escrita é suficiente para a composição e a transmissão da mensagem humorística contida no quadrinho.
- c) É na linguagem visual que está centrada toda a mensagem humorística transmitida, sendo a escrita dispensável.
- d) A mensagem escrita no quadrinho, representada pela fala da personagem, apresenta todas as características da linguagem culta, ou padrão.
- e) Na mensagem escrita, há ocorrência de um mesmo substantivo, ora no masculino, ora no feminino.

### Exercício 5

(G1 - ifsc 2012) Diariamente, durante o mês de setembro, a equipe de produção do longa *Rendas no Ar*, de Sandra Alves, fazia a travessia na escuna Vento Sul, de Governador Celso Ramos para a fortaleza da ilha de Anhatomirim, onde o filme estava sendo rodado.

A produção é ambientada no século 19, na antiga Desterro, e narra a vida de uma jovem rica, irreverente e indomável, que se vê sob o jugo de um tutor cruel. Um homem que decide se apropriar da fortuna dela.

Fonte: *Filme tecido com arte e dedicação*. Diário Catarinense. Caderno Variedades. 14/08/2011. p. 5. (adaptado).

Sobre o texto, é **CORRETO** afirmar que:

- a) a frase “uma jovem rica (...) se vê sob o **jugo** de um tutor cruel” a palavra em destaque poderia ser substituída por “amparo”, sem prejuízo ao sentido.
- b) segundo o texto, mesmo com vento sul, durante todo o mês de setembro, a equipe fazia a travessia de escuna para a gravação do filme *Rendas no Ar*.
- c) a história retratada no filme *Rendas no Ar* se passa no século 19, por isso foi escolhido como local a ilha de Anhatomirim, também chamada no texto de “antiga Desterro”, que corresponde atualmente ao município de Laguna.

d) na frase “Um homem que decide se apropriar **da fortuna dela**”, a forma em destaque poderia ser substituída por “de sua fortuna”, que é uma construção mais própria da linguagem culta.

e) o filme estava sendo rodado em Governador Celso Ramos e na ilha de Anhatomirim.

### Exercício 6

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Não lhe solto mais

Antônio Barros e Cecéu

Moreno não faça isso	Dou-lhe uma rasteira
Deixe desse rebuliço	Lhe castigo na esteira
Não mexa comigo não, viu	Não lhe solto mais
Quero respeito comigo	Depois não adianta
Já cortaram meu umbigo	Se eu gemer
Não sou mais menina não, viu	Se eu gemer
Você é duro, bem maduro	Se eu chorar
E também muito seguro	A gente bebe água
Ainda pode dar no couro	Quando sente sede
E eu vou gostar	Cabelo se assanha
Vou me apaixonar	Quando o vento dá
Vou cair no choro	Olha moreno esse teu cheiro
	Se juntar com meu tempero
	Vai ser bom demais
Aí o couro come	
E pra mostrar que tu é home	
Como é que um home faz	Dou-lhe uma rasteira
Dá uma rasteira	Lhe castigo na esteira
Me castiga na esteira	Não lhe solto mais
Não me solta mais	

Disponível em: <http://www.lettras.com.br/#!antonio-barros-ececeu/nao-lhe-solto-mais>. Acesso em 03/05/2016. Adaptado.

(Acafe 2016) Em **todas** as alternativas há indicadores de linguagem coloquial, **exceto** em:

- a) “Se juntar com o meu tempero | Vai ser bom demais”
- b) “Aí o couro come | E pra mostrar que tu é home | Como é que home faz”
- c) “Já cortaram o meu umbigo | Não sou mais menina não, viu”
- d) “Dá uma rasteira | Me castiga na esteira | Não me solta mais”

### Exercício 7

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O comissário Mattos passou a maior parte do dia <sup>1</sup>procurando obter informações sobre Anastácio, o Cegueta, e sobre o presidiário Bolão. Quem acabou lhe dando a informação fidedigna que queria foi um repórter de *O Radical*, que recebia dinheiro do bicheiro Ilídio, dono dos pontos próximos da sede do jornal, no centro.

<sup>2</sup>“Levo um arame desse puto porque o jornal não me paga e minha mulher, você sabe, está internada tuberculosa em Belo Horizonte.”

<sup>3</sup>“Eu sei, eu sei.”

<sup>4</sup>“Mattos, <sup>5</sup>você não recebe o levado, eu sei, mas é uma das poucas exceções, <sup>6</sup>está todo mundo na gaveta dos bicheiros. Tem político, juiz, gente que se eu dissesse o nome você não acreditaria. Daria uma reportagem do caralho. O diabo é que ninguém publicaria. Nem eu sou maluco de botar isso no papel.”

<sup>7</sup>“Esse Cegueta trabalha para o Ilídio? Você tem certeza?”

“Sem a menor dúvida. <sup>8</sup>O Bolão também.”

Antes de se despedir, Mattos ouviu pacientemente, enquanto seu estômago ardia, o repórter contar suas vicissitudes e sofrimentos.

Fonseca, Rubem. *Agosto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010, p. 237.

(Udesc 2015) Analise as proposições em relação à obra *Agosto*, Rubem Fonseca, e ao trecho retirado do mesmo, e assinale (V) para verdadeira e (F) para falsa.

- ( ) No período “procurando obter informações sobre Anastácio, o Cegueta, e sobre o presidiário Bolão” (ref. 1) as palavras destacadas constituem, sintaticamente, aposto.
- ( ) Nas orações “Levo um aramé desse puto” (ref. 2) e “você não recebe o levado” (ref. 5) as palavras destacadas semanticamente são diferentes, mas na linguagem oral, para os policiais, têm o mesmo referente.
- ( ) Para adequar a linguagem às personagens o autor faz uso do diálogo para marcar a linguagem coloquial, mas a narrativa também é pontuada por uma linguagem técnica, a exemplo, os relatórios policiais.
- ( ) O sinal gráfico das aspas, indicado pelas referências 2, 3, 4 e 7, aponta discurso direto, logo, se substituído por travessão não altera o sentido e a estrutura do texto.
- ( ) Da leitura do período “está todo mundo na gaveta dos bicheiros” (ref. 6), depreende-se que os bicheiros, para manter suas situações, seus pontos, davam propinas, também, a integrantes do sistema político, jurídico, policial.

Assinale a alternativa que apresenta a sequência **correta**, de cima para baixo.

- a) V - V - V - V - V
- b) V - F - V - V - V
- c) F - F - F - V - F
- d) F - V - F - V - F
- e) F - V - V - V - V

### Exercício 8

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Utilize o texto para responder a(s) questão(ões).

#### A internet e a morte da imaginação

Jacques Gruman

“Nunca entendi essa obsessão por sorrisos em fotografias.

*Deve ser um conluio com os dentistas.”*  
(Nora Tausz Rónai)

Reza uma antiga lenda que dois reinos estavam em guerra. Os perdedores acabaram condenados ao confinamento do outro lado dos espelhos, um primitivo mundo virtual em que eram obrigados a reproduzir tudo o que os vencedores faziam. A luta dos derrotados passava a ser como escapar daquela prisão. O genial Lee Falk inspirou-se nesta narrativa para criar, na década de 1940, *O mundo do espelho*, para mim uma das mais aterrorizantes histórias do *Mandrake*. Espelhos foram, aliás, protagonistas de algumas sequências cinematográficas assustadoras. Bóris Karloff, um clássico do gênero, aproveitou muito bem o medo que, desde crianças carregamos, de que nossos reflexos nos espelhos ganhem autonomia. Ui! Já imaginaram se isso virasse realidade? Teríamos de conviver com nossos opostos, um estranhamento no mínimo desconfortável. Os quadrinhos exploraram o assunto também na série do *Mundo bizarro*, do Super-Homem. Era um *nonsense* pouco habitual no universo previsível dos super-heróis.

Estava pensando nos estranhamentos do mundo moderno quando me deparei com uma pequena nota de jornal. Encenava-se a ópera *Carmen*, de Bizet, no Theatro Municipal do Rio. Suponho que a plateia, que pagou caro, estava mergulhada na história e na interpretação da orquestra e dos solistas. Não é que um cidadão saca seu *iPad* e passa um tempão checando os e-mails, dedinhos nervosos para cima e para baixo, com a tela iluminando a penumbra indispensável para a fruição plena do espetáculo? Como esse tipo de desrespeito está entrando na “normalidade”, apenas uma pessoa esboçou reação. Uma espécie de angústia semelhante à incontinência urinária se espalha como praga nas relações pessoais e no uso dos espaços público e privado. Tudo passou a ser urgente. Todos os torpedos, *e-mails* e chamadas no celular viraram prioridade, casos de vida ou morte. Interrompem-se conversas para olhar telinhas e telonas, desrespeitando interlocutores. Como este tipo de patologia tende a se diversificar, já há gente que conversa e olha o computador ao mesmo tempo, como aqueles lagartos esquisitos cujos olhos se movimentam sem aparente coordenação. Outros participam de reuniões sem desligar sua tralha eletrônica (na verdade, não estão nas reuniões). Especialistas em informática previram que, num futuro não muito distante, *chips* serão implantados no corpo. Estão atrasados. Corpos já pertencem a máquinas. A vida é controlada a distância e por outros.

Outro estranhamento vem da inundação de imagens, aflição que chamo de galeria dos sem imaginação. Enxurradas de fotos invadem o espaço virtual, a enorme maioria delas sem o menor significado e perfeitamente descartáveis. O *Instagram* recebe 60 milhões de fotos por dia, ou seja, quase 700 fotos por segundo! Fico pensando no sorriso irônico ou, quem sabe, no horror em estado bruto, que Cartier-Bresson<sup>1</sup> esboçaria se esbarrasse nisso. Ele, que procurava a poesia nos pequenos gestos, no cotidiano que se desdobrava em surpresas, nos reflexos impensados, jamais empilharia a coleção de sorrisinhos forçados que caracteriza a obsessão pelos *clics*.

Essa história dos sorrisos foi muito bem notada pela Nora Rónai, que citei logo no início. Vivemos a era das aparências. Com a multiplicação das imagens, vem a obrigação de “estar bem”. Afinal de contas, quem vai querer se exibir no *Facebook* ou nas trocas de mensagens com uma ponta de melancolia ou, pelo menos, um suspiro de realidade? O mundinho virtual exige estado de êxtase permanente. Uma persona que não passa de ilusão. Criatividade não quer dizer tristeza, claro, mas certamente precisa incorporá-la como tijolo construtor da nossa personalidade. O resto é fofoca. Eric Nepomuceno, tradutor e escritor, fez o seguinte comentário sobre seu amigo Gabriel Garcia Márquez, que acabara de morrer: “Tudo o que ele escreveu é revelador da infinita capacidade de poesia contida na vida humana. O eixo, porém, foi sempre o mesmo, ao redor do qual giramos todos: a solidão e a esperança perene de encontrar antídotos contra essa condenação”. Nada que essas maquininhas onipresentes possam registrar, elas que jamais entenderiam a fina ironia de Fernando Pessoa no *Poema em linha reta*, que começa assim: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”. Mais adiante: “Arre, estou farto de semideuses. Onde é que há gente nesse mundo?”.

A praga narcísica desembarcou nas camas. Leio que nova moda é fazer *selfies*<sup>2</sup> depois do sexo. O casal transa, mas isso não basta. É urgente compartilhar! Tira-se uma foto da aparência de ambos, coloca-se no *Instagram* e ... pronto. O mundo inteiro será testemunha de um momento íntimo, talvez o mais íntimo de todos. Meu estranhamento vai ao paroxismo. É a esse mundo que pertencem? Antigamente, era costume dizer que o que não aparecia na televisão não existia. Atualizando a frase: pelo visto, o que não está na rede não existe. É a universalização do movimento apenas muscular, sem sentido, leviano, rapidamente perecível.

Durante o exílio, o poeta argentino Juan Gelman passou um bom tempo sem conseguir escrever. A inspiração não vinha. Disse ele: “A poesia é uma senhora que nos visita ou não. Convocá-la é uma impertinência inútil. Durante uns bons quatro anos, o choque do exílio fez com que essa senhora não me visitasse”. Quando, finalmente, a senhora chega, tudo muda, como narra o poeta: “A visita é como uma obsessão. Uma espécie de ruído junto ao ouvido. Escrevo para entender o que está acontecendo”. Não consigo imaginar uma serenidade como essa no mundo virtual. Tudo nasce e morre antes de ser completamente absorvido. Cada novidade passa a ser vital, filas se formam nas madrugadas nas portas de lojas que começam a vender modelos mais avançados de produtos eletrônicos. Não dá pra esperar um dia, muito menos uma hora. O silêncio e a introspecção são guerrilheiros no habitat plugado. Estou me alistando neste exército de Brancaleone.<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Henri Cartier-Bresson: (França 1908- 2004), fotógrafo do século XX, considerado por muitos como o pai do fotojornalismo.

<sup>2</sup> fazer *selfies*: *selfie* é uma palavra em inglês, um neologismo com origem no termo *self-portrait*, que significa autorretrato, e é uma foto tirada e compartilhada na internet. Normalmente uma *selfie* é tirada pela própria pessoa que aparece na foto, com um

celular que possui uma câmera incorporada, com um smartphone, por exemplo.

<sup>3</sup> O Incrível Exército de Brancaleone (em italiano: L'armata Brancaleone): é um filme italiano de 1966, do gênero comédia. Foi dirigido por Mario Monicelli. O *Exército de Brancaleone* é considerado um clássico italiano, que retrata os costumes da cavalaria medieval através da comédia satírica. É um filme inspirado em *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes.

Disponível em: <<http://www.cartamaior.com.br/?/Opinioao/A-morte-da-imaginacao/30783>>. Acesso em: 16 ago. 2014. (Adaptado).

(Cefet MG 2015) Considere as seguintes passagens do texto.

I. “Ele, que procurava a poesia nos pequenos gestos, no cotidiano que se desdobrava em surpresas, nos reflexos impensados, jamais empilharia a coleção de sorrisinhos forçados que caracteriza a obsessão pelos *clics*.”

II. “A praga narcísica desembarcou nas camas. Leio que nova moda é fazer *selfies* depois do sexo. O casal transa, mas isso não basta. É urgente compartilhar!”

III. “Não consigo imaginar uma serenidade como essa no mundo virtual. Tudo nasce e morre antes de ser completamente absorvido. Cada novidade passa a ser vital, filas se formam nas madrugadas nas portas de lojas que começam a vender modelos mais avançados de produtos eletrônicos.”

IV. “Não dá pra esperar um dia, muito menos uma hora. O silêncio e a introspecção são guerrilheiros no habitat plugado. Estou me alistando neste exército de Brancaleone”.

Há marcas da linguagem coloquial apenas em

- a) I e III.
- b) I e IV.
- c) II e III.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

### Exercício 9

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
GATES E JOBS

Quando as órbitas se cruzam

<sup>7</sup>Em astronomia, quando as órbitas de duas estrelas se entrecruzam por causa da interação gravitacional, tem-se um sistema binário. Historicamente, ocorrem situações análogas quando uma era é moldada pela relação e rivalidade de dois grandes astros orbitando: Albert Einstein e Niels Bohr na física no século XX, por exemplo, ou Thomas Jefferson e Alexander Hamilton na condução inicial do governo americano. Nos primeiros trinta anos da era do computador pessoal, a partir do

final dos anos 1970, o sistema estelar binário definidor foi composto por dois indivíduos de grande energia, que largaram os estudos na universidade, ambos nascidos em 1955. Bill Gates e Steve Jobs, apesar das ambições semelhantes no ponto de convergência da tecnologia e dos negócios, <sup>5</sup>tinham origens bastante diferentes e personalidades radicalmente distintas.

À diferença de Jobs, Gates entendia de programação e tinha uma mente mais prática, mais disciplinada e com grande capacidade de raciocínio analítico. Jobs era mais intuitivo, romântico, e dotado de mais instinto para tornar a tecnologia usável, o design agradável e as interfaces amigáveis. Com sua mania de perfeição, era extremamente exigente, além de administrar com carisma e intensidade indiscriminada. <sup>3</sup>Gates era mais metódico; as reuniões para exame dos produtos tinham horário rígido, e ele chegava ao cerne das questões com uma habilidade ímpar. Jobs encarava as pessoas com uma intensidade cáustica e ardente; Gates às vezes não conseguia fazer contato visual, mas era essencialmente bondoso.

<sup>4</sup>“Cada qual se achava mais inteligente do que o outro, mas Steve em geral tratava Bill como alguém levemente inferior, sobretudo em questões de gosto e estilo”, diz Andy Hertzfeld. “Bill menosprezava Steve porque ele não sabia de fato programar.” Desde o começo da relação, <sup>6</sup>Gates ficou fascinado por Jobs e com uma ligeira inveja de seu efeito hipnótico sobre as pessoas. Mas também o considerava “essencialmente esquisito” e “estranhamente falho como ser humano”, e se sentia desconcertado com a grosseria de Jobs e sua tendência a funcionar “ora no modo de dizer que você era um merda, ora no de tentar seduzi-lo”. Jobs, por sua vez, via em Gates uma estreiteza enervante.

<sup>2</sup>Suas diferenças de temperamento e personalidade <sup>1</sup>iriam levá-los para lados opostos da linha fundamental de divisão na era digital. Jobs era um perfeccionista que adorava estar no controle e se comprazia com sua índole intransigente de artista; ele e a Apple se tornaram exemplos de uma estratégia digital que integrava solidamente o hardware, o software e o conteúdo numa unidade indissociável. Gates era um analista inteligente, calculista e pragmático dos negócios e da tecnologia; dispunha-se a licenciar o software e o sistema operacional da Microsoft para um grande número de fabricantes.

Depois de trinta anos, Gates desenvolveu um respeito relutante por Jobs. “De fato, ele nunca entendeu muito de tecnologia, mas tinha um instinto espantoso para saber o que funciona”, disse. Mas Jobs nunca retribuiu valorizando devidamente os pontos fortes de Gates. “Basicamente Bill é pouco imaginativo e nunca inventou nada, e é por isso que acho que ele se sente mais à vontade agora na filantropia do que na tecnologia”, disse Jobs, com pouca justiça. “Ele só pilhava despidoradamente as ideias dos outros.”

(ISAACSON, Walter. *Steve Jobs: a biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 189-191. Adaptado)



(Epcar (Afa) 2013) Sobre a tira acima, **NÃO** se pode afirmar que

- a) a fala de São Pedro corrobora as ideias expostas no texto.
- b) depreende-se um tom sarcástico nas falas dos dois interlocutores.
- c) os verbos foram flexionados no imperativo afirmativo de acordo com a norma padrão.
- d) a colocação do pronome pessoal oblíquo no segundo quadrinho é marca da linguagem coloquial brasileira.

### Exercício 10

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto I

#### O silêncio incomoda

<sup>1</sup>Como trabalho em casa, assisto a um grande número de jogos e programas esportivos, alguns porque gosto e outros para me manter atualizado, vejo ainda muitos noticiários gerais, filmes, programas culturais (são pouquíssimos) e também, por curiosidade, muitas coisas ruins. Estou viciado em televisão.

Não suporto mais ver <sup>25</sup>tantas tragédias, crimes, violências, falcaturas e tantas politicagens para a realização da Copa de 2014.

Estou sem paciência <sup>20</sup>para assistir a tantas partidas tumultuadas no Brasil, consequência do estilo de jogar, da tolerância com a violência e do ambiente bélico em <sup>14</sup>que <sup>9</sup>se transformou o futebol, dentro e fora do campo.

Na transmissão das partidas, <sup>30</sup>fala-se e grita-se demais. Não há um único instante de silêncio, nenhuma pausa. O barulho é cada dia maior no futebol, nas ruas, nos bares, nos restaurantes e em quase todos os ambientes. O silêncio incomoda as pessoas.

É óbvio <sup>15</sup>que informações e estatísticas são importantíssimas.

Mas exageram. <sup>2</sup>Fala-se <sup>26</sup>muito, mesmo com a bola rolando.

Impressiona-me <sup>18</sup>como <sup>10</sup>se formam conceitos, dão opiniões, baseados em estatísticas <sup>13</sup>que têm pouca ou nenhuma importância.

Na partida entre Escócia e Brasil, um repórter da TV Globo deu a <sup>6</sup>“grande notícia”, <sup>21</sup>que Neymar foi o primeiro jogador brasileiro a marcar dois gols contra a Escócia em uma mesma partida.

<sup>22</sup>Parece haver uma disputa para saber <sup>19</sup>quem dá mais informações e estatísticas, e outra, entre os narradores, <sup>3</sup>para saber quem grita gol mais <sup>23</sup>alto e <sup>24</sup>prolongado. <sup>11</sup>Se dizem <sup>16</sup>que a imagem vale mais que mil palavras, por que se fala e se grita tanto?

<sup>21</sup>Outra discussão <sup>27</sup>chata, durante e após as partidas, é <sup>8</sup>se um jogador teve a intenção de colocar a mão na bola e de fazer pênalti, e se outro teve a intenção de atingir o adversário. Com raríssimas exceções, <sup>4</sup>ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador.

<sup>7</sup>O que ocorre, com frequência, é <sup>5</sup>o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro. O impulso está à frente da consciência. Não sou também tão ingênuo para achar <sup>17</sup>que todas as faltas violentas são involuntárias.

Não dá para o árbitro saber <sup>12</sup>se a falta foi intencional ou não. Ele precisa julgar o fato, e não a intenção. Eles precisam ter também bom senso, o que é raro no ser humano, para saber a gravidade das faltas. <sup>29</sup>Muitas parecem <sup>28</sup>iguais, mas não são. Ter critério não é unificar as diferenças.

(Tostão, *Folha de S. Paulo*, caderno D, “esporte”, p. 11, 10/04/2011.)

Texto II

#### O ídolo

Em um belo dia, a deusa dos ventos beija o pé do homem, o maltratado, desprezado pé, e, desse beijo, nasce o ídolo do futebol. <sup>7</sup>Nasce em berço de palha e barraco de lata e vem ao mundo abraçado a uma bola.

<sup>1</sup>Desde que aprende a andar, sabe jogar. Quando criança, alegra os descampados e os baldios, joga e joga e joga nos ermos dos subúrbios até que a noite cai e ninguém mais consegue ver a bola, e, quando jovem, voa e faz voar nos estádios. Suas artes de malabarista convocam multidões, domingo após domingo, de vitória em vitória, de ovação em ovação.

<sup>4</sup>A bola <sup>13</sup>o procura, <sup>14</sup>o reconhece, precisa dele. No peito de <sup>18</sup>seu pé, ela descansa e se embala. <sup>6</sup>Ele <sup>19</sup>lhe dá brilho e <sup>20</sup>a faz falar, e neste diálogo entre os dois, milhões de mudos conversam.

<sup>11</sup>Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, <sup>16</sup>essas fintas que desenharam os zês na grama, <sup>17</sup>esses golaços de calcanhar ou de bicicleta: quando ele joga o time tem doze jogadores. — Doze? Tem quinze! Vinte!

<sup>10</sup>A bola ri, radiante, no ar. Ele a amortece, a adormece, diz galanteios, dança com ela, e vendo essas coisas nunca vistas, seus adoradores sentem piedade por seus netos ainda não nascidos, que não estão vendo <sup>15</sup>o que acontece.

<sup>22</sup>Mas o ídolo é ídolo apenas por um momento, humana eternidade, coisa de nada; e quando chega a hora do azar para o pé de ouro, a estrela conclui sua viagem do resplendor à

escuridão. <sup>3</sup>Esse corpo está com mais remendos que roupa de palhaço, o acrobata virou paralítico, o artista é uma besta:

— Com a ferradura, não!

<sup>8</sup>A fonte da felicidade pública se transforma no <sup>12</sup>para-raios do rancor público:

— Múmial!

Às vezes, o ídolo não cai inteiro. <sup>5</sup>E, às vezes, <sup>2</sup>quando <sup>9</sup>se quebra, a multidão <sup>21</sup>o devora aos pedaços.

(Eduardo Galeano. *Futebol, ao sol e à sombra*.)

### Texto III

#### Sermão da Planície

(para não ser escutado)

Bem-aventurados os que não entendem nem aspiram a entender de futebol, pois deles é o reino da tranquilidade.

Bem-aventurados os que, por entenderem de futebol, não se expõem ao risco de assistir às partidas, pois não voltam com decepção ou enfarte.

(...)

Bem-aventurados os que não escalam, pois não terão suas mãos agravadas, seu sexo contestado e <sup>3</sup>sua integridade física ameaçada, ao saírem do estádio.

<sup>4</sup>Bem-aventurados os que não são escalados, pois escapam das vaias, projéteis, contusões, fraturas, e mesmo da <sup>5</sup>glória precária de um dia.

<sup>2</sup>Bem-aventurados os que não são cronistas esportivos, pois não carecem de explicar o inexplicável e racionalizar a loucura.

(...)

Bem-aventurados os surdos, pois não os atinge o estrondar das bombas da vitória, que fabricam os surdos, nem o <sup>1</sup>matraquear dos locutores, carentes de exorcismo.

(...)

Bem-aventurados os que, depois de escutar esse sermão, aplicarem todo o ardor infantil no peito maduro para desejar a vitória do selecionado brasileiro nesta e em todas as futuras Copas do Mundo, como faz o velho sermoneiro desencantado, mas torcedor assim mesmo, pois para o diabo vá a razão quando o futebol invade o coração.

(Carlos Drummond de Andrade. *Jornal do Brasil*, 18/06/1974.)

(Epcar (Afa) 2012) Encontram-se exemplos de emprego de linguagem coloquial nos seguintes trechos do texto I, **EXCETO**:

a) “Fala-se muito, mesmo com a bola rolando.” (ref. 2)

b) “... para saber quem grita gol mais alto e prolongado...” (ref. 3)

c) “... ninguém é louco para fazer pênalti nem tão canalha para querer quebrar o outro jogador.” (ref. 4)

d) “... o jogador, no impulso, sem pensar, soltar o braço na cara do outro.” (ref. 5)

#### Exercício 11

(Uemg 2010) Leia atentamente os versos a seguir e, depois, faça o que é pedido.

#### Eu sei que vou te amar

Eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida eu vou te amar

Em cada despedida, eu vou te amar

Desesperadamente, eu sei que vou te amar

E cada verso meu será

Pra te dizer

Que eu sei que vou te amar

Por toda a minha vida

Eu sei que vou chorar

A cada ausência tua, eu vou chorar

Mas cada volta tua há de apagar

O que esta tua ausência me causou

Eu sei que vou sofrer

A eterna desventura de viver

À espera de viver ao lado teu

Por toda a minha vida

Vinícius de Moraes e Tom Jobim

No texto dessa letra de música (MPB), observa-se a presença da linguagem coloquial, quando o leitor verifica

a) o uso da segunda pessoa do singular, em ocorrências como “a cada ausência tua”, forma de tratamento empregada em situações comunicativas menos formais, sobretudo quando seu produtor utiliza no texto gírias e jargões.

b) o emprego da expressão “há de apagar”, uma vez que, nesse caso específico, o verbo haver, por não ser sinônimo de existir, refere-se a uma forma típica do português falado espontaneamente.

c) a ocorrência da expressão “eu sei que vou te amar”, porquanto, na linguagem coloquial, a tendência é não empregar o pronome oblíquo posposto à locução verbal; desse modo, na modalidade padrão, a forma a ser empregada seria: eu sei que vou amar-te.

d) a inversão sintática no verso “A cada ausência tua, eu vou chorar”, pois, como a linguagem coloquial ocorre principalmente em situações comunicativas menos tensas e formais, é natural o uso de inversões linguísticas, como a que se observa no verso citado.

#### Exercício 12

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:





(O Estado de S. Paulo, 01.05.2003. Adaptado.)

(Unifesp 2008) Assinale a alternativa correta, tendo como referência todas as falas do menino Calvin.

- a) O emprego de termos como *gente* e *tem* é inadequado, uma vez que estão carregados de marcas da linguagem coloquial desajustadas à situação de comunicação apresentada.
- b) Calvin emprega o pronome *você* não necessariamente para marcar a interlocução: antes, trata-se de um recurso da linguagem coloquial utilizado como forma de expressar ideias genéricas.
- c) O emprego de termos de significação ampla - como *noção*, *tudo*, *normal* - prejudica a compreensão do texto, pois o leitor não consegue entender, com clareza, o que se pretende dizer.
- d) O pronome *eles* é empregado duas vezes, sendo impossível, no contexto, recuperar-lhe as referências.
- e) O termo *bem* é empregado com valor de confirmação das informações precedentes.

### Exercício 13

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
O QUE FAZ VOCÊ FELIZ?

A lua, a praia, o mar  
A rua, a saia, amar...  
Um doce, uma dança, um beijo,  
Ou é a goiabada com queijo?

Afinal, o que faz você feliz?

Chocolate, paixão, dormir cedo, acordar tarde,

Arroz com feijão, matar a saudade...  
O aumento, a casa, o carro que você sempre quis  
Ou são os sonhos que te fazem feliz?

Um filme, um dia, uma semana  
Um bem, um biquíni, a grama...  
Dormir na rede, matar a sede, ler...  
Ou viver um romance? O que faz você feliz?

Um lápis, uma letra, uma conversa boa  
Um cafuné, café com leite, rir à toa,  
Um pássaro, ser dono do seu nariz...  
Ou será um choro que te faz feliz?

A causa, a pausa, o sorvete,  
Sentir o vento, esquecer o tempo,  
O sal, o sol, um som  
O ar, a pessoa ou o lugar?

Agora me diz,  
O que faz você feliz?

(Anúncio publicitário do Grupo Pão de Açúcar, veiculado na Revista *VEJA*, edição de 21 de março de 2007)

(Fatec 2007) Nesse texto publicitário predomina um padrão de linguagem coloquial, no qual podem ocorrer desvios do padrão culto da língua. Assinale a alternativa contendo desvio(s).

- a) "Ou é a goiabada com queijo?".
- b) "O aumento, a casa, o carro que você sempre quis".
- c) "O que faz você feliz?".
- d) "Um cafuné, café com leite, rir à toa".
- e) "Agora me diz, o que faz você feliz?".

### Exercício 14

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
A Lenda da Manioca (lenda dos índios Tupis)

<sup>1</sup>A filha do cacique da tribo deu à luz uma linda indiazinha. A tribo espantou-se:

– Como é branquinha esta criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era linda, silenciosa e quieta. Comia pouco e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um pouco mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério.

Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.



E, sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade.

Um dia, perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. Poucas luas se passaram e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgia uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

<sup>2</sup>– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram!

Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. E até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante. E, em todo o Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

Adaptado de [macvirtual.usp.br/mac/templates/jogo/lenda.asp/](http://macvirtual.usp.br/mac/templates/jogo/lenda.asp/)  
Acessado em 10/10/19.

(G1 - cotil 2020) Dentre as alternativas abaixo, escolha aquela que mais se aproximar do padrão formal da norma culta, considerando os aspectos gramaticais, semânticos e lexicais.

a) A lenda de Mani, exemplo do folclore dos índios tupis, explica a origem da mandioca, que é um dos principais alimentos dos povos indígenas. No Brasil, essa raiz possui vários nomes que variam de região para região, como, por exemplo, aipim, macaxeira, maniva, castelinha, entre outros.

b) Exemplo do folclore dos índios tupís, a lenda de Maní, uma lenda que explica a origem da mandioca, é um dos principais alimentos dos povos indígenas. No Brasil, a mesma possui vários nomes que variam de região para região, como, por exemplo, aipim, macaxeira, maniva, castelinha, entre outros.

c) A lenda de Mani, exemplo do folclore dos índios tupis, explica a origem da mandioca, a qual é um dos principais alimentos dos povos indígenas. No Brasil, essa raiz possui vários nomes que variam de região para região, como, por exemplo, aipim, macacheira, maniva, castelinha, entre outras.

d) Explicando a origem da mandioca, um dos principais alimentos dos povos indígenas, cuja a lenda de Mani é exemplo do folclore dos índios tupis, essa raiz, no Brasil, possui vários nomes que

variavam de região para região, como, por exemplo, aipim, macaxeira, maniva, castelinha, entre outros.

## Exercício 15

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

### Só o ensino superior salva

Sou do tipo que chora. Batizado, casamento<sup>\*</sup>, mas principalmente formatura. Como é bonita a chance e o cumprimento do estudo.

Pra todo mundo, universal mesmo. <sup>1</sup>Imagina a oportunidade a quem só poderia se formar em escola pública. De arrepiar. Por isso comemoro aqui o diploma de mais 423 alunos da URCA, a Universidade Regional do Cariri, conforme leio no site “Miséria”, o jornal da minha aldeia universalíssima. A festa foi nesta quinta (08/08) e haja <sup>2</sup>orgulho na gente de pequenas cidades e da roça nos arredores da Chapada do Araripe. São 12,5 mil alunos nesta escola mantida pelo governo cearense.

Sou do tipo que chora com o ensino público e gratuito e a chance para quem vem lá do mato. Na formatura da <sup>3</sup>URCA, haja primos, <sup>4</sup>pense num povo metido, né, <sup>5</sup>ave palavra, que orgulho enquadrado na parede. Pense numa “balbúrdia”, <sup>6</sup>esse povo “lá de nós”, como na bendita <sup>7</sup>linguagem caririense, <sup>8</sup>formada em Artes Visuais, Biologia, Ciências Econômicas, Ciências Sociais, Direito, Enfermagem, Educação Física, Engenharia de Produção, Física, Geografia, História, Letras, Matemática, Pedagogia, Teatro e Tecnologia da Construção Civil. Pense!

E mais orgulhosamente ainda <sup>9</sup>vos digo: a URCA, segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), <sup>10</sup>viva o gênio Anísio Teixeira, tem a menor taxa de evasão universitária do Brasil, apenas 4,47%. Como a turma dá valor ao candeeiro iluminista sertões adentro. Choro um Orós inteiro e ainda derramo minhas lágrimas no Jaguaribe, rio <sup>11</sup>que constava nos meus livros didáticos como o “rio mais seco do mundo”. <sup>12</sup>Desculpa aí, hoje só <sup>13</sup>venho <sup>14</sup>com as grandezas. Hoje, se eu pudesse, faria você também refletir com um discurso na linha do David Foster Wallace (1962-2008). Aquela sua fala como paraninfo de uma turma de formandos americanos do Kenyon College, em 2005, Gambier, Ohio. Ele escreveu uma singularíssima fábula sobre — <sup>15</sup>repare só! — dois peixinhos e a água. Recomendo a leitura. O texto está no livro *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de* <sup>16</sup>tudo (Companhia das Letras).

De Ohio ao Cariri. Além da URCA, em 2013 conquistamos (nada é de graça) a UFCA, a brava Universidade Federal do Cariri. <sup>17</sup>Era um facho, uma fogueira, era um candeeiro, era uma lamparina, era uma luminária a gás butano, fez-se a luz, *pardon* matriz iluminista, perdão Paris, mas o mundo e o futuro <sup>18</sup>será de um certo Cariri que peleja, aprende a preservar e estuda, somos a própria ideia viva de Patrimônio Universal da Humanidade, só falta o referendo da Unesco — escuto os mestres do Reizado ao fundo, que batuque afro-indígena-futurista.

[...]

Só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Qual o quê, corri léguas rodoviárias, rumo ao Recife, a bordo da viação Princesa do Agreste, ainda no comecinho dos anos 1980. Espírito *beatnik*, por

desejo e necessidade, deixei Juazeiro — onde morava —, o Crato de nascença, a Santana (Sítio das Cobras) afetiva de infância e a Nova Olinda das primeiras letras. Seria o primeiro representante do clã (risos rurais amarcodianos) dos Sá-Menezes-Freire-Novais, família meio pernambucana meio cearense, a chegar ao ensino superior. Um Xicobrás, diria, 100% escolha pública, do primário ao *campus* da UFPE. Hoje tenho uma penca de primos a cada nova formatura, sem precisar sequer sair dos arredores de casa. E pensar que não havia a <sup>19</sup>ideia de universidade no meu terreiro. Nada disso do que hoje comemoro com os formandos da URCA e UFCA. [...].

Só nos resta defender [...]. Sem sequer o direito ao <sup>20</sup>VAR (olho no lance) da história. <sup>21</sup>jmmmmmmmmmmkk kll l çnçççlllçxsp. Eita, desculpa, caro leitor, pela incompreensão da escrita, é que minha filha Irene invadiu esta crônica — tentando ver a Pepa Pig — e dedilhou involuntariamente estas mal-traçadas linhas. [...]

Texto adaptado de Xico Sá, publicado em 10 ago. 2019.

Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440\\_001442.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/10/opinion/1565450440_001442.html)

Acesso em: 14 ago. 2019

\* Os termos sublinhados neste texto representam *hyperlinks* no texto original publicado no sítio eletrônico do jornal *El País*. Conforme o dicionário *Michaelis*, *hyperlink* é, “no contexto da hipermídia e do hipertexto, endereço que aparece em destaque (geralmente sublinhado ou apresentado em uma cor diferente) e que, a um clique no *mouse*, permite a conexão com outro *site*”.

(S1 - ifsul 2020) Qual alternativa apresenta o paralelismo sintático entre os dois primeiros períodos do texto de acordo com a norma culta?

a) Sou do tipo que chora tanto em batizado, casamento, quanto principalmente formatura.

b) Sou do tipo que chora seja batizado, casamento, seja principalmente em formatura.

c) Sou do tipo que chora não apenas em batizado, casamento, principalmente em formatura.

d) Sou do tipo que chora não só em batizado, casamento, mas principalmente em formatura.

### Exercício 16

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Noruega como Modelo de Reabilitação de Criminosos

O Brasil é responsável por uma das mais altas taxas de reincidência criminal em todo o mundo. No país, a taxa média de reincidência (amplamente admitida, mas nunca comprovada empiricamente) é de mais ou menos 70%, ou seja, 7 em cada 10 criminosos voltam a cometer algum tipo de crime após saírem da cadeia.

Alguns perguntariam "Por quê?". E eu pergunto: "Por que não?" O que esperar de um sistema que propõe reabilitar e reinserir aqueles que cometerem algum tipo de crime, mas nada oferece, para que essa situação realmente aconteça? Presídios em estado de depredação total, pouquíssimos programas educacionais e laborais para os detentos, praticamente nenhum incentivo cultural, e, ainda, uma sinistra cultura (mas que diverte muitas pessoas) de que bandido bom é bandido morto (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

Situação contrária é encontrada na Noruega. Considerada pela ONU, em 2012, o melhor país para se viver (1º no ranking do IDH) e, de acordo com levantamento feito pelo Instituto Avante Brasil, o 8º país com a menor taxa de homicídios no mundo, lá o sistema carcerário chega a reabilitar 80% dos criminosos, ou seja, apenas 2 em cada 10 presos voltam a cometer crimes; é uma das menores taxas de reincidência do mundo. Em uma prisão em Bastoy, chamada de ilha paradisíaca, essa reincidência é de cerca de 16% entre os homicidas, estupradores e traficantes que por ali passaram. Os EUA chegam a registrar 60% de reincidência e o Reino Unido, 50%. A média europeia é 50%.

A Noruega associa as baixas taxas de reincidência ao fato de ter seu sistema penal pautado na reabilitação e não na punição por vingança ou retaliação do criminoso. A reabilitação, nesse caso, não é uma opção, ela é obrigatória. Dessa forma, qualquer criminoso poderá ser condenado à pena máxima prevista pela legislação do país (21 anos), e, se o indivíduo não comprovar estar totalmente reabilitado para o convívio social, a pena será prorrogada, em mais 5 anos, até que sua reintegração seja comprovada.

O presídio é um prédio, em meio a uma floresta, decorado com grafites e quadros nos corredores, e no qual as celas não possuem grades, mas sim uma boa cama, banheiro com vaso sanitário, chuveiro, toalhas brancas e porta, televisão de tela plana, mesa, cadeira e armário, quadro para afixar papéis e fotos, além de geladeiras. Encontra-se lá uma ampla biblioteca, ginásio de esportes, campo de futebol, chalés para os presos receberem os familiares, estúdio de gravação de música e oficinas de trabalho. Nessas oficinas são oferecidos cursos de formação profissional, cursos educacionais, e o trabalhador recebe uma pequena remuneração. Para controlar o ócio, oferecer muitas atividades, de educação, de trabalho e de lazer, é a estratégia. A prisão é construída em blocos de oito celas cada (alguns dos presos, como estupradores e pedófilos, ficam em blocos separados). Cada bloco tem sua cozinha. A comida é fornecida pela prisão, mas é preparada pelos próprios detentos, que podem comprar alimentos no mercado interno para abastecer seus refrigeradores.

Todos os responsáveis pelo cuidado dos detentos devem passar por no mínimo dois anos de preparação para o cargo, em um curso superior, tendo como obrigação fundamental mostrar respeito a todos que ali estão. Partem do pressuposto que, ao mostrarem respeito, os outros também aprenderão a respeitar. A diferença do sistema de execução penal norueguês em relação ao sistema da maioria dos países, como o brasileiro, americano, inglês, é que ele é fundamentado na ideia de que a prisão é a privação da liberdade, e pautado na reabilitação e não no tratamento cruel e na vingança.

O detento, nesse modelo, é obrigado a mostrar progressos educacionais, laborais e comportamentais, e, dessa forma, provar

que pode ter o direito de exercer sua liberdade novamente junto à sociedade.

A diferença entre os dois países (Noruega e Brasil) é a seguinte: enquanto lá os presos saem e praticamente não cometem crimes, respeitando a população, aqui os presos saem roubando e matando pessoas. Mas essas são consequências aparentemente colaterais, porque a população manifesta muito mais prazer no massacre contra o preso produzido dentro dos presídios (a vingança é uma festa, dizia Nietzsche).

LUIZ FLÁVIO GOMES, jurista, diretor-presidente do Instituto Avante Brasil e coeditor do Portal atualidadesdodireito.com.br.

Estou no blogdofg.com.br.

\*\* Colaborou Flávia Mestriner Botelho, socióloga e pesquisadora do Instituto Avante Brasil.

FONTE: Adaptado de <http://institutoavantebrasil.com.br/noruega-como-modelo-de-reabilitacao-de-criminosos/>.

Acessado em 17 de março de 2017.

(Espcex (Aman) 2018) Assinale a alternativa em que o particípio sublinhado está utilizado de acordo com a norma culta.

- a) O policial tinha pego o bandido.
- b) O condenado foi prendido por dez anos.
- c) A pena fora suspendida pelo juiz.
- d) Foi terrível o juiz ter aceitado aquela denúncia.
- e) O preso tinha ganho a liberdade.

### Exercício 17

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### A última página

Todos lemos a nós e ao mundo à nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. <sup>1</sup>Lemos para compreender, ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler. Ler, quase como respirar, é nossa função essencial.

<sup>2</sup>Mesmo em sociedades que deixaram registros de sua passagem, a leitura precede a escrita<sup>3</sup>; o futuro escritor deve ser capaz de reconhecer e decifrar o sistema de signos antes de colocá-los no papel. <sup>4</sup>Para a maioria das sociedades letradas – para o islã, para as sociedades judaicas e cristãs como a minha, para os antigos maias, para as vastas culturas budistas –, ler está no princípio do contrato social; aprender a ler foi meu rito de passagem.

<sup>5</sup>Depois que aprendi a ler minhas letras, li de tudo: livros, <sup>6</sup>mas também notícias, anúncios, os títulos pequenos no verso da passagem do bonde, letras jogadas no lixo, jornais velhos apanhados sob o banco do parque, grafites, a contracapa das revistas de outros passageiros no ônibus. Quando fiquei sabendo que Cervantes, em seu apogeu à leitura, lia “até os pedaços de papel rasgado na rua”, entendi exatamente que impulso o levava

a isso. Essa adoração ao livro <sup>7</sup>(em pergaminho, em papel ou na tela) é um dos alicerces de uma sociedade letrada.

A experiência veio a mim primeiramente por meio dos livros. Mais tarde, quando me deparava com algum acontecimento, circunstância ou algo semelhante <sup>8</sup> \_\_\_\_\_ <sup>9</sup>sobre o qual havia lido, isso me causava o <sup>10</sup>sentimento um tanto surpreendente, <sup>11</sup>mas desapontador de *déjà vu*, <sup>12</sup>porque imaginava que aquilo que estava acontecendo agora já havia me acontecido em palavras, já havia sido nomeado.

Meus livros eram para mim transcrições ou glosas <sup>13</sup> \_\_\_\_\_ outro Livro colossal. Miguel de Unamuno, em um soneto, <sup>14</sup>fala do tempo, <sup>15</sup>cujas fontes estão no futuro; minha vida de leitor deu-me a mesma impressão de nadar contra a corrente, vivendo o que já tinha lido. Tal como Platão, passei do conhecimento para seu objeto. Via mais realidade na ideia do que na coisa. <sup>16</sup>Era nos livros que eu encontrava o universo<sup>17</sup>: digerido, classificado, rotulado, meditado, ainda assim formidável.

<sup>18</sup>A leitura deu-me uma desculpa para a privacidade, ou talvez tenha dado um sentido à privacidade que me foi imposta, <sup>19</sup>uma vez que, durante a infância, depois que voltamos para a Argentina, em 1955, vivi separado do resto da família, cuidado por uma babá em uma seção separada da casa. <sup>20</sup>Então, meu lugar favorito de leitura era o chão do meu quarto, deitado de barriga para baixo, pés enganchados <sup>21</sup>sob uma cadeira. Depois, tarde da noite, minha cama tornou-se o lugar mais seguro e resguardado para ler <sup>22</sup> \_\_\_\_\_ região nebulosa entre a vigília e o sono.

O psicólogo James <sup>23</sup>Hillman afirma que a <sup>24</sup>pessoa que leu histórias ou <sup>25</sup>para quem leram <sup>26</sup>histórias na infância “está em melhores condições e tem um <sup>27</sup>prognóstico melhor do que aquela <sup>28</sup>à qual é preciso apresentar as histórias. [...] Chegar cedo na vida já é uma perspectiva de vida”. Para Hillman, essas primeiras leituras tornam-se “algo vivido e por meio <sup>29</sup>do qual se vive, um modo que a alma tem de se encontrar na vida”. A essas leituras, e por esse motivo, voltei repetidamente, <sup>30</sup>e ainda volto.

Cada livro era um mundo em si mesmo e nele eu me refugiava. <sup>31</sup>Embora eu soubesse que era incapaz de inventar histórias como as que meus autores favoritos escreviam, achava que minhas opiniões frequentemente coincidiam com as deles e <sup>32</sup>(para usar a frase de Montaigne) “Passei a seguir-lhes o rastro, murmurando: ‘Ouçam, ouçam!’”.

Fonte: MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 20-24. (Parcial e adaptado.)

(Ucs 2021) De acordo com o texto, ler é

- a) uma prática inerente ao ser humano.
- b) um privilégio restrito a pessoas alfabetizadas.
- c) a forma mais eficiente para se aproximar da norma culta padrão.

d) um processo dicotômico que pressupõe interação consensual entre leitor e obra.

e) a forma de registrar o vivido em sociedades ágrafas.

### Exercício 18

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### TEXTO I

#### Becos de Goiás

Beco da minha terra...

Amo tua paisagem triste, ausente e suja.

Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.

Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.

E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,

e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,

calçando de ouro a sandália velha,

jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,

descendo de quintais escusos

sem pressa,

e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.

Amo a avenca delicada que renasce

na frincha de teus muros empenados,

e a plantinha desvalida, de caule mole

que se defende, viceja e floresce

no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha

que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,

secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.

Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,

no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.

Sem infância, sem idade.

Franzino, maltrapilho,

pequeno para ser homem,

forte para ser criança.

Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura

todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,

discriminados e humildes,

lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.

Beco do Cotovelo.

Beco do Antônio Gomes.

Beco das Taquaras.

Beco do Seminário.

Bequinho da Escola.

Beco do Ouro Fino.

Beco da Cachoeira Grande.

Beco da Calabrote.

Beco do Mingu.

Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,

dos becos da minha terra,

suspeitos... mal afamados

onde família de conceito não passava.

“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.

De gente do pote d’água.

De gente de pé no chão.

Becos de mulher perdida.

Becos de mulheres da vida.

Renegadas, confinadas

na sombra triste do beco.

Quarto de porta e janela.

Prostituta anemiada,

solitária, hética, engalicada,

tossindo, escarrando sangue

na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.

Becos de assombração...

Altas horas, mortas horas...

Capitão-mor - alma penada,

terror dos soldados, castigado nas armas.

Capitão-mor, alma penada,

num cavalo ferrado,

chispando fogo,

descendo e subindo o beco,

comandando o quadrado - feixe de varas...

Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,

perdidas,

começavam em boas casas, depois,

baixavam pra o beco.

Queriam alegria. Faziam bailaricos.

- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.

O delegado-chefe de Polícia - brabeza -

dava em cima...

Mandava sem dó, na peia.

No dia seguinte, coitadas,

cabeça raspada a navalha,

obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,

na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...

Becos de assombração.

Românticos, pecaminosos...

Têm poesia e têm drama.

O drama da mulher da vida, antiga,

humilhada, malsinada.

Meretriz venérea,

desprezada, mesentérica, exangue.

Cabeça raspada a navalha,

castigada a palmatória,

capinando o largo,

chorando. Golfando sangue.

## (ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.

Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.

Uma passagem de terceira no grande coletivo de São Vicente.

Uma estação permanente de repouso - no aprazível São Miguel.

Cai o pano.

CORALINA, Cora. *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.  
21ª ed. - São Paulo: Global Editora, 2006.

## TEXTO II

### O elefante

Fabrico um elefante  
de meus poucos recursos.

Um tanto de madeira  
tirado a velhos móveis  
talvez lhe dê apoio.

E o encho de algodão,  
de paina, de doçura.

A cola vai fixar  
suas orelhas pensas.

A tromba se enovela,  
é a parte mais feliz  
de sua arquitetura.

Mas há também as presas,  
dessa matéria pura  
que não sei figurar.

Tão alva essa riqueza  
a espojar-se nos circos  
sem perda ou corrupção.

E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.

Eis o meu pobre elefante  
pronto para sair  
à procura de amigos  
num mundo enfastiado  
que já não crê em bichos  
e duvida das coisas.  
Ei-lo, massa imponente  
e frágil, que se abana  
e move lentamente  
a pele costurada  
onde há flores de pano  
e nuvens, alusões  
a um mundo mais poético  
onde o amor reagrupa  
as formas naturais.

Vai o meu elefante

pela rua povoada,  
mas não o querem ver  
nem mesmo para rir  
da cauda que ameaça  
deixá-lo ir sozinho.

É todo graça, embora  
as pernas não ajudem  
e seu ventre balofo  
se arrisque a desabar  
ao mais leve empurrão.  
Mostra com elegância  
sua mínima vida,  
e não há cidade  
alma que se disponha  
a recolher em si  
desse corpo sensível  
a fugitiva imagem,  
o passo desastrado  
mas faminto e tocante.  
Mas faminto de seres  
e situações patéticas,  
de encontros ao luar  
no mais profundo oceano,  
sob a raiz das árvores  
ou no seio das conchas,  
de luzes que não cegam  
e brilham através  
dos troncos mais espessos.  
Esse passo que vai  
sem esmagar as plantas  
no campo de batalha,  
à procura de sítios,  
segredos, episódios  
não contados em livro,  
de que apenas o vento,  
as folhas, a formiga  
reconhecem o talhe,  
mas que os homens ignoram,  
pois só ousam mostrar-se  
sob a paz das cortinas  
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite  
volta meu elefante,  
mas volta fatigado,  
as patas vacilantes  
se desmancham no pó.  
Ele não encontrou  
o de que carecia,  
o de que carecemos,  
eu e meu elefante,  
em que amo disfarçar-me.  
Exausto de pesquisa,  
caiu-lhe o vasto engenho  
como simples papel.  
A cola se dissolve  
e todo o seu conteúdo  
de perdão, de carícia,

de pluma, de algodão,  
jorra sobre o tapete,  
qual mito desmontado.  
Amanhã recomeço.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *O Elefante*. 9ª ed. - São Paulo: Editora Record, 1983.

(Ime 2019) A respeito do “conceito de erro em língua”, o gramático Luiz Antônio Sacconi, em sua obra *Nossa Gramática – Teoria e Prática*, afirma:

“Em rigor, ninguém comete erro em língua, exceto nos casos de ortografia. O que se comete são transgressões da norma culta. De fato, aquele que, num momento íntimo do discurso, diz: “Ninguém deixou ele falar”, não comete propriamente erro; na verdade, transgredir a norma culta. (...) Vale lembrar, finalmente, que a língua é um costume. Como tal, qualquer transgressão, ou chamado erro, deixa de sê-lo no exato instante em que a maioria absoluta o comete, passando, assim, a constituir fato linguístico (registro de linguagem definitivamente consagrado pelo uso, ainda que não tenha amparo gramatical).”

SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa Gramática – Teoria e Prática* – 18ª ed. Reformada e atual. São Paulo: Atual, 1994. pp. 8 e 9.

Considerando o conceito de “erro em língua”, exposto acima, assinale a alternativa em que se apresenta uma transgressão da norma culta considerada “fato linguístico”?

- a) Eu não sei aonde o elefante quer chegar.
- b) Ana Lins Bretas, cujo pseudônimo era Cora Coralina, foi uma grande escritora brasileira.
- c) “E há por fim os olhos, / onde se deposita / a parte do elefante” (texto 2, versos 19 a 21).
- d) “Ele não encontrou / o de que carecia, / o de que carecemos,” (texto 2, versos 86 a 88).
- e) É uma das poucas opiniões do poeta onde existe uma controvérsia.

### Exercício 19

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo e responda à(s) questão(ões).

#### A PIPOCA

Rubem Alves

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras que com as panelas. Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de “culinária literária”. Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nóbis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoadada, suflês, sopas, churrascos.

Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A festa de Babette*, que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo – porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento.

As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu. A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas ideias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas. Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado. Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças!

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca,



para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: pum! – e ela aparece como uma outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe. Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Meu amigo William, extraordinário professor-pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia as explicações científicas não valem. Por exemplo: em Minas “piruá” é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: “Fiquei piruá!” Mas acho que o poder metafórico dos piruás é muito maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o dito de Jesus: “Quem preservar a sua vida perdê-la-á.” A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

Disponível em [http://www.releituras.com/rubemalves\\_pipoca.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp).  
Acessado em 31 de mai. 2016.

Obs.: O texto foi adaptado às regras do Novo Acordo Ortográfico.

(Efomm 2017) *Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: ‘Fiquei piruá!’*

Essa passagem com a transposição do discurso direto para o indireto, considerando-se a norma culta, ficaria adequadamente organizada na opção:

- a) Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que ficou piruá.
- b) Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que tinha ficado piruá.
- c) Minha prima, passada dos quarenta, havia lamentado que ficou piruá.
- d) Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que teria ficado piruá.
- e) Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que ficará piruá.

## Exercício 20

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia os textos a seguir para responder à(s) questão(ões) a seguir.

## CERTAS PALAVRAS

Certas palavras não podem ser ditas em qualquer lugar e hora qualquer. Estritamente reservadas para companheiros de confiança, devem ser sacralmente pronunciadas em tom muito especial lá onde a polícia dos adultos não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples: definem partes do corpo, movimentos, atos do viver que só os grandes se permitem e a nós é defendido por sentença dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Certas palavras.  
In: *A palavra Mágica – POESIA*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 32.

## DIÁLOGO FINAL

- É tudo que tem a me dizer? - perguntou ele.
- É - respondeu ela.
- Você disse tão pouco.
- Disse o que tinha para dizer.

- Sempre se pode dizer mais alguma coisa.
- Que coisa?
- Sei lá. Alguma coisa.
- Você queria que eu repetisse?
- Não. Queria outra coisa.
- Que coisa é outra coisa?
- Não sei. Você que devia saber.
- (...)

ANDRADE, Carlos Drummond de. Diálogo Final (trecho).  
In: *Histórias para o Rei – CONTO*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Record,  
1999, p. 42-43.

(G1 - ifpe 2017) O Modernismo brasileiro foi um movimento cultural, artístico e literário que teve seu início marcado pela Semana de Arte Moderna, em 1922, e que buscou examinar e desconstruir os sistemas estéticos da arte tradicional.

Com base na leitura dos textos acima e nos seus conhecimentos acerca das características das obras modernas, assinale a alternativa CORRETA.

- a) Por fazer parte da segunda geração de modernistas, Drummond usufrui de uma liberdade ainda maior do que a imaginada pelos participantes da Semana, o que o permite experimentar grande variedade temática e estilística, conforme vemos nos textos apresentados.
- b) Embora seja modernista, o poema “Certas palavras” faz clara oposição aos ideais defendidos por esse movimento, em que a vontade de quebrar os paradigmas da literatura tradicional não permitiam a sobrevivência do eu lírico.
- c) A estrutura do conto “Diálogo final”, prosaica e com linguagem acessível, só foi possível a partir da terceira geração do Modernismo brasileiro, quando os escritores conquistaram certa autonomia literária e construíram a identidade da literatura nacional.
- d) O poema “Certas palavras”, embora pareça um poema, está escrito em prosa, uma vez que o uso de sinais de pontuação é próprio de textos prosaicos. Em poemas, a organização dos versos e das estrofes dispensa o uso de sinais diacríticos, como a vírgula e os dois-pontos, por exemplo.
- e) Os textos, por romperem com ideais estéticos da literatura tradicional, foram escritos em uma variedade mais formal da Língua Portuguesa, não havendo, em sua composição, trechos em desacordo com a norma culta.

#### Exercício 21

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

As variedades linguísticas brasileiras são diversas à medida da extensão territorial do País. Considere o texto seguinte, que apresenta uma dessas variedades.

— *Vancê já sabe, nha Lainha, que eu ‘tou na mente de lhe pedir; alguém já lhe haverá de ter contado. Ela avermelhou toda:*

— *É: eu sube mesmo.*

— *Agora vancê me diga, p’r o seu mesmo dizer, si d’aqui por diante eu fico no direito de falar p’r’o seu véio no negócio, e também si já não é tempo de ir comprando a roupinha, a louça, a trastaria d’ua casa.*

— *Isso ‘ta no seu querer.*

— *Mas vancê casa antão comigo de tuda a sua vontade, não tem nem um no pensamento?*

— *Não tenho, nho Vicente. Eu não incubro a ideia de casar c’o Réimundo, e ele também queria casar comigo. Agora, dêsqe ele faltou c’a promessa, eu não tenho prisão por ninguém.*

(Silveira, Valdomiro. Constância. In: *Os caboclos: conto*. Rio de Janeiro; Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1975. Adaptado.)

(Ifsp 2013) Como pudemos notar, há, no texto, a tentativa de representação da língua cabocla. Assinale a alternativa em que estão apresentadas três palavras típicas dessa variedade linguística, seguidas de sua grafia correta, conforme a norma culta, nos parênteses.

- a) vancê (cê), si (si), dêsqe (desde que).
- b) véio (velho), d’ua (de uma), c’o (com o).
- c) nha (mocinha), louça (loiça), nem um (nem um).
- d) ‘tou (esto), antão (então), ninguém (ninguém).
- e) sube (subi), trastaria (trasteria), incubro (incubro).

#### Exercício 22

(G1 - ifmt 2020) Assinale a alternativa em que a separação silábica está grafada de acordo com a norma culta da língua portuguesa:

- a) em-pre-en-de-dor; sa-u-da-de; li-vra-ria.
- b) des-ci-da; ra-i-nha; en-xa-gu-ar.
- c) ál-co-ol, a-ni-mais; vas-sou-ra.
- d) ad-vo-ga-do, his-tó-ri-a; a-d-je-ti-vo.
- e) cha-péu; coo-pe-rar; fri-ís-si-mo.

#### Exercício 23

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.**

#### FRONTEIRAS ENTRE GAMES, LIVROS E CINEMA ESTÃO CADA VEZ MENORES

(1) Interatividade, pioneirismo e criação. Essas são as palavras-chave que designam os meios do videogame, do livro e do cinema, e que levam à seguinte conclusão: o entretenimento contemporâneo nunca esteve em tamanha sincronia. Economicamente, são três plataformas com distâncias pequenas (em determinadas vertentes, até opostas), e criativamente, em

consonância, a trindade do entretenimento visual caminha para um mundo com fronteiras cada vez mais ínfimas.

(2) Recentemente, o ministro da Cultura espanhol, José Guirao, apresentou um dado sucinto, mas reverberante: em menos de cinco anos, espera-se que o faturamento do país europeu em videogames ultrapasse a arrecadação do mercado literário. Atualmente, o setor editorial do país fatura cerca de 2 bilhões de euros por ano, já a indústria de videogames ficou com pouco mais de 700 milhões de euros em 2017. Por essa perspectiva, a diferença pode até parecer inalcançável, mas tudo muda se considerado que os 700 milhões de euros tinham como marca, no ano anterior, “apenas” 300 milhões, ou seja, o faturamento anual do mercado de videogames mais do que dobrou nas terras do Dom Quixote.

(3) Em geral, a alta de arrecadamento da indústria do videogame mundo afora não é necessariamente uma novidade. O instituto de data base *Steam* apontou, ainda em maio do ano passado, que, em mídias digitais, os jogos de computadores já rendiam mais do que o streaming de vídeo, livros e música globalmente. E se, na vertente econômica, os números ditam a narrativa, criativamente, contudo, é mais difícil perceber na prática essa exclusão de fronteiras. Mas elas existem. E, para falar sobre isso, nada melhor do que ouvir quem trabalha todo dia nesses meios.

(4) Felipe Dantas é um desenvolvedor de videogames e explica um fator chave que comunga os três meios de forma bem profunda: a narrativa. “Existem narrativas muito fortes que ultrapassam qualquer meio. São enredos que funcionam não só nos filmes, mas também em livros e videogames. Ter essa boa narrativa é a principal forma de quebrar fronteiras”, afirma ele.

(5) Bárbara Morais é uma autora brasileira que vê essa quebra de fronteiras de uma maneira extremamente positiva: “É super interessante, eu acho que não existem mais barreiras, na verdade. Lembro que um dos meus jogos favoritos tinha uma enciclopédia de personagens e passos, e eu parava para ficar lendo, em um jogo! Eu amava. Eu acho que está tudo integrado, as ideias são contadas de várias formas diferentes e cada meio dá uma roupagem diferente para a história. Cada uma dessas obras acaba completando a outra”.

(6) Mas existe o risco dos livros perderem público para outros meios? De acordo com a autora, não: “Eu acho que, querendo ou não, sempre vai ter um (meio de entretenimento) mais popular, eu não acho que um interfere na produtividade do outro, os meios e as formas de contar história são independentes e podem se manter”. Bárbara também deixa claro como reagiria caso uma de suas obras literárias fosse adaptada para outros meios: “Eu ia amar, mesmo que não fosse uma adaptação boa, ia popularizar meu trabalho; eu toparia, sim”.

(7) Segundo o professor do departamento de comunicação da Universidade Católica de Brasília, Ciro Inácio Marcondes, a ideia de uma consciência “transmídia” não é algo novo, pelo contrário, já marca um fluxo de conhecimento da humanidade - “como desde o texto oral para os livros” -, mas, atualmente, ganha um panorama monetário: “Essa questão da intermedialização tem se proliferado no contexto da comunicação, e essas narrativas transmídias passam não só pelos meios que foram criados, mas, também, por redes sociais, marketing, e isso funciona, inclusive, como uma nova economia”.

(8) Mas, afinal, o fim das fronteiras no entretenimento é para o bem ou para o mal? A questão principal dessa discussão não tem

uma solução simples: “Eu, sinceramente, não consigo ter uma opinião qualitativa. É muito complexo “bater o martelo”. É um fenômeno que já acontece, o grande desafio é você marcar cada cultura com uma vertente, e a expectativa é isso aumentar, pois as mídias já são muito manipuláveis e isso não tem como mudar, é um circuito novo que já está aí”, conclui o acadêmico.

NUNES, Ronayre. *Fronteiras entre games, livros e cinema estão cada vez menores*. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/24/interna\\_diversao\\_arte,739280/relacao-entre-games-e-filmes.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/02/24/interna_diversao_arte,739280/relacao-entre-games-e-filmes.shtml). Acesso em: 25 out. 2019 (adaptado).

(S1 - ifpe 2020) Um texto é escrito de maneira mais formal ou menos formal para atender aos objetivos de sua produção, os quais costumam estar em consonância com a sua função social, bem como com os meios de circulação, entre outros aspectos. Sobre o tipo de registro utilizado para produzir o texto, assinale a alternativa CORRETA.

a) Por ter sido veiculado em um jornal, o texto é escrito na norma culta da língua e não possui coloquialidades, uma vez que esse tipo de registro seria impróprio para o seu contexto de circulação.

b) No 6º parágrafo do texto, o uso da forma “ia”, por duas vezes, em vez de “iria”, aproxima o texto da oralidade e caracteriza uma linguagem informal.

c) A utilização de palavras como “reverberante” (2º parágrafo) e “transmídia” (7º parágrafo) conferem ao texto uma linguagem rebuscada, própria da variedade na qual foi escrito.

d) Expressões como “toparia” (6º parágrafo), “bater o martelo” e “aí” (8º parágrafo), caracterizam uma linguagem informal, imprópria para o texto, que é acadêmico.

e) O texto é acadêmico e, portanto, escrito na variedade formal da língua, o que é comprovado pela citação da fala de um professor universitário no 7º parágrafo.

## Exercício 24

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Gerundismo - evite esse vício de linguagem**

Tanto se tem falado a respeito de gerundismo, que já há quem tenha prática sobre o uso do gerúndio. Há até quem pergunte se o gerúndio não é mais usado ou se é errado o seu emprego. Então, antes que se comece a tomar o certo pelo duvidoso e o errado pelo certo, vamos nos lembrar de algumas regras gramaticais.

Começamos pelo significado da palavra “gerúndio”. Se procurarmos as definições nas gramáticas em uso, encontraremos, geralmente, a seguinte explicação: “Gerúndio é uma das formas nominais do verbo que apresenta o processo verbal em curso e que desempenha a função de adjetivo ou advérbio”.

Ele apresenta-se de duas formas. A simples (Ex.: Chegando a hora da largada, a luz verde acendeu) e a composta (Ex.: Tendo chegado ao fim da corrida, o carro foi recolhido ao boxe).

O gerúndio expressa uma ação que está em curso ou que ocorre simultaneamente ou, ainda, que remete a uma ideia de progressão. Sua forma nominal é derivada do radical do verbo acrescida da vogal temática e da desinência -ndo. Exemplos: comendo; partindo.

Veja, a seguir, o uso do gerúndio na prática:

E a lama desceu pelo morro, destruindo tudo que encontrava pela frente.

Rindo, ele se lembrava com saudades dos dias felizes que tivera.

Abrindo o laptop, começou a escrever.

“Caminhando sozinho aquela noite pela praia deserta, fiz algumas reflexões sobre a morte” (Erico Veríssimo, Solo de Clarineta, p. 12).

Como vimos nos exemplos, o gerúndio pode ser empregado de diferentes maneiras em nossa língua sem que tenhamos praticado nenhuma heresia. Já com o gerundismo é outra história. Nesse caso, trata-se do uso inadequado do gerúndio. Um vício de linguagem que se alastrou de modo tão corriqueiro e insistente que até já virou piada.

Então, se você usa expressões como: “Vou estar pesquisando seu caso” ou “Vou estar completando sua ligação”, mude imediatamente sua fala para: “Vou pesquisar seu caso” e “Vou completar sua ligação”. Note que, nos dois casos, você passa a usar somente duas formas verbais (“vou” + “pesquisar” ou “vou” + “completar”) no lugar de três. Além disso, a ideia temporal a ser transmitida é a de futuro e não de presente em curso.

O gerundismo, portanto, é uma mania que peca pelo excesso, pela inadequação do verbo, que ocorre ao transformarmos, desnecessariamente, um verbo conjugado em um gerúndio.

(Fonte: UOL. Adaptado. Disponível em:

<<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/gerundismo-evite-esse-vicio-de-linguagem.htm>> Acesso em: 20 jan. 2019).

(G1 - ifmt 2020) Levando em conta a norma culta da língua portuguesa, assinale a alternativa em que todas as palavras são acentuadas graficamente devido à mesma regra de acentuação gráfica:

- a) já – há – gerúndio.
- b) prática – gerúndio – é.
- c) gerúndio – advérbio – história.
- d) além – você – gramáticas.
- e) temática – desinência – você.

### Exercício 25

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica de Paulo Brabo e responda à(s) questão(ões).

Meu amigo Hélio, que é pai do Arthur e diz sonoramente três e déss (ao invés de, digamos, “três” e “déis”) fica indignado quando peço na padaria duzentas gramas de presunto – quando a forma correta, insiste ele, é “duzentos” gramas. Sempre que acontece e estamos juntos acabamos discutindo uns dez minutos sobre modos diferentes de falar. Ele de praxe argumenta que as regras de pronúncia e ortografia, se existem, devem ser obedecidas – e que os mais cultos (como eu, um cara que traduz livros!) devem insistir na forma correta a fim de esclarecer e encaminhar gente menos iluminada, como supõe-se seja a moça que me vende na padaria o presunto e o queijo. Eu sempre argumento que quando ele diz que só existe uma forma correta de falar está usurpando um termo de outro ramo, e tentando aplicar a ética à gramática: como se falar “corretamente” implicasse em algum grau de correção moral; como se dizer “duzentas” gramas fosse incorrer numa falha de caráter e dizer “duzentos” fosse prova de virtude e integridade. [...]

<<https://tinyurl.com/ya6ta9cr>> Acesso em: 09.11.2017.

(G1 - cps 2018) Segundo o texto, é possível afirmar que

- a) o autor do texto, apesar de admitir o uso de “duzentas gramas”, afirma que há formas incorretas de pronunciar palavras como “três” e “dés”.
- b) a forma correta a que o autor se refere tem como parâmetro a linguagem coloquial e não a norma culta padrão da língua portuguesa.
- c) há formas de se expressar que não devem existir, principalmente em contextos sociais como o que foi retratado pela crônica.
- d) a expressão que dá nome à crônica faz parte da oralidade do autor e implica, também, questões de prestígio social.
- e) há uma incongruência na afirmação da personagem Hélio, pois o que ele afirma não acontece na vida real.

### Exercício 26

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

Muita gente que ouve a expressão “políticas linguísticas” pela primeira vez pensa em algo <sup>1</sup>solene, formal, oficial, em leis e portarias, em autoridades oficiais, e pode ficar se perguntando o que seriam leis sobre línguas. De fato, há leis sobre línguas, mas as <sup>2</sup>políticas linguísticas também podem ser menos <sup>3</sup>formais – e nem passar por leis propriamente ditas. Em quase todos os casos, figuram no cotidiano, <sup>4</sup>pois envolvem não só a gestão da linguagem, mas também as práticas de linguagem, e as crenças e valores que circulam a respeito <sup>5</sup>delas. Tome, por exemplo, a situação do <sup>6</sup>cidadão das classes confortáveis brasileiras, que quer que a escola ensine a norma culta da língua portuguesa.

<sup>7</sup>Ele folga em saber que se vai exigir isso dos candidatos às vagas para o ensino superior, mas nem sempre observa ou exige o mesmo padrão culto, por exemplo, na ata de condomínio, que ele aprova como está, <sup>8</sup>desapegada da ortografia e das regras de concordância verbais e nominais <sup>9</sup>preconizadas pela gramática normativa. Ele acha ótimo que a escola dos filhos faça <sup>10</sup>baterias de exercícios para fixar as normas ortográficas, mas pouco se incomoda com os problemas de redação nos enunciados das tarefas dirigidas às crianças ou nos textos de comunicação da escola dirigidos à comunidade escolar. Essas são políticas linguísticas. <sup>11</sup>Afinal, onde há gente, há grupos de pessoas que falam línguas. Em cada um desses grupos, há decisões, <sup>12</sup>tácitas ou explícitas, sobre como proceder, sobre o que é aceitável ou não, e por aí afora. Vamos chamar essas escolhas – <sup>13</sup>assim como <sup>14</sup>as discussões que levam até <sup>15</sup>elas e as ações que delas resultam – de políticas. Esses grupos, pequenos ou grandes, de pessoas tratam com outros grupos, que por sua vez usam línguas e têm as suas políticas internas. Vivendo imersos em linguagem e tendo constantemente que lidar com outros indivíduos e outros grupos mediante o uso da linguagem, não surpreende que os recursos de linguagem lá pelas tantas se tornem, eles próprios, tema de política e objetos de políticas explícitas. Como <sup>16</sup>esses recursos podem ou devem se apresentar? Que funções eles podem ou devem ter? Quem pode ou deve ter acesso a <sup>17</sup>eles? Muito do que fazemos, <sup>18</sup>portanto, diz respeito às políticas linguísticas.

Adaptado de: GARCEZ, P. M.; SCHULZ, L. Do que tratam as políticas linguísticas. *ReVEL*, v. 14, n. 26, 2016.

(Ufrgs 2017) Considere as afirmações abaixo.

- I. Alguns cidadãos brasileiros discordam das leis existentes sobre a língua.
- II. Alguns cidadãos brasileiros querem que se exija dos candidatos às vagas para o ensino superior a mesma norma culta que eles exigem nas atas de condomínio.
- III. As escolas dos filhos de alguns cidadãos brasileiros comunicam-se com a comunidade escolar por meio de textos com problemas de redação.

Segundo o texto, quais podem ser consideradas corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

## Exercício 27

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

## UM DOADOR UNIVERSAL

Tomo um táxi e mando tocar para o hospital do Ipase. Vou visitar um amigo que foi operado. O motorista volta-se para mim:

- O senhor não está doente e agora não é hora de visita. Por acaso é médico? Ultimamente ando sentindo um negócio esquisito aqui no lombo...

- Não sou médico.

Ele deu uma risadinha.

- Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor? É isso mesmo, deixa para lá. Para dizer a verdade, não tem cara de médico. Vai doar sangue.

- Quem, eu?

- O senhor mesmo, quem havia de ser? Não tem mais ninguém aqui.

- Tenho cara de quem vai doar sangue?

- Para doar sangue não precisa ter cara, basta ter sangue. O senhor veja o meu caso, por exemplo. Sempre tive vontade de doar sangue. E doar mesmo de graça, ali no duro. Deus me livre de vender meu próprio sangue: não paguei nada por ele. Escuta aqui uma coisa, quer saber o que mais, vou doar meu sangue e é já.

Deteve o táxi à porta do hospital, saltou ao mesmo tempo que eu, foi entrando:

- E é já. Esse negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se. Antes que seja tarde: acabo desperdiçando esse sangue meu por aí, em algum desastre. Ou então morro e ninguém aproveita. Já imaginou quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?

- E nos que não morrem? - limitei-me a acrescentar.

- Isso mesmo. E nos que não morrem! Essa eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto. Olhe aqui uma coisa, não precisa pagar a corrida.

Deixei-me ficar, perplexo, na portaria (e ele tinha razão, não era hora de visitas) enquanto uma senhora reclamava seus serviços:

- Meu marido está saindo do hospital, não pode andar direito...

- Que é que tem seu marido, minha senhora?

- Quebrou a perna.

- Então como é que a senhora queria que ele andasse direito?

- Eu não queria. Isto é, queria... Por isso é que estou dizendo - confundiu- se a mulher. - O seu táxi não está livre?

- O táxi está livre, eu é que não estou. A senhora vai me desculpar, mas vou doar sangue. Ou hoje ou nunca.

E gritou para um enfermeiro que ia passando e que nem o ouviu:

- Você aí, ô, branquinho, onde é que se doa sangue?

Procurei intervir:

- Atenda a freguesa... O marido dela...

- Já sei: quebrou a perna e não pode andar direito.

- Teve alta hoje. - acudiu a mulher, pressentindo simpatia.

- Não custa nada – insisti. - Ele precisa de táxi. A esta hora...

- Eu queria doar sangue - vacilou ele. - A gente não pode nem fazer uma caridade, poxa!

- Deixa de fazer uma e faz outra, dá na mesma.

Pensou um pouco, acabou concordando:

- Está bem. Mas então faço o serviço completo: vai de graça.

Vamos embora. Cadê o capenga?

Afastou-se com a mulher, e em pouco passava de novo por mim, ajudando-a a amparar o marido, que se arrastava, capengando.

- Vamos, velhinho: te aguenta aí. Cada uma!

Ainda acenou para mim, de longe, se despedindo.

SABINO, Fernando. *Um doador universal*. Disponível em: <<<http://www.otempo.com.br/opini%C3%A3o/fernando-sabino/fernando-sabino-um-doador-universal-1.538>>>. Acesso: 08 maio 2017.

(G1 - ifpe 2017) Em relação à linguagem, podemos afirmar que o texto

a) embora se apresente escrito, possui uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da norma culta.

b) foi escrito com total respeito à norma culta da língua portuguesa, não sendo possível encontrarmos trechos em desacordo com as variedades de prestígio.

c) embora apresente expressões coloquiais como “capenga”, “de graça”, “no duro”, a abordagem do assunto “doação de sangue” dá ao texto um tom sóbrio e científico

d) apresenta uma linguagem técnica, porém, de fácil compreensão, uma vez que associa elementos coloquiais a termos formais no decorrer do texto.

e) expõe o preconceito linguístico praticado pelo motorista ao chamar o passageiro de “moço distinto”, discriminando a variedade linguística falada por ele.

## Exercício 28

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

### O monstro da procrastinação

Penélope Salles  
Blog Posgraduando.com

Assim como eu, você tem um monte de coisas para fazer: textos para ler, um artigo para escrever, e-mails importantes para responder, casa para limpar (porque a vida não está fácil para ninguém)? E nessa hora o que você sente é aquela vontade de conferir a última novidade do Facebook? Ou de ver um vídeo no YouTube, passar aquela fase do Candy Crash ou ainda tirar aquela soneca boa no meio da tarde?

Quem nunca?

Infelizmente a perfeita consciência disso não faz as coisas acontecerem como num passe de mágica. É preciso muito mais que força de vontade para deixar o monstro peludo da procrastinação de lado e fazer aquilo que realmente é necessário. Vou falar de cinco estratégias que tenho adotado e que têm me ajudado nesta batalha diária contra este monstro terrível:

## 1. Listas

Faça uma lista de tudo o que precisa ser feito no dia e selecione aquelas que são prioritárias. Não se esqueça de listar até mesmo aquelas atividades consideradas mais “chatas”, mas que são importantes. Eu sei que muita gente já faz isso, mas a necessidade de planejar o dia a dia só surgiu quando eu percebi que não tinha tempo suficiente para fazer tudo o que precisava.

Este hábito facilita e muito a minha vida, já que tenho que me dividir entre o mestrado, a monitoria, o cuidado com a casa, família.

Costumo toda noite, antes de ir dormir, fazer uma lista de tarefas para o dia seguinte na minha agenda. Você pode usar o bloco de notas no celular, o Evernote no computador ou a ferramenta que melhor se adeque à sua rotina. Com a lista de atividades em mãos, fica mais fácil visualizar o que precisa ser feito. Se não sabemos exatamente o que fazer, vamos deixar para mais tarde e aí a procrastinação vai tomar conta.

## 2. Objetivos claros

É claro que sem força de vontade não fazemos nada nessa vida, mas para agirmos precisamos ter claro quais são os nossos objetivos.

Por que é importante fazer o fichamento do texto X? É importante porque vou utilizá-lo para a produção do meu artigo. Por que ler o livro Y? Porque ele será discutido na próxima aula. E assim por diante. Dessa forma, até mesmo as tarefas mais simples e corriqueiras acabam sendo ressignificadas e a partir daí não serão mais ignoradas.

## 3. Prazos pré-estabelecidos

Ao sabermos a data de uma prova, nos descabelamos e começamos a estudar desesperados, não é mesmo? Nada como uma boa pressão para nos mexermos rapidinho. Então, é preciso estabelecer prazos para as tarefas a serem realizadas e depois determinação para cumpri-los.

Você tem que ler um texto X para a aula? Defina um prazo para realizá-lo. Precisa escrever um artigo? Estabeleça uma data para terminá-lo. Você precisa preparar uma apresentação para um seminário? Determine o dia que precisará concluí-lo. E por fim, cumpra os prazos e você se sentirá feliz por ter conseguido vencer mais uma batalha contra este monstro.

## 4. Fuja das Distrações

Você já percebeu que é só iniciar uma tarefa importante, como escrever o projeto do mestrado, terminar a leitura de um livro, estudar para a prova, que tudo ao redor acaba distraindo a nossa atenção? Uma hora é o Facebook, outra é Whatsapp, SMS, e-mails, TV e assim por diante. E essas pequenas distrações consomem tanto do nosso tempo que no final acabamos não fazendo nada do que nos propomos a realizar. Largue tudo, que isso não te pertence mais. Pelo menos nos horários que você estabeleceu para cumprir as suas tarefas.

Eu mesma tenho que aplicar a Técnica Pomodoro para conseguir me concentrar de verdade. Essa técnica é bem simples: você coloca um despertador (eu coloco o timer da cozinha ou então, o despertador do celular) para tocar em 25 minutos. Enquanto isso você realiza uma tarefa e não faz outra coisa neste tempo. Se lembrar de algo, anote num papel, mas depois continue sua tarefa até terminar o tempo. Depois dos 25 minutos, descanse 5 e faça as coisas que estavam pendentes. Você verá uma grande diferença na sua rotina.

Pronto! Você perceberá que priorizar uma tarefa só é melhor do que tentar realizar várias ao mesmo tempo e não conseguir concluir nenhuma.

## 5. Recompensa



Apesar de soar um pouco estranho, a recompensa é a motivação para muitas pessoas cumprirem as tarefas necessárias. Seria mais ou menos o seguinte: você se propõe a fazer determinada atividade e, como forma de realizá-la, promete a si mesmo uma recompensa no final. Embora nem todo mundo concorde com ela, acho que é uma estratégia para nos motivarmos a realizar as tarefas mais difíceis ou mais “chatas”.  
Espero que estas dicas ajudem vocês a evitar a procrastinação.

Fonte: posgraduando.com/blog/procrastinacao

(Uffj-pism 1 2016) O objetivo desse texto é apresentar uma técnica. Uma característica presente nele que está ligada a esse objetivo é o uso de

a) depoimentos da autora.

b) subdivisões em etapas.

c) estrangeirismos diversos.

d) linguagem técnica.

e) perguntas retóricas.

### Exercício 29

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Dois anúncios

#### Rondó de Efeito - para todas as combinações possíveis

Olhei para ela com toda a força,  
Disse que ela era boa,  
Que ela era gostosa,  
Que ela era bonita pra burro:  
Não fez efeito.

Virei pirata:  
Dei em cima de todas as maneiras,  
Utilizei o bonde, o automóvel, o passeio a pé,  
Falei de macumba, ofereci pó...  
À toa: não fez efeito.

Então banquei o sentimental:  
Fiquei com olheiras,  
Ajoelhei,  
Chorei,  
Me rasguei todo,  
Fiz versinhos,  
Cantei as modinhas mais tristes do repertório do Nozinho.  
Escrevi cartinhas e pra acertar a mão, li Elvira a Morta

Virgem

(Romance primoroso e por tal forma comovente que  
ninguém pode lê-lo sem derramar copiosas lágrimas...)

Perdi meu tempo: não fez efeito.  
Meu Deus que mulher durinha!  
Foi um buraco na minha vida.  
Mas eu mato ela na cabeça:

Vou lhe mandar uma caixinha de Minorativas,

Pastilhas purgativas:

É impossível que não faça efeito.

(Bandeira, Manuel. *Estrela da vida inteira*. São Paulo: Nova Fronteira, 2007)

(Insper 2011) Sobre a primeira e segunda estrofes, **só não é correto** afirmar que

a) o grau de coloquialidade é demonstrado pelo emprego de expressões como “gostosa”, “bonita pra burro” e “dei em cima”.

b) os esforços do “eu poético” para conquistar a jovem são marcados pelas expressões “Utilizei o bonde, o automóvel, o passeio a pé”.

c) os termos “macumba” e “pó” denotam alguns dos recursos de que o “eu poético” se utilizou em vão para angariar o afeto da amada.

d) a expressão “não fez efeito”, proveniente do vocabulário médico, é de uso exclusivo da linguagem técnica.

e) o “eu poético” recorre a qualificativos de ordem ética (“boa”), sexual (“gostosa”) e física (“bonita”) para atrair o interesse da jovem.

### Exercício 30

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Passeio à Infância

Primeiro vamos lá embaixo no córrego; pegaremos dois pequenos carás dourados. E como faz calor, veja, os lagostins saem da toca. Quer ir de batelão, na ilha, comer ingás? Ou vamos ficar bestando nessa areia onde o sol dourado atravessa a água rasa? Não catemos pedrinhas redondas para atiradeira, porque é urgente subir no morro; os sanhaços estão bicando os caju maduros. É janeiro, grande mês de janeiro!

Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude. Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é só no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras. Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.

Se quiser, vamos. Converta-se, bela mulher estranha, numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?

Bem pouca coisa eu sei: mas tudo que sei lhe ensino. Estaremos debaixo da goiabeira; eu cortarei uma forquilha com o canivete. Mas não consigo imaginá-la assim; talvez se na praia ainda houver pitangueiras... Havia pitangueiras na praia? Tenho uma ideia vaga de pitangueiras junto à praia. Iremos catar conchas cor-de-rosa e búzios crespos, ou armar o alçapão junto do brejo para pegar papa-capim. Quer? Agora devem ser três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta-pão assada com manteiga? Eu lhe vou aipim

ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.

Mas eu a levarei para a beira do ribeirão, na sombra fria do bambual; ali pescarei piaus. Há rolinhas. Ou então ir descendo o rio numa canoa bem devagar e de repente dar um galope na correnteza, passando rente às pedras, como se a canoa fosse um cavalo solto. Ou nadar mar afora até não poder mais e depois virar e ficar olhando as nuvens brancas. Bem pouca coisa eu sei; os outros meninos riram de mim porque cortei uma iba de assa-peixe. Lembro-me que vi o ladrão morrer afogado com os soldados de canoa dando tiros, e havia uma mulher do outro lado do rio gritando.

Mas como eu poderia, mulher estranha, convertê-la em menina para subir comigo pela capoeira? Uma vez vi uma urutu junto de um tronco queimado; e me lembro de muitas meninas. Tinha uma que para mim uma adoração. Ah, paixão da infância, paixão que não amarga. Assim eu queria gostar de você, mulher estranha que ora venho conhecer, homem maduro. Homem maduro, ido e vivo; mas quando a olhei, você estava distraída, meus olhos eram outra vez daquele menino feio do segundo ano primário que quase não tinha coragem de olhar a menina um pouco mais alta da ponta direita do banco.

Adoração de infância. Ao menos você conhece um passarinho chamado saíra? É um passarinho miúdo: imagine uma saíra grande que de súbito aparecesse a um menino que só tivesse visto coleiros e curiós, ou pobres cambaxirras. Imagine um arco-íris visto na mais remota infância, sobre os morros e o rio. O menino da roça que pela primeira vez vê as algas do mar se balançando sob a onda clara, junto da pedra.

Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância. Na minha adolescência você seria uma tortura. Quero levá-la para a meninice. Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda rira: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino; são pequenas coisas do mato e da água, são humildes coisas, e você é tão bela e estranha! Inutilmente tento convertê-la em menina de pernas magras, o joelho ralado, um pouco de lama seca do brejo no meio dos dedos dos pés.

Linda como a areia que a onda ondeou. Saíra grande! Na adolescência e torturaria; mas sou um homem maduro. Ainda assim às vezes é como um bando de sanhaços bicando os cajus de meu cajueiro, um cardume de peixes dourados avançando, saltando ao sol, na piracema; um bambual com sombra fria, onde ouvi um silvo de cobra, e eu quisera tanto dormir. Tanto dormir! Preciso de um sossego de beira de rio, com remanso, com cigarras. Mas você é como se houvesse demasiadas cigarras cantando numa pobre tarde de homem.

Julho, 1945

Crônica extraída do livro *200 crônicas escolhidas*, de Rubem Braga

(Efomm 2019) No texto, o autor faz uso de algumas marcas de oralidade. Assinale a opção na qual uma dessas marcas está presente.

a) *Podemos cortar folhas de pita, ir para o outro lado do morro e descer escorregando no capim até a beira do açude.*

b) *Com dois paus de pita, faremos uma balsa, e, como o carnaval é no mês que vem, vamos apanhar tabatinga para fazer formas de máscaras.*

c) *Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.*

d) *Ardente da mais pura paixão de beleza é a adoração da infância.*

e) *Bem pouca coisa eu sei; uma vez na fazenda riram: ele não sabe nem passar um barbicacho! Mas o que sei lhe ensino (...).*

### Exercício 31

(Acafe 2018) Assinale a frase elaborada em conformidade com as normas da língua-padrão.

a) Considerando o momento histórico atual do qual estamos vivenciando, onde os meios de comunicação não tem dado conta de divulgar a violência (de todos os tipos), corrupção, desigualdade social, miséria, fome, entre outras calamidades que vêm a cada dia comprometendo o Planeta e continuidade da existência de todos os seres vivos, especialmente os humanos, que nestas últimas décadas, de humanos parecem já existirem muitos poucos dentre milhões.

b) A proposta de criminalização do samba, no início do século passado, era tão racista quanto o Sistema de Justiça Criminal Brasil, cujo critério determinante é a posição de classe do autor, ao lado da cor de pele e de outros indicadores sociais negativos, tais como pobreza, desemprego e falta de moradia.

c) Os defensores da exposição explicam que a obra foi produzida em “um período em que a cultura do fumo vivia em sintonia comum a erotização *queer* da oralidade, em que a forma fálica do cigarro ingressa no universo popular uma intensidade inimaginável”.

d) Quando uma empresa vai mau das pernas, a primeira medida a ser tomada é diminuir o quadro de funcionários para que assim se reduza os gastos, não é mesmo?

### Exercício 32

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir:

#### Fomos proibidos de te amar, São Paulo

Herdamos o mito dos bandeirantes, e vocês transformaram Borba Gato, esse genocida, em fundador de nossa identidade. De legado, temos esta metástase em forma de desenvolvimentismo estéril, estas milhões de toneladas de concreto que hoje tentamos adornar para deixá-las suportáveis, mas que seria melhor não existissem.

Nos confinaram em bolhas de metal, em bolhas de concreto, em bolhas de vidro, como se fôssemos gado que tem por razão

plástico. <sup>1</sup>*Disseram na nossa cara* <sup>2</sup>*que praia de paulistano é shopping*, que Cumbica é o melhor lugar de nossa cidade, que plano de aposentadoria é pousada na Bahia. Que aqui não se cria filho, que essa terra só serve para ganhar dinheiro, como uma versão apocalíptica de Serra Pelada.

<sup>3</sup>*Nos deram uma ponte hedionda como novo cartão postal*, transformaram nossa espinha dorsal em uma avenida de banqueiros, bairros inteiros em cidades-dormitório. Nos chamaram de feios, sem horizonte, sem perspectiva além da fuga.

<sup>4</sup>*Que aqui não tem amor*. Envenenaram nosso ar, nossa água, e até ela nos <sup>5</sup>*usurparam*.

Por identidade nos deram os bairros, que ainda assim se digladiam entre si, o excesso de trabalho e um superpoder: a capacidade de deixar o outro invisível, praticada todos os dias com pessoas e lugares, nos semáforos, quando nos deparamos com o dependente químico <sup>6</sup>*que* chamamos de zumbi, metáfora usada em tom cruel e irônico para dar nome ao <sup>7</sup>*nosso maior monstro social*, justamente porque eles não produzem como nós, os viventes.

<sup>8</sup>*Nossa história e arquitetura foram deixadas às ruínas, que ativamente permitimos que desmoronem*. Nos legaram um palimpsesto de cidade, onde sobrepomos uma camada de concreto à outra, sem respeito pelo passado, planejamento ou cuidado.

Nos disseram que devemos conquistar ou ser conquistados, *non ducor duco\**, fomos colocados em estado permanente de guerra uns contra os outros, nos envenenaram com o medo pelas ruas e deixaram que o único elemento que nos cimentasse fosse o ódio comum e ancestral por São Paulo. Sem história, sem horizonte, perdidos. Fomos proibidos de te amar, São Paulo.

Chega. Talvez essa relação atávica de ódio nos encha os olhos de cataratas e não consigamos dar nome a essa emergência ainda, mas o faremos, com o devido distanciamento histórico.

<sup>9</sup>*Ocupamos as ruas com comida, com música, com arte, com cinema, com vida em toda a sua potência*. <sup>10</sup>*Vimos no feio o belo*, deixamos de ter medo da rua, que surge como um eixo que começa a aglutinar em torno de si uma nova identidade de paulistano. Lutamos com mil unhas e dentes por um pedaço de terra que até então não era mais do <sup>11</sup>*que* um estacionamento e que chamaremos de parque. Fizemos da cicatriz causada pelo militarismo um espaço para ensinar os novos paulistanos a andarem de bicicleta. Ocupamos lugares que nunca tínhamos visto e recuperamos a avenida das mãos dos banqueiros. Faremos turismo na cidade que habitamos. Não aceitamos mais esse ódio, esse estado permanente de guerra, a necessidade de conquistar o outro diariamente.

São Paulo é uma cidade no futuro: pós-apocalíptica, radioativa, seca, onde um dia dinheiro e trabalho não serão os únicos imperativos da vida social. Quando o mundo tremer, todas as cidades serão parecidas com a nossa. <sup>12</sup>*Do caos e da feiúra emerge uma beleza que apenas nós, que rejeitamos sua ideia de belo, vemos*.

Temos vontade de rua, negamos seus heróis, seus monumentos, seus carros, seus modos de vida. Nem <sup>13</sup>*que* nos custem décadas, mas faremos algo belo com os escombros que herdamos e deles faremos uma cidade, não uma abstração chamada São Paulo. Ocuparemos cada fresta, cada trinca, cada buraco da cidade cinza.

Aqui se encerra esse ciclo de ódio e se abre uma possibilidade de um novo começo na relação com São Paulo.

Nossa terra está em transe. Somos afortunados. Somos os novos paulistanos, e essa cidade é nosso rolê.

\* expressão latina: “não sou conduzido, conduzo”

(GUERRA, Facundo. Fomos proibidos de te amar, São Paulo. *Carta Capital*. Caderno Sociedade. 27/08/2015. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fomos-proibidos-de-te-amar-sao-paulo-2365.html>. Acessado em 11/08/2018)

(G1 - cotil 2019) Não se observa o uso de coloquialismo na passagem transcrita em:

a) “Que aqui não tem amor...” (referência 4)

b) “Nos deram uma ponte hedionda como novo cartão postal...” (referência 3)

c) “Disseram na nossa cara que praia de paulistano é shopping...” (referência 1)

d) “Nossa história e arquitetura foram deixadas às ruínas, que ativamente permitimos que desmoronem.” (referência 8)

### Exercício 33

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Os Velhos

Carlos Drummond de Andrade

Todos nasceram velhos — desconfoio.

Em casas mais velhas que a velhice,  
em ruas que existiram sempre — sempre  
assim como estão hoje  
e não deixarão nunca de estar:  
soturnas e paradas e indelévels  
mesmo no desmoronar do Juízo Final.  
Os mais velhos têm 100, 200 anos  
e lá se perde a conta.

Os mais novos dos novos,  
não menos de 50 — enormidade.  
Nenhum olha para mim.  
A velhice o proíbe. Quem autorizou  
existirem meninos neste largo municipal?  
Quem infringiu a lei da eternidade  
que não permite recomeçar a vida?  
Ignoram-me. Não sou. Tenho vontade  
de ser também um velho desde sempre.  
Assim conversarão  
comigo sobre coisas  
seladas em cofre de subentendidos  
a conversa infundável de monossílabos, resmungos,  
tosse conclusiva.

Nem me veem passar. Não me dão confiança.  
Confiança! Confiança!  
Dádiva impensável  
nos semblantes fechados,

nos felpudos redingotes,  
nos chapéus autoritários,  
nas barbas de milénios.  
Sigo, seco e só, atravessando  
a floresta de velhos.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Boitempo II*. São Paulo:  
Record.1986.

### Velhas Árvores

Olavo Bilac

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores moças, mais amigas,  
Tanto mais belas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera e o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres da fome e de fadigas:  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade!  
Envelheçamos rindo. Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem,

Na glória de alegria e da bondade,  
Agasalhando os pássaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem!

BILAC, Olavo. Velhas Árvores. Disponível em:  
<http://www.jornaldepoesia.jor.br/bilac3.html#velhas>. Acesso:  
24.9.17

(Uece 2018) Quanto à linguagem empregada nos poemas *Os velhos* e *Velhas árvores*, é correto afirmar que

a) ambos respeitam o rigor formal da métrica do verso clássico.

b) enquanto o poema de Carlos Drummond expressa contentamento com a velhice, o de Olavo Bilac acentua o aspecto da solidão e da tristeza nesta fase da vida.

c) os poemas procuram ater-se a uma linguagem cheia de coloquialismos para manterem-se mais próximos dos leitores.

d) os versos do poema de Drummond, apesar de serem escritos no padrão culto da língua portuguesa, não têm o mesmo tom elevado da linguagem rebuscada dos versos do poema de Bilac.

### Exercício 34

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### A velha contrabandista

Stanislaw Ponte Preta

Diz que era uma velhinha que sabia andar de lambreta. Todo dia ela passava pela fronteira montada na lambreta, com um bruto

saco atrás da lambreta. O pessoal da Alfândega – <sup>1</sup>tudo malandro velho – começou a desconfiar da velhinha. Um dia, quando ela vinha na lambreta com o saco atrás, o fiscal da Alfândega mandou ela parar. A velhinha parou e então o fiscal perguntou assim pra ela:  
– Escuta aqui, vovozinha, a senhora passa por aqui todo dia, com esse saco aí atrás. Que diabo a senhora leva nesse saco? A velhinha sorriu com os poucos dentes que lhe restavam e mais os outros, que ela adquirira no odontólogo e respondeu:  
– É areia!

Aí quem sorriu foi o fiscal. Achou que não era areia nenhuma e mandou a velhinha saltar da lambreta para examinar o saco. A velhinha saltou, o fiscal esvaziou o saco e dentro só tinha areia. Muito encabulado, ordenou à velhinha que fosse em frente. Ela montou na lambreta e foi embora, com o saco de areia atrás. Mas o fiscal ficou desconfiado ainda. Talvez a velhinha passasse um dia com areia e no outro com <sup>2</sup>muamba, dentro daquele maldito saco. No dia seguinte, quando ela passou na lambreta com o saco atrás, o fiscal mandou outra vez. Perguntou o que é que ela levava no saco e ela respondeu que era areia, <sup>3</sup>uai! O fiscal examinou e era mesmo. Durante um mês seguido o fiscal interceptou a velhinha e, todas as vezes, o que ela levava no saco era areia.

Diz que foi aí que o fiscal se chateou:

– Olha, vovozinha, eu sou fiscal de alfândega com 40 anos de serviço. <sup>4</sup>Manjo essa coisa de contrabando pra burro. Ninguém me tira da cabeça que a senhora é contrabandista.

– Mas no saco só tem areia! – insistiu a velhinha. E já ia tocar a lambreta, quando o fiscal propôs:

– Eu prometo à senhora que deixo a senhora passar. Não dou parte, não apreenho, não conto nada a ninguém, mas a senhora vai me dizer: qual é o contrabando que a senhora está passando por aqui todos os dias?

– O senhor promete que não “<sup>5</sup>espaia”? – quis saber a velhinha.

– Juro – respondeu o fiscal.

– É lambreta.

PRETA, Stanislaw Ponte. *Primo Altamirando e elas*. São Paulo: Agir, Martins Fontes, 2008.

(Uece 2018) No texto de Stanislaw Ponte Preta, aparecem com frequência expressões da fala popular, a exemplo de “tudo malandro velho” (referência 1), “muamba” (referência 2) e “manjo...pra burro” (referência 4). Sobre esta questão, leia as afirmações que seguem.

I. Este tipo de linguagem revela, no texto, uma escrita marcada por um estilo coloquial através do uso consciente de gírias e expressões tiradas da fala informal.

II. Expressões da fala coloquial, como as usadas no texto A velha contrabandista, são próprias da crônica, que é um gênero que se utiliza de alguns recursos típicos da oralidade para dar maior dinâmica ao texto.

III. As expressões coloquiais utilizadas no texto, na verdade, mostram uma escrita desleixada do autor que não domina o registro padrão da língua portuguesa.

IV. O emprego destes coloquialismos podem contribuir para o caráter humorístico da crônica.

Está correto o que se afirma em

a) I e III apenas.

b) II, III e IV apenas.

c) I, II e IV apenas.

d) I, II, III e IV.

### Exercício 35

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto abaixo serve de referência para responder à(s) questão(ões) a seguir.

#### Será que os dicionários liberaram o 'dito-cujo'?

Por Sérgio Rodrigues

*Brasileirismo informal, termo não está proibido, mas deve ser usado de forma brincalhona*

O registro num dicionário não dá certificado automático de adequação a expressão alguma: significa apenas que ela é usada com frequência suficiente para merecer a atenção dos lexicógrafos. O substantivo “dito-cujo”, que substitui o nome de uma pessoa que já foi mencionada ou que por alguma razão não se deseja mencionar, é um brasileirismo antigo e, de certa forma, consagrado, mas aceitável apenas na linguagem coloquial. Mais do que isso: mesmo em contextos informais seu emprego deve ser sempre “jocosos”, ou seja, brincalhão, como anotam diversos lexicógrafos, entre eles o Houaiss e o Francisco Borba. Convém que quem fala ou escreve “dito-cujo” deixe claro que está se afastando conscientemente do registro culto.

Exemplo: “O leão procurou o gerente da Metro e se ofereceu para leão da dita-cuja, em troca de alimentação”, escreveu Millôr Fernandes numa de suas “Fábulas fabulosas”.

(<http://veja.abril.com.br/blog/sobrepalavras/consultorio/sera-que-os-dicionarios-liberaram-odito-cujo/>).

Acesso em 13/11/2015. Texto adaptado)

(G1 - ifal 2016) Em vista da intenção do autor – refletir sobre o uso da expressão “dito-cujo” –, o texto se organiza linguisticamente observando certas propriedades de estilo. Quanto a essas propriedades, apenas está correto o que se afirma em:

a) A linguagem é culta, com traços de erudição que restringem a abrangência de interlocutores do texto, conforme objetiva o autor.

b) O texto compõe-se em estilo formal, sem perder de vista a proximidade com o leitor, recurso que está adequado à finalidade didática da mensagem.

c) Desde o título, que vem em forma de pergunta, o texto busca o coloquialismo, em diálogo simples com o leitor.

d) O texto é formal e coloquial ao mesmo tempo, pois se vale de seriedade e de jocosidade para discutir o tema.

e) O uso exagerado de palavras próprias da linguagem oral deixa o texto leve e informal, garantindo a compreensão geral deste pelo leitor.

### Exercício 36

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Ter mais e ter menos

Vários leitores me escreveram para acusar os "tempos modernos", em que "ter" é mais importante do que "ser". Hoje, o que temos nos define, à condição, claro, de ostentá-lo o suficiente para que os outros saibam: constatando nossos "bens", eles reconheceriam nosso valor social.

Essa seria a razão da cobiça de todos e, em última instância, da facilidade com a qual todos nos tornamos criminosos. A partir dessa constatação, alguns de meus correspondentes tentam explicar uma diferença entre ricos e pobres em matéria de crime.

O argumento básico funciona mais ou menos assim: 1) para ser alguém, na nossa sociedade, é preciso ter e ostentar bens; 2) quem vale menos na consideração social (o desfavorecido, o excluído, o miserável) teria um anseio maior de conquistar aqueles bens que aumentariam seu valor aos olhos dos outros.

Em suma, precisamos ter para ser – e, se formos pouco relevantes ou invisíveis socialmente, só poderemos querer ter mais e com mais urgência. À primeira vista, faz sentido. Mas, antes de desenvolver o raciocínio, uma palavra em defesa da modernidade.

Tudo bem, uma sociedade em que as diferenças são decididas pelo "ter" (vale mais quem tem mais) pode parecer um pouco sórdida. Acharíamos mais digna uma sociedade na qual valeria mais quem "é" melhor, não quem acumulou mais riquezas.

O problema é que, em nosso passado recente, as sociedades organizadas pelo "ser" já existiram, e não foram exatamente sociedades para onde a gente voltaria alegremente – eu, ao menos, não gostaria de voltar para lá.

Geralmente, uma sociedade organizada pelo "ser" é uma sociedade imóvel. Por exemplo, no antigo regime, você podia nascer nobre, perder todos os bens de sua família, inclusive a honra, e continuaria nobre, porque você já era nobre.

Inversamente, você podia nascer numa sarjeta urbana e enriquecer pelo seu trabalho ou pela sua sabedoria, e nem por isso você se tornaria nobre, porque você não o era. Ou seja, em matéria de mobilidade social, as sociedades nas quais o que importa é o "ser" são sociedades lentas, se não paradas, e as sociedades nas quais o que importa é o "ter" são sociedades nas quais a mudança é possível, se não encorajada.

É bom lembrar disso quando criticamos nossa "idolatria" consumista ou nossa vaidade. Podemos sonhar com uma sociedade organizada pelas qualidades supostamente intrínsecas a cada um (haveria os sábios, os generosos, os fortes etc.), mas a alternativa real a uma sociedade do "ter" são sociedades em que castas e dinastias exercem uma autoridade contra a qual o indivíduo não pode quase nada.

Voltemos agora à observação de que, numa sociedade do "ter" como a nossa, os que têm menos seriam, por assim dizer, famintos – e, portanto, propensos a querer a qualquer custo. Eles recorreriam ao crime porque sua dignidade social depende desse "ter" – para eles, ter (como navegar) é preciso. Agora, o combustível de uma sociedade do "ter" é uma mistura de cobiça com vaidade. Por cobiça, preferimos os bens materiais a nossas eventuais virtudes, mas essa cobiça está a serviço da vaidade. A riqueza que acumulamos não vale "em si", ela vale para ser vista e reconhecida pelos outros: é a inveja deles que afirma nossa desejada "superioridade". Em outras palavras, os bens que desejamos são indiferentes; o que importa é o reconhecimento que esperamos receber graças a eles. Por consequência, nenhum bem pode nos satisfazer, e a insatisfação é parte integrante de nosso modelo cultural.

Não é que estejamos insatisfeitos porque nos falta alguma coisa (aí seria fácil, bastaria encontrá-la). Somos (e não estamos) insatisfeitos porque o reconhecimento dos outros é imaterial, difícil de ser medido e nunca suficiente. A procura por bens é infinita ou, no mínimo, indefinida, como é indefinida a procura pelo reconhecimento dos outros.

Os bens que conquistamos (roubando ou não, tanto faz) não estabelecem nenhum "ser", apenas alimentam, por um instante, um olhar que gratificaria nossa vaidade. Não existe uma acumulação a partir da qual nós nos sentiríamos ao menos parcialmente acalmados em nossa busca por esse reconhecimento. Ao contrário, é provável que a cobiça e a vaidade cresçam com o "ter". Ou seja, é bem possível que a tentação do crime seja maior para quem tem mais do que para quem tem menos.

Contardo Calligaris. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2015/05/1634384-ter-mais-e-ter-menos.shtml>. Acesso em: 27/06/15. Adaptado.

(Upe-ssa 3 2016) Quanto aos recursos empregados na construção linguística do texto, que cooperam para a compreensão de seu conteúdo, analise as proposições a seguir.

I. No trecho: “Essa seria a razão da cobiça de todos e, em última instância, da facilidade com a qual todos nos tornamos criminosos.” (2º parágrafo), a expressão destacada reitera a ideia de inclusão já anunciada pela conjunção que a antecede, “e”.

II. A expressão “Em suma”, que inicia o 3º parágrafo, introduz uma espécie de síntese dos parágrafos anteriores, e também sinaliza para o leitor uma reiteração das ideias veiculadas.

III. A expressão “Tudo bem”, que inicia o 4º parágrafo, confere ao texto um coloquialismo que se mostra inadequado ao gênero em que ele se realiza.

IV. No 6º parágrafo, a expressão “ou seja” é responsável por introduzir uma ideia de conclusão ou resumo do conteúdo veiculado anteriormente, no mesmo parágrafo.

Estão **CORRETAS**, apenas:

a) I e II.

b) I, II e III.

c) I, II e IV.

d) II e IV.

e) III e IV.

### Exercício 37

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

*Agressividade is the new black*

RUTH MANUS

Para que dialogar se nós podemos jogar pedras?

*The new black*. Expressão inglesa que designa uma nova tendência, algo que está tão na moda que poderia <sup>1</sup>até mesmo funcionar como um pretinho básico. Adoraria que este fosse um texto sobre jaqueta jeans, mas não é.

“Se prepare, Ruth, a agressividade nas redes sociais é algo que você não pode imaginar.”

Foi o que me disseram pouco antes da estreia do *blog*. Eu, fingindo não estar com medo, balancei a cabeça positivamente como quem diz “tô sabendo, tô sabendo”. Mas como diria Compadre Washington, “sabe de nada, inocente”.

No meu segundo texto, quase desisti de tudo. Eu realmente não tinha dimensão do nível sem cabimento que as pessoas poderiam atingir para atacar algo que na maioria das vezes nem mesmo as provocou.

Há muito tempo venho tentando digerir, mas não consigo.

Achava que a agressividade <sup>2</sup>vinha só de alguns leitores meio ~~4384~~ <sup>3</sup>adadas. Engano meu. Ela vem de todo lado: de quem lê, de quem não lê, de quem lê só o título e <sup>3</sup>até de quem escreve.

E eu pensava que isso acontecia porque o computador torna as pessoas intocáveis, assim como os carros e que por isso elas canalizavam toda sua agressividade nas redes sociais ou no trânsito.

Engano meu. Tá generalizado, como uma peste que se espalha pelo país e ninguém faz nada para conter. Mesa de bar, fila da farmácia, ponto do ônibus. Discursos de ódio e ignorância estão por toda parte.

Acho que existe um erro de conceito. As pessoas passaram a utilizar a agressividade como um artifício para aumentar a própria autoestima.

Como as pessoas se sentem politizadas? Sendo agressivas.

Como as pessoas se sentem informadas? Sendo agressivas.

Como as pessoas se sentem engraçadas? Sendo agressivas.

Como as pessoas se sentem menos ignorantes? Sendo agressivas.

Entendam: <sup>4</sup> pessoas inteligentes não jogam pedras. E pessoas equilibradas não berram, nem mesmo via *caps lock*.

Sempre me vem à mente aquela passagem de Sagarana, em que Augusto Matraga <sup>5</sup>diz que vai para o céu “nem que seja a porrete”. As pessoas tentam reduzir a violência com



agressividade. Tentam melhorar o país com agressividade. Tentam educar seus filhos com agressividade. Tentam fazer justiça amarrando pessoas em postes.

“Pra pedir silêncio eu berro, pra fazer barulho eu mesma faço”.<sup>6</sup> Será que um dia essa gente vai entender que o antônimo de agressividade não é passividade? Mas é assim que tá sendo.

Porque argumentar dá muito trabalho. Pesquisar então, nem se fala. Articular um discurso está fora de questão. Tentar persuadir é bobagem. E tolerar... Tolerar é um verbo morto. Agressividade *is the new black*.

(Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/agressividade-is-the-new-black/> - Acesso em 28/08/2020)

(G1 - epcar (Cpcar) 2021) Analisando a construção e a forma de organização do texto, é correto afirmar que

- a) há uma predominância de frases mais curtas, períodos com poucas subordinações, parágrafos menores com o intuito de reproduzir uma linguagem mais próxima da informal, do cotidiano.
- b) as explicações que a autora dá para o aumento da agressividade resultam de uma pesquisa científica cuidadosa evidente no texto.
- c) as interrogações presentes são meramente retóricas, já que são respondidas no decorrer do texto e não afetariam a construção do sentido, caso não o fossem.
- d) o vocábulo “até” (ref. 3), denota a inclusão de escritores na categoria de agressivos, tal qual os leitores, mas sendo aqueles mais amenos que estes.

### Exercício 38

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Um escritor! Um escritor!**

Antônio Prata\*

Com o jornal numa mão e um guaraná diet na outra, eu *caminhava pelas ruas de* <sup>1</sup>**Kiev**, *desviando de barricadas e coquetéis molotov*, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do Boeing 737: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um médico a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”.

Foi aquele discreto alvoroço: todos cochichando, olhando em volta, procurando o doente e torcendo por um doutor, até que, do fundo da aeronave, despontou o nosso herói. Vinha com passos firmes — grisalho, como convém —, a vaidade disfarçada num leve enfado, como um Clark Kent que, naquele momento, estivesse menos interessado em demonstrar os superpoderes do que em comer seus amendoins.

Um comissário o encontrou no meio do corredor e o levou, apressado, até uma senhora gorducha que segurava a cabeça e hiperventilava na primeira fileira do avião. O médico se agachou, tomou o pulso, auscultou peito e costas, conversou baixinho com

ela, depois falou com a aeromoça. Trouxeram uma caixa de metal, ele deu um comprimido à mulher e, nem dez minutos mais tarde, voltou pros seus amendoins, sob os olhares admirados de todos. Ou de quase todos, pois a minha admiração, devo admitir, foi rapidamente <sup>2</sup>**fagocitada** pela inveja. Ora, quando a *medicina nasceu, com Hipócrates*, a *história de* <sup>3</sup>**Gilgamesh** já circulava pelo mundo havia mais de dois milênios: desde tempos imemoriais, enquanto o corpo seguia ao deus-dará, a alma era tratada por mitos, versos, fábulas — e, no entanto...

No entanto, caros leitores, quem aí já ouviu uma aeromoça pedir, ansiosa: “Atenção, senhores passageiros, caso haja um escritor a bordo, favor se apresentar a um de nossos comissários”?

Eu não me abalaria. Fecharia o jornal, sem afobação, poria uma Bic e um guardanapo no bolso, iria até a senhora gorducha e me agacharia ao seu lado. Conversaríamos baixinho. Ela me confessaria, quem sabe, estar prestes a reencontrar o filho, depois de dez anos brigados: queria falar alguma coisa bonita pra ele, mas não era boa com as palavras. Eu faria uma rápida <sup>5</sup>**anamnese**: perguntaria os motivos da briga, <sup>5</sup>se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**, levantaria recordações prazerosas da relação e, antes de tocarmos o solo, entregaria à mulher três parágrafos capazes de verter lágrimas até da estátua do Borba Gato.

De volta ao meu lugar, passageiros me cumprimentariam e compartilhariam histórias semelhantes. Uma jovem mãe me contaria do primo poeta que, num restaurante, ao ouvir os apelos do garçom — “Um escritor, pelo amor de Deus, um escritor!” —, tinha sido levado até um rapaz apaixonado e conseguido escrever seu pedido de casamento no cartão de um buquê antes que a futura noiva voltasse do banheiro.

Um senhor comentaria o caso muito conhecido do romancista que, após as súplicas de mil turistas, fora capaz de convencer 200 tripulantes de um cruzeiro a abandonar o gerúndio.

Eu sorriria, de leve. Diria “Pois é, se você escolheu essa profissão, tem que estar preparado pras emergências”, então recusaria, educadamente, o segundo saquinho de amendoins que a aeromoça me ofereceria e voltaria, como se nada tivesse acontecido, *para as* <sup>6</sup>**bombas da Crimeia**, com meu copo de guaraná.

\*Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de *Nu, de Botas*.

*Jornal Folha de São Paulo*, 25 mai. 2014 – Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/>>. Acesso em 27 ago.2019.

### Vocabulário de apoio:

<sup>1</sup> **Kiev**: capital e maior cidade da Ucrânia. No trecho: “*eu caminhava pelas ruas de Kiev, desviando de barricadas e coquetéis molotov*”, o autor se refere ao tema do livro (Guerra da Crimeia) que ele lia, enquanto estava no voo. Os termos ‘barricadas’(trincheiras feitas de improviso) e ‘coquetéis molotov’(tipo de arma química, geralmente usada em guerrilhas) estão relacionados ao tema da leitura feita pelo autor.

<sup>2</sup> **fagocitada**: neologismo criado a partir de *fagocitose*: processo de ingestão e destruição de partículas sólidas, como bactérias ou

pedaços de tecido necrosado, por células ameboides chamadas de fagócitos [tem como uma das funções a proteção do organismo contra infecções.]; no texto, ‘fagocitada’ pode ser substituída por ‘devorada’.

<sup>3</sup> No trecho: “a *medicina nasceu, com Hipócrates, a história de Gilgamesh*”, o autor se refere a Hipócrates – pensador grego, considerado o “pai da Medicina” – e a Gilgamesh - rei da Suméria, mais conhecido atualmente por ser o personagem principal da *Epopéia de Gilgamesh*, um épico mesopotâmico preservado em tabuletas escritas com caracteres cuneiformes (o mais antigo tipo de escrita do mundo).

<sup>4</sup> **anamnese**: lembrança, recordação pouco precisa. No campo da medicina, anamnese é um histórico que vai desde os sintomas iniciais até o momento da observação clínica, realizado com base nas lembranças do paciente.

<sup>5</sup> No trecho: “se o filho estava mais pra **Proust** ou pra **UFC**”, o autor se refere a um escritor francês (**Proust**, importante escritor no cenário da literatura mundial) e a **UFC**, cuja sigla em inglês *Ultimate Fighting Championship*, designa organização de MMA (Artes Marciais Mistas) que produz eventos ao redor de todo o mundo.

<sup>6</sup> **bombas da Crimeia** – referência à Guerra da Crimeia (1853-1856), assunto do livro que o autor lia, durante o voo.

(G1 - cftmg 2020) No texto, o autor faz uso de um registro mais informal da língua portuguesa para

a) expressar sua insatisfação com os usos da língua em mensagens de bordo, como em: “Atenção, senhores passageiros, *caso haja um médico* a bordo, favor apresentar-se [...]”;

b) aproximar-se dos usos cotidianos da língua, como ocorre na opção de ‘pra’, em vez de ‘para’, no trecho: “queria falar alguma coisa bonita *pra* ele, mas não era boa com as palavras.”.

c) revelar conhecimento de vocabulário técnico da área médica, como no fragmento: “Eu faria uma rápida *anamnese*: perguntaria os motivos da briga, se o filho estava mais pra Proust ou pra UFC”.

d) demonstrar domínio de termos estrangeiros, como em: “Com o jornal numa mão e um guaraná *diet* na outra, eu caminhava pelas ruas de *Kiev*, desviando de barricadas e coquetéis *molotov*, quando a voz no sistema de som me trouxe de volta à poltrona 11C do *Boeing 737*”.

### Exercício 39

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**Quer virar um gênio da web? Saiba como criar seu meme para WhatsApp**

Por Márcio Padrão  
27/10/2018

No princípio, era o verbo. Depois, o e-mail, o link e o website. Logo em sequência, o GIF do bebê dançando, um dos primeiros memes da internet. Desde então, essa forma de comunicação dos novos tempos se alastrou como um tsunami em todas as nossas conversas e redes sociais. Mas e você? Já fez algum meme? Memes são conteúdos multimídia que se espalham (viralizam) rapidamente, recriando fatos ou algum conteúdo original com um propósito humorístico ou de sátira. Tudo vira meme na mão do povão: uma cena importante de "Game of Thrones", um discurso político, uma derrota de um time de futebol ou uma foto bizarra de um anônimo.

A graça dele é que justamente qualquer um com uma boa sacada pode criar um meme ou participar de um que já está rolando na web. Se você quer fazer um, lembre-se de que um bom meme geralmente possui essas características, segundo o site "Thrillist":

### Mensagem simples e eficiente

É preciso que a frase/imagem/áudio/legenda/GIF/vídeo traga uma mensagem curta e clara, e com referências e contexto fáceis de identificar. De preferência, sobre algo que ainda esteja fresco na memória das pessoas. Por isso, o autor do meme também deve ser rápido se quiser "surfar" no assunto do momento.

### Evolução

O meme não pode permanecer estático; seu sinal de sucesso é que ele deve ser adotado e constantemente recriado pelo grande público, ou pelo menos por seu público-alvo.

### Maleabilidade

Ele deve ter em si elementos que ajudem em sua própria evolução, com detalhes que podem ser alterados, mas mantendo o núcleo da ideia original. Por exemplo: se o meme for o de uma placa de aviso com uma frase, que seja possível trocar a frase por outra diferente sem que polua demais a imagem original.

### Efeito

E o mais importante: tem que atingir um certo nível de popularidade e compreensão. Em poucas palavras, tem que causar reação e interesse imediato nas pessoas, além de ativar nelas o interesse de repassar o meme ou de fazer outros parecidos.

Texto adaptado. Disponível em:  
<https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/10/27/como-criar-seu-memeparawhatsapp.htm> . Acesso em: 18 jul. 2019.

(Ufjf-pism 1 2020) Releia o trecho abaixo retirado do texto:

*Tudo vira meme na mão do povão: uma cena importante de "Game of Thrones", um discurso político, uma derrota de um time de futebol ou uma foto bizarra de um anônimo.*

Com base no trecho acima, podemos afirmar que:

a) A partir da utilização do termo *povão*, que, informalmente, refere-se à classe mais baixa da população, é possível inferir que as classes mais ricas não se utilizam do meme como forma de comunicação.

b) A partir da utilização do sinal gráfico de dois-pontos, é possível inferir que a sequência por ele introduzida esgota as possibilidades de fonte de um meme.

c) O emprego do termo *povão* foi utilizado com o propósito de conferir informalidade ao texto, como estratégia de aproximação do leitor.

d) O sinal gráfico de dois-pontos poderia ser substituído por um ponto, sem que tal modificação constituísse desobediência ao padrão da escrita culta.

e) Todos os elementos elencados depois do sinal de dois-pontos são especificados pelo emprego de adjetivos que os caracterizam, respectivamente: *importante*, *político*, *futebol* e *bizarra*.

#### Exercício 40

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### Por trás da “boa aparência”: o racismo em números no mercado.

“Precisa-se de moça de boa aparência para auxiliar de dentista. Rua Boa Vista, 11, primeiro andar.” <sup>1</sup>O <sup>2</sup>anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, <sup>3</sup>contém uma expressão de uso bastante comum até 2006, quando foi proibida por <sup>4</sup>viés discriminatório. Para 70% dos brasileiros, <sup>5</sup>“boa aparência” não é apenas um código para cabelos lisos e pele clara, é um sintoma da discriminação racial ainda presente no <sup>6</sup>país em que mais da metade da população se autodeclara negra.

“Precisamos refletir sobre o significado da compreensão de que vivemos em um país racialmente harmônico, que ainda está presente em nosso imaginário. Pela noção de democracia racial, dizemos que o racismo não existe e, se a população negra vive em desvantagem social, é porque não se esforçou o suficiente”, explica Giselle dos Anjos Santos, doutoranda em História Social pela USP e consultora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), organização pioneira na promoção da equidade racial e de gênero no mercado de trabalho no Brasil.

Na <sup>7</sup>área de recrutamento e seleção por quase uma década, a ex-recrutadora Marion Caruso vivenciou de perto as <sup>8</sup>inconsistências entre discurso e prática relacionadas 1 aceitação racial dentro do mercado de trabalho. “Me pediam que não enviasse pessoas negras para as vagas porque tinham ‘cara de empregadinha’”. Com demandas como 2 que Marion recebia, não é difícil imaginar por que a expectativa de que o Brasil alcance 3 igualdade racial no mercado de trabalho é de 150 anos, <sup>9</sup>segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto Ethos em 2016.

Os números não param de alarmar. <sup>10</sup>Ainda de acordo com o Ethos, embora 54% da população brasileira seja negra, eles ocupam apenas 5% dos cargos de liderança nas maiores empresas do país. Quando se fala em mulheres pretas e pardas em altos cargos de chefia, esse índice chega a menos de 1%. O

espaço para homens e mulheres negros vai se <sup>11</sup>afunilando conforme os cargos vão ficando cada vez mais altos: na base da pirâmide <sup>12</sup>corporativa, os aprendizes negros chegam a ultrapassar os brancos.

Giselle explica que, ao longo da história, a sociedade brasileira se construiu nas bases do racismo. Daí a desigualdade e falta de oportunidades. “Todos os indicadores sociais refletem 4 desigualdades colocadas”, explica a estudiosa. A mulher negra tem 50% mais chances de estar desempregada do que qualquer outro grupo da nossa sociedade. <sup>13</sup>É fundamental que pensemos em ações afirmativas que venham no sentido de superar as desigualdades históricas.”

Mesmo que o número de estudantes negros nas universidades federais tenha triplicado na última década, garantindo a qualificação necessária para as vagas, a consultora e pesquisadora alerta que as barreiras começam muito antes do <sup>14</sup>recrutamento. “Existe uma lógica de rede de informação e contato. Quando perguntados nos censos desenvolvidos pelo CEERT em diferentes instituições como ficaram sabendo de determinada vaga, os profissionais brancos respondem que souberam por parentes e amigos. <sup>15</sup>A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” [...]

Publicado em 23/08/19, por Nayara Fernandes, no portal de notícias R7. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/economia/por-tras-da-boa-aparencia-o-racismo-em-numeros-no-mercado-23082019>>. Acesso em: 25 ago. 2019 (Texto adaptado para fins didáticos).

(G1 - ifsul 2020) Qual das afirmações a seguir está adequada às convenções da gramática normativa?

a) A utilização de aspas, nas duas primeiras linhas, ocorre pelo mesmo motivo pelo qual são utilizadas antes e após a expressão “boa aparência” (referência 5).

b) As expressões “segundo uma pesquisa” (referência 9) e “Ainda de acordo com o Ethos” (referência 10) são marcadores do discurso direto.

c) No período “A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” (referência 15), a palavra “cujos” retoma a expressão “pessoas negras”.

d) No período “O anúncio publicado no Estado de São Paulo, em junho de 1914, contém uma expressão de uso bastante comum [...]” (referência 1), a vírgula é utilizada por tratar-se de um aposto.

#### Exercício 41

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir:

Temple Grandin empacou diante da porteira. Alguns parafusos cravados na madeira lhe saltaram aos olhos. “Tem que limar a

cabeça desses parafusos, se não o gado pode se machucar”, aconselhou à dona da fazenda, Carmen Perez, que ao lembrar a cena comentou: “Sempre passo no curral antes do manejo, observo tudo, dizem que tenho olho biônico, e ela notou uma coisa que eu não tinha visto.”. Grandin tem um parafuso a mais quando se trata do bem-estar dos bichos. Professora de ciência animal, ela é autista e dona de uma hipersensibilidade visual e auditiva. Tocada pelas angústias do gado desde a juventude, ela compreendia por que a rês recuava na hora da vacinação, por que atacava um vaqueiro, por que tropeçava, por que mugia. Grandin traduziu esse entendimento em projetos que propunham mudanças no manejo. Hoje, instalações criadas por ela são familiares a quase metade dos bovinos nos Estados Unidos. O Brasil, com seus quase 172 milhões de cabeças de gado, segundo o Censo Agropecuário de 2017, vem aos poucos fazendo ajustes alinhados com as propostas da americana.

Em julho passado, Grandin, hoje com 71 anos, veio ao Brasil pela sexta vez. Na fazenda Orvalho das Flores, localizada em Barra do Garças (MT), ela testemunhou como a equipe de Perez conduz suas 2 980 cabeças de Nelore, raça predominante no país. Os vaqueiros massageiam os bezerras, não gritam com os bois, tampouco deixam capas de chuva, correntes ou chapéus no caminho dos animais.

A engenheira agrônoma Maria Lucia Pereira Lima foi aluna de pós-doutorado de Grandin na Universidade do Estado do Colorado, em Fort Collins, em 2013. Viajara aos Estados Unidos para aprender como medir o bem-estar dos bovinos e se inteirar de inovações que pudessem ser implantadas em currais brasileiros. Uma delas, por exemplo, tranquiliza o animal conduzido à vacinação: o gado em geral se via obrigado a passar espremido por espaços afunilados. Grandin projetou um acesso em curva, sem cantos, que dá à rês a ilusão de que voltará ao ponto de partida. Outra: uma lâmpada acesa na entrada do tronco de contenção – o equipamento que permite o manejo individual do boi – a indicar o trajeto reduziu em até 90% o uso de choque elétrico durante o processo.

[...]

No auditório da universidade, outros pesquisadores se revezavam no palco discutindo aspectos econômicos e sociais relacionados ao bem-estar animal. O tempo de manejo cai pela metade nos estabelecimentos agropecuários que seguem os manuais de Grandin. De ovos transportados com cuidado nascem pintinhos saudáveis. Sem falar na melhor qualidade de vida de quem lida com esses bichos. Vaqueiros bem treinados sofrem menos acidentes no trabalho e desenvolvem uma relação mais harmoniosa nos casamentos. “A melhoria do bem-estar animal melhora o bem-estar humano”, afirmou o zootecnista Mateus Paranhos da Costa, da Universidade Estadual Paulista.

Monica Manin <<https://tinyurl.com/y8xeoqul>> Acesso em: 12.10.2018. Adaptado.

(Fatec 2019) Sobre a expressão “parafuso a mais” presente na passagem “Grandin tem um parafuso a mais quando se trata do bem-estar dos bichos.”, é correto afirmar que se trata de

a) um trocadilho, pois o autor estabelece uma relação entre o nome da professora, “Grandin”, e a pronúncia informal do diminutivo “grandinho” (“grandim”).

b) uma aliteração, pois o autor procura representar a dureza da lide com animais de grande porte por meio de repetição das consoantes “p”, “t” e “r”.

c) uma assonância, pois o autor deseja representar sua visão otimista do trabalho da professora ao repetir as vogais abertas “a” e “o”.

d) uma metáfora, pois o autor inverte a imagem utilizada para representar loucura a fim de expressar a habilidade da professora.

e) uma silepse de número, pois o verbo “tratar-se” deveria estar no plural para concordar com o sujeito “bichos”.

## Exercício 42

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto abaixo para responder à(s) questão(ões) a seguir.

### **VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA NO BRASIL**

*São 23,5 milhões de idosos no Brasil, número que representa mais de 11% da população*

Nos últimos anos, com a crescente qualidade e expectativa de vida da sociedade brasileira, a presença da pessoa idosa se tornou um fato social inegável, com um crescimento demográfico significativo de pessoas com mais de 60 anos. São 23,5 milhões de idosos no Brasil, número que representa mais de 11% da população, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

Ter na sociedade a presença da pessoa idosa de forma cada vez mais expressiva significa muito mais do que uma melhora na qualidade de vida do ser humano, mas, sobretudo, a manutenção e a efetivação dos direitos fundamentais da pessoa. Entretanto, o Brasil enfrenta uma triste realidade, na qual a pessoa idosa presencia, em seu dia a dia, situações de violência e de abandono, causadas por seus familiares e por profissionais de diversas áreas que prestam serviços para essa faixa etária, dentre outros agressores.

A violência contra essa parcela da população é tema que merece atenção, informação e a busca pela sua erradicação, uma vez que tal atitude caracteriza a violação aos direitos humanos. É importante conscientizar e informar às pessoas, especialmente às vítimas, sobre as formas de violência e os meios para seu combate.

SILVEIRA, Caroline Assumpção. *Violência contra a pessoa idosa no Brasil*. Disponível em:

<<http://domtotal.com/noticia/1083136/2016/11/violencia-contra-a-pessoa-idosa-no-brasil/>>. Acesso em: 02 out. 2018 (adaptado).

(G1 - ifpe 2019) No que diz respeito à linguagem presente no texto, é CORRETO afirmar que

a) este é redigido na variedade culta, respeitando a gramática normativa, uma vez que se trata de um gênero textual do qual se espera uso mais formal da linguagem.

b) esta se caracteriza pelo emprego de vocabulário regional, com o objetivo de que o texto se faça compreender em todas as regiões do país.

c) se trata de registro informal, pois a proposta do texto jornalístico é alcançar a maior parte de leitores e, para isso, precisa adequar-se à variedade linguística empregada pela maior parte da população.

d) poderia ter feito uso de gírias, caso a autora entendesse esse emprego como uma estratégia de aproximação maior ao seu público-alvo.

e) utiliza vocabulário técnico, o que tende a dificultar a compreensão do leitor comum.

### Exercício 43

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Texto para a(s) questão(ões) a seguir.

O rumor crescia, condensando-se; o zunzum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, <sup>1</sup>mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se\* discussões e rezingas\*\*;

<sup>2</sup>ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, <sup>3</sup>o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras.

Duas janelas do Miranda abriram-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

– Nhá Dungal <sup>4</sup>gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, <sup>5</sup>bata na porta, ouviu?

Aluísio Azevedo, *O cortiço*.

\* ensarilhar-se: emaranhar-se.

\*\* rezinga: resmungo.

(Fuvest 2018) Constitui marca do registro informal da língua o trecho

a) “mas um só ruído compacto” (ref. 1).

b) “ouviam-se gargalhadas” (ref. 2).

c) “o prazer animal de existir” (ref. 3).

d) “gritou ela para baixo” (ref. 4).

e) “bata na porta” (ref. 5).

### Exercício 44

#### TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia o texto para responder à(s) questão(ões) a seguir.

### O FIM DO LIVRO DE PAPEL

Só 122 livros. Era o que a Universidade de Cambridge tinha em 1427. Eram manuscritos lindos, que valiam cada um o preço de uma casa. Isso foi 3 décadas antes de a Bíblia de Gutenberg chegar às ruas. Depois dela, os livros deixaram de ser obras artesanais exclusivas de milionários e viraram o que viraram. Graças a uma novidade: a prensa de tipos móveis, que era capaz de fazer milhares de cópias no tempo que um monge levava para terminar um manuscrito.

Foi uma revolução sem igual na história e blá, blá, blá. Só que uma revolução que já acabou. Há 10 anos, pelo menos. Quando a internet começou a crescer para valer, ficou claro que ela passaria uma borracha na história do papel impresso e começaria outra. Mas aconteceu justamente o que ninguém esperava: nada. A internet nunca arranhou o prestígio nem as vendas dos livros. Muito pelo contrário. O 2º negócio *online* que mais deu certo (depois do Google) é uma livraria, a Amazon. Se um extraterrestre pousasse na Terra hoje, acharia que nada disso faz sentido. Por que o livro não morreu? Como uma plataforma que, se comparada à internet, é tão arcaica quanto folhas de pergaminho ou tábuas de argila continua firme?

Você sabe por quê. Ler um livro inteiro no computador é insuportável. A melhor tecnologia para uma leitura profunda e demorada continua sendo tinta preta em papel branco. Tudo embalado num pacote portátil e fácil de manusear. Igual à Bíblia de Gutenberg. Isso sem falar em outro ingrediente: quem gosta de ler sente um afeto físico pelos livros. Curte tocar neles, sentir o fluxo das páginas, exibir a estante cheia. Uma relação de fetiche. Amor até.

Mas esse amor só dura porque ainda não apareceu nada melhor que um livro para a atividade de ler um livro. Se aparecer... Se aparecer, não: quando aparecer. Depois do CD, que já morreu, e do DVD, que está respirando com a ajuda de aparelhos, o livro impresso é o próximo da lista.

VERSIGNASSI, Alexandre. *O fim do livro de papel*. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/tecnologia/o-fim-do-livro-de-papel/>>.

Acesso em: 06 out. 2017.

(G1 - ifpe 2018) Quanto aos recursos expressivos empregados no texto, destaca-se

I. a metalinguagem – que consiste em usar a língua para se referir à própria língua – como em “Foi uma revolução sem igual na história e blá, blá, blá” (2º parágrafo).

II. a coloquialidade – linguagem informal e utilizada no cotidiano – como em “Foi uma revolução sem igual na história e blá, blá, blá” (2º parágrafo) e em “Curte tocar neles, sentir o fluxo das páginas” (4º parágrafo).

III. a intertextualidade – já que há retomada e reelaboração de outros textos – como em “Isso foi 3 décadas antes de a Bíblia de Gutenberg chegar às ruas” (1º parágrafo).

IV. a ironia – estratégia textual em que se diz o contrário daquilo que se quer dar a entender – como em “Uma relação de fetiche. Amor até” (4º parágrafo).

V. a prosopopeia – que é a personificação de seres ou coisas inanimadas, atribuindo-lhes ações ou características humanas – como em “Depois do cd, que já morreu, e do dvd, que está respirando com a ajuda de aparelhos” (5º parágrafo).

São verdadeiras, apenas, as proposições

a) III e V.

b) I e II.

c) III e IV.

d) II e V.

e) I e IV.

#### Exercício 45

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### Baratas servem para algo de bom?

*Encontrei uma barata na cozinha. Quando ela olhou pra mim, questionei meu asco: as baratas servem para algo de bom?*  
(Tonny Ronnier, Itapipoca, CE)

Ofereceu a ela um pedaço de pudim? Pois deveria. Apesar da imagem degradante imposta às baratas pela humanidade, essa ingrata, elas são essenciais para a nutrição dos terráqueos – nem me refiro a dietas asiáticas – e para a preservação do ambiente. É que as cucarachas são decompositoras em escala global, já que estão espalhadas pelo mundo. Elas nutrem o solo traçando excrementos e restos de plantas e de animais.

Porém não fazem o trabalho sozinhas: elas dão carona, dentro e fora de seus corpos, para bactérias que quebram a matéria orgânica em minerais, como nitrogênio, fósforo e potássio, nutrientes fundamentais para os vegetais – processo conhecido como mineralização. Além disso, algumas espécies desempenham papel importante na polinização de plantas. Ou seja, as baratas, essas injustiçadas, são das mais relevantes jardineiras da face da Terra.

JOKURA, T. Disponível em:

<<http://super.abril.com.br/blog/oraculo/>> Acesso em: 12 set. 2017  
(adaptado).

(G1 - cftmg 2018) No texto, o tom informal é uma estratégia do autor para

a) divulgar uma informação científica para o público jovem.

b) enfatizar o aspecto cômico da pergunta enviada.

c) criar um efeito de proximidade com os leitores.

d) atenuar o caráter repulsivo do tema abordado.

#### Exercício 46

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### Norma e padrão

Uma das comparações que os estudiosos de variação linguística mais gostam de utilizar é a da língua com a vestimenta. Esta, como sabemos, é bastante variada, indo da mais formal (longo e smoking) à mais informal (biquíni e sunga, ou camisola e pijama). A ideia dos que fazem essa comparação é a seguinte: não existem, a rigor, formas linguísticas erradas, existem formas linguísticas inadequadas. Como as roupas: assim como ninguém vai à praia de smoking ou de longo, também ninguém casa de biquíni e de sunga, ou de camisola e de pijama (sem negar que estas sejam vestimentas, e adequadas!), assim ninguém diz “me dá esse troço aí” num banquete público e formal nem “faça-me o obséquio de passar-me o sal” numa situação de intimidade familiar.

<sup>1</sup>Os gramáticos e os sociolinguistas, cada um com seu viés, costumam dizer que o padrão linguístico é usado pelas pessoas representativas de uma sociedade. Os gramáticos dizem isso, mas acabam não analisando o padrão, <sup>2</sup>nem recomendando-o de fato. Recomendam uma norma, uma norma ideal. Vou dar uns exemplos: se o padrão é o usado pelos figurões, então deveriam ser considerados padrões o verbo “ter” no lugar de “haver”; a regência de “preferir x do que y”, em vez de “preferir x a y”; o uso do anacoluto (A inflação, ela estará dominada quando...); a posição enclítica dos pronomes átonos. O que não significa proibir as mais conservadoras. Algumas dessas formas “novas” aparecem em muitíssimo boa literatura, em autores absolutamente consagrados, que poderiam servir de base para que os gramáticos liberassem seu uso – para os que necessitam da licença dos outros.

<sup>3</sup>Vejam-se esses versos de Murilo Mendes: “Desse lado tem meu corpo / tem o sonho / tem a minha namorada na janela / tem as ruas gritando de luzes e movimentos / tem meu amor tão lento / tem o mundo batendo na minha memória / tem o caminho pro trabalho. Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha vida / tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas / tem minha noiva definitiva me esperando com flores na mão / tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.”.

<sup>4</sup>Faltou ao poeta acrescentar: tem uns gramáticos do tempo da onça / de antes do tempo em que se começou a andar pra frente. Não vou citar Drummond de Andrade, com seu por demais conhecido “Tinha uma pedra no meio do caminho...”, nem o Chico Buarque de “Tem dias que a gente se sente / como quem partiu ou morreu...”.



Mas acho que vou citar “Pronominais”, do glorioso Oswald de Andrade: Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E do mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / Da nação brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso camarada / Me dá um cigarro.

Quero insistir: <sup>5</sup>ao contrário do que se poderia pensar (e vários disseram), não sou anarquista, defensor do tudo pode, ou do vale tudo. Nem estou dizendo que “Nós vai” é igual a “Tem muito filho que obedece os pais”. O que estou fazendo é cobrar coerência, um pouquinho só: <sup>6</sup>se o padrão vem da fala dos bacanas, se os mais bacanas são os poetas consagrados, por que, antes das dez, numa aula de literatura, podemos curtir seu estilo e em outra aula, depois das onze, <sup>7</sup>dizemos aos alunos e aos demais interessados: viram o Drummond, o Murilo, o Machado, o Guimarães Rosa? Que criatividade!!! Mas vocês não podem fazer como eles.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua e outras crônicas de linguística*.

Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 111-112. (Adaptado).

(Ueg 2017) Em razão das características do gênero textual, o autor busca imprimir ao seu texto um tom mais informal e próximo do uso cotidiano da língua.

Essa escolha estilística pode ser exemplificada pelo uso da seguinte construção:

- a) “... nem recomendando-o de fato” (ref. 2).
- b) “... ao contrário do que se poderia pensar...” (ref. 5).
- c) “Vejam-se esses versos de Murilo Mendes...” (ref. 3).
- d) “... se o padrão vem da fala dos bacanas...” (ref. 6).
- e) “... dizemos aos alunos e aos demais interessados...” (ref. 7).

#### Exercício 47

(G1 - ifpe 2019)



Disponível em: <<https://br.pinterest.com/jairobaroni/memes-bode-gaiato/>>. Acesso em: 05 maio 2019.

O texto acima faz parte de uma página divulgada em redes sociais chamada “Bode Gaiato”. A página divulga memes que fazem referência a diferentes características culturais dos nordestinos. O texto apresenta um diálogo entre Júnior e sua mãe sobre Cícero, que queria se matar comendo manga e bebendo leite. Sobre o texto, analise o que se afirma abaixo.

- I. O texto faz referência à variação linguística regional e etária, destacando o modo de falar dos nordestinos e as diferenças entre a fala de Júnior e a de sua mãe.
- II. O humor do texto constrói-se, principalmente, através da referência a um conhecimento cultural de que ingerir a combinação de manga e leite poderia ser fatal.
- III. O vocativo “mainha” é característico de variantes faladas no nordeste do Brasil.
- IV. A palavra “chifre” refere-se à traição e é falada em contextos menos formais de uso da língua.
- V. O texto faz referência ao nordestino de forma estereotipada, indicando a fome como a causa de morte de grande parte da população.

Estão CORRETAS, apenas, as afirmações

- a) III, IV e V.
- b) I, II e V.
- c) II, III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) I, III e V.

#### Exercício 48

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Responda à(s) questão(ões) com base na tirinha abaixo.



Copyright © 2002 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.  
Disponível em: <<http://portalprofessor.mec.gov.br/storage/discovirtual/galerias/imagens/0000000447/0000003347.jpg>>. Acesso em: 22 set. 2015.

(G1 - ifpe 2016) No último balão da tirinha de Maurício de Sousa, o autor escreveu “mais” em vez de “mas” na tentativa de representar, na escrita, a forma como a personagem Chico Bento, supostamente, pronunciaria a conjunção adversativa. Existem diversas formas e níveis de variação linguística, justamente, porque somos influenciados por diversos fatores, tais como: região, escolaridade, faixa etária, contexto comunicativo, papel social etc.

Com base nesses pressupostos, assinale a alternativa que representa uma variante linguística característica do falar popular mineiro.

a) “Aquele fi duma égua só me deixou aperreado”.

b) “Protesto, meritíssimo! A testemunha não havia falado da agressão.”

c) “Capaz, guri! Só tava de bobeira contigo, bagual!”

d) “Uai? Cê já chegô, sô? Peraí, que eu já tô saíno!”

e) “Aquele mina é firmeza, manol!”

#### Exercício 49

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

A variação linguística é uma realidade que, embora <sup>1</sup>razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, <sup>2</sup>em geral, reações sociais muito negativas. O senso comum <sup>3</sup>tem <sup>4</sup>escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que <sup>5</sup>alberga grande variação e <sup>6</sup>está em mudança contínua. Por isso, <sup>7</sup>costuma <sup>8</sup>folclorizar a variação regional; <sup>9</sup>demoniza a variação social e <sup>10</sup>tende a interpretar as mudanças como sinais de <sup>11</sup>deterioração da língua. O senso comum não se <sup>12</sup>dá bem com a variação linguística e <sup>13</sup>chega, <sup>14</sup>muitas vezes, a <sup>15</sup>explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação. Boa parte de uma educação de <sup>16</sup>qualidade tem a ver <sup>17</sup>precisamente com o <sup>18</sup>ensino de língua – um ensino que garanta o <sup>19</sup>domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente <sup>20</sup>identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as <sup>21</sup>variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, <sup>22</sup>inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas <sup>23</sup>características no Brasil contemporâneo. Parece claro hoje que o <sup>24</sup>domínio <sup>25</sup>dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma <sup>26</sup>pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas <sup>27</sup>populares, parece que o que nos <sup>28</sup>desafia é a construção de <sup>29</sup>toda uma cultura escolar aberta à crítica da <sup>30</sup>discriminação pela língua e preparada para combatê-la, o que pressupõe <sup>32</sup>uma adequada <sup>33</sup>compreensão da <sup>34</sup>heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. <sup>35</sup>Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos. Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a

esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M; FARACO, C. A, orgs., *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

(Ufrgs 2016) Assinale a alternativa que contém uma afirmação correta, de acordo com o sentido do texto.

a) O senso comum costuma perceber a língua como um fenômeno heterogêneo que alberga grande variação e está em mudança contínua.

b) Os gestos de grande violência simbólica constituem-se em fatos de variação linguística.

c) O conceito de norma culta e suas características no Brasil contemporâneo são alvos de explosões de ira diante de fatos de variação linguística.

d) Uma pedagogia que regule o domínio das variedades ditas populares deve ser privilegiada.

e) A heterogeneidade linguística do Brasil deve ser compreendida para que se possa construir uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua.

#### Exercício 50

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir está(ão) relacionada(s) ao texto abaixo.

A variação linguística é uma realidade que, embora <sup>1</sup>razoavelmente bem estudada pela sociolinguística, pela dialetologia e pela linguística histórica, provoca, <sup>2</sup>em geral, reações sociais muito negativas. O senso comum <sup>3</sup>tem <sup>4</sup>escassa percepção de que a língua é um fenômeno heterogêneo, que <sup>5</sup>alberga grande variação e <sup>6</sup>está em mudança contínua. Por isso, <sup>7</sup>costuma <sup>8</sup>folclorizar a variação regional; <sup>9</sup>demoniza a variação social e <sup>10</sup>tende a interpretar as mudanças como sinais de <sup>11</sup>deterioração da língua. O senso comum não se <sup>12</sup>dá bem com a variação linguística e <sup>13</sup>chega, <sup>14</sup>muitas vezes, a <sup>15</sup>explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação. Boa parte de uma educação de <sup>16</sup>qualidade tem a ver <sup>17</sup>precisamente com o <sup>18</sup>ensino de língua – um ensino que garanta o <sup>19</sup>domínio das práticas socioculturais de leitura, escrita e fala nos espaços públicos. E esse domínio inclui o das variedades linguísticas historicamente <sup>20</sup>identificadas como as mais próprias a essas práticas – isto é, as <sup>21</sup>variedades escritas e faladas que devem ser identificadas como constitutivas da chamada norma culta. Isso pressupõe, <sup>22</sup>inclusive, uma ampla discussão sobre o próprio conceito de norma culta e suas efetivas <sup>23</sup>características no Brasil contemporâneo.

Parece claro hoje que o <sup>24</sup>domínio <sup>25</sup>dessas variedades caminha junto com o domínio das respectivas práticas socioculturais. Parece claro também, por outro lado, que não se trata apenas de desenvolver uma <sup>26</sup>pedagogia que garanta o domínio das práticas socioculturais e das respectivas variedades linguísticas. Considerando o grau de rejeição social das variedades ditas <sup>27</sup>populares, parece que o que nos <sup>28</sup>desafia é a construção de <sup>29</sup>toda uma cultura escolar aberta à crítica da <sup>30</sup>discriminação pela língua e preparada para combatê-<sup>31</sup>la, o que pressupõe <sup>32</sup>uma adequada <sup>33</sup>compreensão da <sup>34</sup>heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. <sup>35</sup>Essa compreensão deve alcançar, em primeiro lugar, os próprios educadores e, em seguida, os educandos. Como fazer isso? Como garantir a disseminação dessa cultura na escola e pela escola, considerando que a sociedade em que essa escola existe não reconhece sua cara linguística e não só discrimina impunemente pela língua, como dá sustento explícito a esse tipo de discriminação? Em suma, como construir uma pedagogia da variação linguística?

Adaptado de: ZILLES, A. M; FARACO, C. A. Apresentação. In: ZILLES, A. M; FARACO, C. A, orgs., *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola, 2015.

(Ufrgs 2016) Considere as afirmações abaixo, sobre a construção de uma educação de qualidade.

- I. Uma educação de qualidade deve, no que concerne à variação linguística, questionar as reações sociais advindas da percepção da língua como fenômeno homogêneo.
- II. O desafio, para uma educação de qualidade, está em preparar a escola para combater a discriminação que tem origem nas diferenças entre as variedades linguísticas.
- III. As variedades linguísticas próprias ao domínio da leitura, escrita e fala nos espaços públicos, que devem ser ensinadas pela escola, são as que não sofreram variações sociais.

Segundo o texto, quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

### Exercício 51

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### TEXTO I

*A Rede Veia*  
Luiz Queiroga e Cel. Ludugero

Eu tava com a Felomena  
Ela quis se refrescar  
O calor tava malvado  
Ninguém podia aguentar  
Ela disse meu Lundru  
Nós vamos se balançar  
A rede veia comeu foi fogo  
Foi com nois dois pra lá e pra cá

Começou a fazer vento com nois dois a palestrar  
Filomena ficou beba de tanto se balançar  
Eu vi o punho da rede começar a se quebrar  
A rede veia comeu foi fogo  
Só com nois dois pra lá e pra cá

A rede tava rasgada e eu tive a impressão  
Que com tanto balançado nois terminava no chão  
Mas Felomena me disse, meu bem vem mais pra cá  
A rede veia comeu foi fogo  
Foi com nois dois pra lá e pra cá

Disponível em [http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=&&&Itemid=103](http://www.luizluagonzaga.mus.br/index.php?option=com_content&task=view&id=&&&Itemid=103)  
Acessado em: 02 ago 2011.

#### TEXTO II

*Pescaria*  
Dorival Caymmi

Ô canoeiro,  
bota a rede,  
bota a rede no mar  
ô canoeiro,  
bota a rede no mar.

Cerca o peixe,  
bate o remo,  
puxa a corda,  
colhe a rede,  
ô canoeiro,  
puxa a rede do mar.

Vai ter presente pra Chiquinha  
ter presente pra laiá,  
canoeiro, puxa a rede do mar.  
Cerca o peixe,  
bate o remo,  
puxa a corda,  
colhe a rede,  
ô canoeiro,  
puxa a rede do mar.

Louvado seja Deus,  
ó meu pai.

### TEXTO III

*A Rede*

Lenine e Lula Queiroga

Nenhum aquário é maior do que o mar  
Mas o mar espelhado em seus olhos  
Maior me causa o efeito  
De concha no ouvido

Barulho de mar  
Pipoco de onda  
Ribombo de espuma e sal  
Nenhuma taça me mata a sede  
Mas o sarrabulho me embriaga  
Mergulho na onda vaga  
E eu caio na rede,  
Não tem quem não caia  
E eu caio na rede,  
Não tem quem não caia

Às vezes eu penso que sai dos teus olhos o feixe  
De raios que controla a onda cerebral do peixe

Nenhuma rede é maior do que o mar  
Nem quando ultrapassa o tamanho da Terra  
Nem quando ela acerta,  
Nem quando ela erra  
Nem quando ela envolve todo o Planeta

Explode e devolve pro seu olhar  
O tanto de tudo que eu tô pra te dar  
Se a rede é maior do que o meu amor  
Não tem quem me prove  
Se a rede é maior do que o meu amor  
Não tem quem me prove

Disponível em: <http://www.lenine.com.br/faixa/a-rede-1>  
Acessado em: 02 ago 2011.

### TEXTO IV

*Nina*

Chico Buarque

Nina diz que tem a pele cor de neve  
E dois olhos negros como o breu  
Nina diz que, embora nova  
Por amores já chorou  
Que nem viúva  
Mas acabou, esqueceu

Nina adora viajar, mas não se atreve  
Num país distante como o meu

Nina diz que fez meu mapa  
E no céu o meu destino rapta  
O seu

Nina diz que se quiser eu posso ver na tela  
A cidade, o bairro, a chaminé da casa dela  
Posso imaginar por dentro a casa  
A roupa que ela usa, as mechas, a tiara  
Posso até adivinhar a cara que ela faz  
Quando me escreve

Nina anseia por me conhecer em breve  
Me levar para a noite de Moscou  
Sempre que esta valsa toca  
Fecho os olhos, bebo alguma vodca  
E vou

Disponível em:  
[http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=nina\\_2011.htm](http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=nina_2011.htm)  
Acessado em: 02 ago 2011.

(Uff 2012) Uma língua varia em função de aspectos sociais, localização geográfica e uso de diferentes registros, ligados às situações de comunicação.

Marque a alternativa que analisa corretamente a ocorrência de variação linguística nos textos.

a) O verso “Nós vamos se balançar” (Texto 1, linha 6) apresenta um exemplo da modalidade culta da língua, revelada no emprego dos pronomes.

b) No verso “A rede veia comeu foi fogo” (Texto 1, linha 7), a grafia da palavra sublinhada procura reproduzir pronúncia comum em algumas regiões do Brasil (veia por velha), que exemplifica uma variação fonética.

c) Em: “E eu caio na rede / Não tem quem não caia” (Texto III, linhas 11 – 12), o emprego do verbo *ter* é marca do registro culto da língua, utilizado preferencialmente na modalidade escrita.

d) Em: “Vai ter presente pra Chiquinha” (Texto II, linha 12), o nome “Chiquinha” exemplifica o uso do registro informal, utilizado, sobretudo, em documentos oficiais e sermões religiosos.

e) No verso: “Posso até adivinhar a cara que ela faz” (Texto IV, linha 16) a palavra *cara* exemplifica uma variação de registro linguístico predominante em situações formais.

#### Exercício 52

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### CRÍTICA “O DILEMA DAS REDES”, DE JEFF ORLOWSKI

A influência das redes sociais em nosso cotidiano é uma evidência incontornável. Sua capacidade de interferir em nossas escolhas é muito maior do que podemos supor. Há um investimento

incalculável de dinheiro e tecnologia nessa nossa mercadoria, que pode ser determinante tanto para a venda de um produto quanto para a eleição de um político. E a falta de regulação faz com que tenhamos dificuldades em avaliar o seu real alcance em nossas escolhas coletivas e quais as possibilidades que temos para atenuar este poder. Essa é uma questão que começa a ser pensada hoje em escala global.

“O Dilema das Redes”, documentário americano distribuído pela Netflix, com direção de Jeff Orlowski, busca pensar essa questão. O que chama atenção no documentário é que os depoentes, que apresentam o problema, são, em parte, os “criadores” desses mecanismos. Executivos, programadores, designs, marqueteiros, toda uma fauna muito particular de doutores Frankenstein, que observam horrorizados os crimes do monstro que criaram. A riqueza do filme está em seus depoimentos: impressiona a forma como o diretor conseguiu se aproximar de pessoas que tiveram influência na construção de ferramentas essenciais para o sucesso das redes e captar reflexões desconcertantes, apresentando uma dimensão clara do tamanho do imbróglio. É curioso ouvir, por exemplo, os cuidados que eles têm para manter os filhos longe das redes, apresentadas por eles mesmos como alienantes e destrutivas.

Texto adaptado. Disponível em: <https://epoca.globo.com/thiago-b-mendonca/critica-o-dilema-das-redes-de-jeff-orkowski-24697272>

(Ucpel 2021) No segundo parágrafo, último período, o uso da palavra “fauna” pode ser explicado como:

- a) termo formal e educado que significa um conjunto de pessoas.
- b) termo informal e jocoso que significa um conjunto de pessoas.
- c) termo coloquial e descortês que significa um conjunto de animais de certa região.
- d) termo formal que significa vida animal de uma região.
- e) termo informal e chistoso que significa um grupo de animais de determinada região.

### Exercício 53

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Cadê o papel-carbono?

<sup>1</sup>Outro dia tive saudade do papel carbono. E tive saudade também do mimeógrafo a álcool. E tive saudade da velha máquina de escrever. E tive saudade de quando, no dizer de

<sup>2</sup>Rubem Braga, a geladeira era branca e o telefone era preto. Os mais jovens não sabem nem o que é papel carbono ou mimeógrafo a álcool. Mas tive saudade deles, ou melhor, de um tempo em que eu não dependia eletronicamente de outros para fazer as mínimas tarefas. Uma torneira, por exemplo, era algo simples. Eu sabia abrir uma torneira e fazê-la jorrar água. <sup>3</sup>Hoje

tomar um banho é uma peripécia tecnológica. <sup>4</sup>Hoje até para tomar um elevador tenho que inserir um cartão eletrônico para ele se mover. Claro que tem o Google, essa enciclopédia no computador que facilita as pesquisas <sup>5</sup>(para quem não precisa ir fundo nos assuntos), mas muita coisa me intriga: por que cada aparelho de televisão de cada casa, de cada hotel tem um controle remoto diferente e <sup>6</sup>a gente não consegue usá-los sem pedir socorro a alguém?

<sup>7</sup>Olha, tanta tecnologia!... Mas além de <sup>8</sup>não terem descoberto como curar uma simples gripe, <sup>9</sup>os elevadores dos hotéis ainda não chegaram a uma conclusão de como assinalar no mostrador que letra deve indicar a portaria. <sup>10</sup>Será necessária uma medida provisória do presidente para uniformizar tal diversidade analfabética.

<sup>11</sup>Outro dia, li que houve uma reunião em Baku, lá no Azerbaijão, congregando cérebros notáveis para deciframos nosso presente e nosso futuro. Pois Jean Baudrillard <sup>12</sup>andou dizendo, com aquela facilidade que os franceses têm para fazer frases que parecem filosóficas, que o que caracteriza essa época que está vindo por aí é que o homem, leia-se corretamente homens e mulheres, ou seja, <sup>13</sup>o ser humano, foi descartado pela máquina. <sup>14</sup>(Isso a gente já sabe quando tenta ligar para uma firma qualquer e uma voz eletrônica fica mandando a gente discar isto e aquilo e volta tudo a zero e não obtemos a informação necessária.)

<sup>15</sup>Deste modo estão se cumprindo dois vaticínios. O primeiro era de um vate mesmo – <sup>16</sup>Vinícius de Moraes, que naquele poema “Dia da Criação”, fazendo considerações irônicas sobre o dia de “sábado” e os desígnios divinos, diz: “Na verdade, o homem não era necessário”. É isto, já não somos necessários.

E a outra frase metida nessa encrenca é aquela da Bíblia, que dizia que o “sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”. Isso foi antigamente. Pois achávamos que a máquina havia sido feita para o homem, mas Baudrillard, as companhias aéreas e as telefônicas mais os servidores de informática nos convenceram de que <sup>17</sup>“o homem é que foi feito para a máquina”.

<sup>18</sup>Ao telefone só se fala com máquinas, e algumas empresas – esses servidores de informática – nem seus telefones disponibilizam. <sup>19</sup>Estou, por exemplo, há quatro meses tentando falar com alguém no “hotmail” <sup>20</sup>e lá não tem viv’alma, só fantasmas eletrônicos sem rosto e sem voz.

<sup>21</sup>Permita-me, <sup>22</sup>eventual e concreto leitor, lhe fazer uma pergunta indiscreta. Quanto tempo diariamente você está gastando com e-mails? Quanto tempo para apagar o lixo e responder bobagens? Faça a conta, some.

<sup>23</sup>Drummond certa vez escreveu: “Ao telefone perdeste muito tempo de semear”. Ele é porque não conheceu a internet, que, tanto quanto o celular, usada desregradamente é a grande sorvedora de tempo da pós-modernidade.

Por estas e por outras é que estou pensando seriamente em voltar às cartas, quem sabe ao pergaminho. E a primeira medida é reencontrar o papel carbono.

– <sup>24</sup>Cadê meu papel carbono?

(SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Tempo de delicadeza*. Porto Alegre: L&PM, 2009)

(G1 - epcar (Cpcar) 2020) Em relação à composição e estruturação linguística do texto, é correto afirmar que

a) a repetição da expressão “E tive” no primeiro parágrafo constitui um recurso para denotar a sequenciação dos fatos, reforçados pela presença de expressões com sentido conotativo.

b) a citação de escritores e poetas como Rubem Braga (ref. 2), Vinícius de Moraes (ref. 16) e Drummond (ref. 23), além de servir como argumento de autoridade, indica que se trata de um texto de caráter literário.

c) os comentários entre parênteses (ref. 5) e (ref. 14) servem para estabelecer um diálogo direto com o interlocutor, indicando opiniões do locutor em relação ao que ele disse anteriormente.

d) a linguagem do texto é informal e bastante coloquial, já que, em muitos momentos, há o descumprimento da norma gramatical padrão, como se comprova na última linha do texto.

#### Exercício 54

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

##### **Ayoluwa, a alegria do nosso povo**

Quando a menina Ayoluwa, a alegria do nosso povo, nasceu, foi em boa hora para todos. Há muito que em nossa vida tudo pitimbava. Os nossos dias passavam como um café <sup>1</sup>sambango, ralo, frio e sem gosto. Cada dia era sem quê nem porquê. E nós ali amolecidos, sem sustância alguma para aprumar nosso corpo. Repito: tudo era uma pitimba só. Escassez de tudo. Até a natureza mingua e nos confundia. Ora aparecia um sol <sup>2</sup>desensolarado e que mais se assemelhava a uma bola murcha, lá na nascente. Um frio interior nos possuía então, e nós mal enfrentávamos o dia sob a nula ação da estrela <sup>3</sup>desfeita. Ora gotejava uma chuva de <sup>4</sup>pinguinhos tão ralos e escassos que mal molhava as pontas de nossos dedos. E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos. Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento, olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante eles partiam. E, com a tristeza da falta de lugar em um mundo em que eles não se <sup>6</sup>reconheciam e nem reconheciam mais, muitos se foram. Dentre eles, me lembro de vô Moyo, o que trazia boa saúde, de tio Masud, o afortunado, o velho Abede, o homem abençoado, e outros e outros. Todos estavam <sup>7</sup>enfraquecidos e esquecidos da força que traziam no significado de seus próprios nomes. As velhas mulheres também. Elas, que sempre inventavam formas de inventar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. Como os homens, deslembravam a potência que se achava resguardada partir de suas denominações. E pediam veementemente à vida que esquecesse delas e que as deixasse partir. Foi com esse estado de ânimo que muitas delas empreenderam a derradeira viagem: vovó Amina, a

pacífica, tia Sele, a mulher forte como um elefante, mãe Asantewaa, a mulher de guerra, a guerreira, e ainda Malika, a rainha. Com a ida de nossos mais velhos ficamos mais desamparados ainda. E o que dizer para os nossos jovens, a não ser as nossas tristezas?

E até eles, os moços, começaram a se encafuar dentro deles mesmos, a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros, e a tentarem contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha que em poucos dias acumulava e endurecia dentro de seus pulmões. Ou então se deixavam morrer aos poucos, cada dia um pouquinho, descrentes que pudesse existir outra vida senão aquela, para viverem. As mães, dias e noites, choravam no centro do povoado. A visão dos corpos jovens dilacerados era a paisagem maior e corriqueira diante de nossos olhos.

O milagre da vida deixou de acontecer também, nenhuma criança nascia e, sem a chegada dos pequenos, tudo piorou. As velhas parteiras do povoado, cansadas de esperar por novos nascimentos, sem função, haviam desistido igualmente de viver. Tinham percebido na escassez dos partos, que suas mãos não tinham mais a serventia de aparar a vida. Nenhuma família mais festejava a esperança que renascia no surgimento da prole. As crianças foram esquecidas, ficando longe do coração dos grandes. E os pequenos, os que já existiam, como Mandisa, a doce, Kizzl, a que veio para ficar, Zola, a produtiva, Nyame, o criador, Lutalo, o guerreiro, Bwerani, o bem-vindo, e os bem novinhos, alguns sem palavras ainda na boca, só faziam chorar. Pranto em vão, já que os pais, entregues às suas próprias tristezas, desprezavam as de seus rebentos. O nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar ...

À noite, quando reuníamos em volta de uma fogueira mais de cinzas do que de fogo, a combustão maior vinha de nossos lamentos. E em uma dessas noites de macambúzia fala, de um estado tal de banzo, como se a dor nunca mais fosse se apartar de nós, uma mulher, a mais jovem da desfalcada roda, trouxe uma boa fala. Bamidele, a esperança, anunciou que ia ter um filho. A partir daquele momento, não houve quem não fosse fecundado pela esperança, dom que Bamidele trazia no sentido de seu nome. Toda a comunidade, mulheres, homens, os poucos velhos que ainda persistiam vivos, alguns mais jovens que escolheram não morrer, os pequeninhos que ainda não tinham sido contaminados totalmente pela tristeza, todos se engravidaram da criança nossa, do ser que ia chegar. E antes, muito antes de sabermos, a vida dele já estava escrita na linha circular de nosso tempo. Lá estava mais uma nossa descendência sendo lançada à vida pelas mãos de nossos ancestrais.

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. Entre nós, ainda estava a experiente Omolara, a que havia nascido no tempo certo. Parteira que repetia com sucesso a história de seu próprio nascimento, Omolara havia se recusado a se deixar morrer.

E no momento exato em que a vida milagrou no ventre de Bamidele, Omolara, aquela que tinha o dom de fazer vir as pessoas ao mundo, a conhecedora de todo ritual de nascimento, acolheu a criança de Bamidele. Uma menina que buscava caminho em meio à correnteza das águas íntimas de sua mãe. E

todas nós sentimos, no instante em que Ayoluwa nascia, todas nós sentimos algo se contorcer em nossos ventres, os homens também. Ninguém se assustou. Sabíamos que estávamos parindo em nós mesmo uma nova vida. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer alegria para o nosso povo. O seu inicial grito, comprovando que nascia viva, acordou todos nós. E partir daí tudo mudou. <sup>8</sup>Tomamos novamente a vida com as nossas mãos.

Ayoluwa, alegria de nosso povo, continua entre nós, ela veio não com a promessa da salvação, mas também não veio para morrer na cruz. Não digo que esse mundo desconsertado já se consertou. Mas Ayoluwa, alegria do nosso povo, e sua mãe, Bamidele, a esperança, continuam fermentado o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução.

(G1 - ifce 2019) O adjetivo *sambango* (ref. 1) é de uso informal e pouco utilizado na região Nordeste. No entanto, considerando o uso no texto, pode-se inferir que seu significado pertence ao mesmo campo semântico de

a) desnecessariamente consistente.

b) insuficientemente encorpado.

c) razoavelmente forte.

d) ligeiramente excessivo.

e) demasiadamente intenso.

### Exercício 55

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões), leia o trecho da obra *Os sertões*, de Euclides da Cunha (1866 – 1909), em que se narram eventos referentes a uma das expedições militares enviadas pelo governo federal para combater Antônio Conselheiro e seus seguidores sediados em Canudos.

Oitocentos homens desapareciam em fuga, abandonando as espingardas; arriando as padiolas, em que se estorciam feridos; jogando fora as peças de equipamento; desarmando-se; desapertando os cinturões, para a carreira desafogada; e correndo, correndo ao acaso, correndo em grupos, em bandos erradios, correndo pelas estradas e pelas trilhas que as recortam, correndo para o recesso das caatingas, tontos, apavorados, sem chefes...

Entre os fardos atirados à beira do caminho ficara, logo ao desencadear-se o pânico – tristíssimo pormenor! – o cadáver do comandante. Não o defenderam. Não houve um breve simulacro de repulsa contra o inimigo, que não viam e adivinhavam no estrídulo dos gritos desafiadores e nos estampidos de um tiroteio irregular e escasso, como o de uma caçada. Aos primeiros tiros os batalhões diluíram-se.

Apenas a artilharia, na extrema retaguarda, seguia vagarosa e unida, solene quase, na marcha habitual de uma revista, em que

parava de quando em quando para varrer a disparos as macegas traiçoeiras; e prosseguindo depois, lentamente, rodando, inabordável, terrível...

[...]

Um a um tombavam os soldados da guarnição estoica. Feridos ou espantados os muares da tração empacavam; torciam de rumo; impossibilitavam a marcha.

A bateria afinal parou. Os canhões, emperrados, imobilizaram-se numa volta do caminho...

O coronel Tamarindo, que volvera à retaguarda, agitando-se destemeroso e infatigável entre os fugitivos, penitenciando-se heroicamente, na hora da catástrofe, da tibieza anterior, ao deparar com aquele quadro estupendo, procurou debalde socorrer os únicos soldados que tinham ido a Canudos. Neste pressuposto ordenou toques repetidos de “meia-volta, alto!”. As notas das cornetas, convulsivas, emitidas pelos corneteiros sem fôlego, vibraram inutilmente. Ou melhor – aceleraram a fuga.

Naquela desordem só havia uma determinação possível: “debandar!”.

Debalde alguns oficiais, indignados, engatilhavam revólveres ao peito dos foragidos. Não havia contê-los. Passavam; corriam; corriam doudamente; corriam dos oficiais; corriam dos jagunços; e ao verem aqueles, que eram de preferência alvejados pelos últimos, caírem malferidos, não se comoviam. O capitão Vilarim batera-se valentemente quase só e ao baquear, morto, não encontrou entre os que comandava um braço que o sustivesse. Os próprios feridos e enfermos estropiados lá se iam, cambeteando, arrastando-se penosamente, imprecando os companheiros mais ágeis...

As notas das cornetas vibravam em cima desse tumulto, imperceptíveis, inúteis...

Por fim cessaram. Não tinham a quem chamar. A infantaria desaparecera...

(*Os sertões*, 2016.)

(Unifesp 2018) No trecho, o estilo de Euclides da Cunha pode ser caracterizado, sobretudo, como

a) transgressor.

b) informal.

c) didático.

d) lacônico.

e) rebuscado.

### Exercício 56

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### O celular que escraviza

*Eles roubam nosso tempo, atrapalham os relacionamentos e podem até causar acidentes de trânsito. Quando é a hora de desligar?*

Estamos viciados. Em qualquer lugar, a qualquer momento do dia, não conseguimos deixar de lado o objeto de nossa dependência.

<sup>1</sup>Dormimos ao lado dele, acordamos com ele, o levamos para o banheiro e para o café da manhã – e, se, por enorme azar, o esquecemos em casa ao sair, voltamos correndo. Somos incapazes de ficar mais de um minuto sem olhar para ele. É através dele que nos conectamos com o mundo, com os amigos, com o trabalho. <sup>2</sup>Sabemos da vida de todos e informamos a todos o que acontece por meio dele. Os neurocientistas dizem que ele nos fornece pequenos estímulos prazerosos dos quais nos tornamos dependentes. Somos 21 milhões – número de brasileiros com mais de 15 anos que têm smartphones, os celulares que fazem muito mais que falar. Com eles, trocamos e-mails, usamos programas de GPS e navegamos em redes sociais. O tempo todo. Observe a seu redor. Em qualquer situação, as pessoas param, olham a tela do celular, dedilham uma mensagem. Enquanto conversam. Enquanto namoram. Enquanto participam de uma reunião. E – pior de tudo – até mesmo enquanto dirigem.

<sup>3</sup>“É uma dependência difícil de eliminar”, diz o psiquiatra americano David Greenfield, diretor do Centro para Tratamento de Vício em Internet e Tecnologia, na cidade de West Hartford. “Nosso cérebro se acostuma a receber essas novidades constantemente e passa a procurar por elas a todo instante.” <sup>4</sup>O pai de todos os vícios, claro, é o Facebook, maior rede social do mundo, onde publicamos notícias sobre nós mesmos como se alimentássemos um grande jornal coletivo sobre a vida cotidiana. Depois dele, novas redes foram criadas e apertaram o nó da dependência. Programas de troca de fotos como o Instagram conectam milhões de pessoas por meio das imagens feitas pelas câmeras cada vez mais potentes dos celulares. Os aplicativos de trocas de mensagem, como o Whatsapp, promovem bate-papos escritos que se assemelham a uma conversa na mesa do bar. O final dessa história pode ser dramático. Interagir com o aparelho – e com centenas de amigos escondidos sob a tela de cristal – tornou-se para alguns uma compulsão tão violenta que pode colocar a própria vida em risco.

<sup>5</sup>Parece exagero? Pense na história da garota americana Taylor Sauer, de 18 anos. Em janeiro, Taylor dirigia numa rodovia interestadual que liga os Estados de Utah e Idaho quando bateu a 130 quilômetros por hora na traseira de um caminhão. Taylor trocava mensagens com um amigo sobre um time de futebol americano. Uma a cada 90 segundos. Seu último post foi: “Não posso discutir isso agora. Dirigir e escrever no Facebook não é seguro! Haha”. Se não estivesse teclando, provavelmente Taylor teria avistado o veículo à frente, que andava a meros 25 quilômetros por hora. O caso terrível não é uma aberração estatística. A cada ano, 3 mil americanos morrem por causa da distração no celular, de acordo com a agência federal National Transportation Safety Board.

No Brasil, não é diferente – pelo menos é a impressão dos profissionais que trabalham na área. “Minha experiência sugere que essa é a quarta maior causa de acidentes, só atrás do excesso de velocidade, uso de álcool e drogas e cansaço”, diz Dirceu Júnior, diretor da Associação Brasileira de Medicina de Tráfego. (...) <sup>6</sup>O cérebro só faz bem uma coisa ou outra. (...) Dirigir falando ao telefone duplica o risco de um acidente. (...)

<sup>7</sup>A sensação de estar por fora é consequência da hiperconectividade, um conceito elaborado por dois pesquisadores canadenses, Anabel Quan-Haase e Barry Wellman. Eles criaram uma teoria para explicar como vive o dono de um celular moderno. Ele pode se comunicar a partir de qualquer lugar a qualquer instante. Não há fronteiras entre ele, seus amigos e o restante do mundo <sup>8</sup>– com exceção (maldição!) de locais em que o sinal é fraco <sup>9</sup>ou (pesadelo!) não chega. Um dos efeitos colaterais da hiperconectividade é ser altamente viciante. Daí a desconfiança de especialistas de que motoristas que não conseguem largar o celular enquanto dirigem são, na verdade, dependentes. Dispositivos eletrônicos como os celulares geram a sensação de prazer para o cérebro porque ele se sente recompensado a cada novidade recebida. <sup>10</sup>Uma mensagem é um pacotinho de prazer. A descarga de uma substância estimulante para nossos neurônios, a dopamina, encarrega-se de gerar a sensação agradável. O Instituto de Informação e Tecnologia de Helsinque, na Finlândia, fez um estudo para analisar quanto tempo do dia gastamos com <sup>11</sup>o hábito de verificar atualizações em busca desse barato cerebral. De acesso em acesso, somamos duas horas e 40 minutos. É o mesmo tempo gasto nos Estados Unidos com televisão e dez vezes o que se gasta com leitura. (...)

Reportagem de Rafael Barifouse e Isabella Ayub, Revista Época, 15/06/2012. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/vida/noticia/2012/06/o-celular-que-escraviza.html>>. Último acesso em 03 de outubro de 2017.

(G1 - cmrj 2018) Em diversas passagens do texto, os autores enredam o leitor, travando com ele um diálogo informal. Como marca notória dessa interlocução, podemos citar o uso

a) da primeira pessoa do plural, como em “Sabemos da vida de todos” (ref. 2).

b) de transcrições da fala de especialistas, como em “É uma dependência difícil de eliminar” (ref. 3).

c) de uma palavra denotativa de inclusão em “O pai de todos os vícios, claro, é o Facebook...” (ref. 4).

d) de frases interrogativas, como em “Parece exagero?” (ref. 5).

e) de afirmações categóricas, como em “O cérebro só faz bem uma coisa ou outra.” (ref. 6)

### Exercício 57

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Para responder à(s) questão(ões), leia o texto abaixo.

**“A política não é lugar pra preto vagabundo feito você!”**

(Douglas Belchior)

Tenho plena consciência de que represento uma exceção. Ainda que miscigenado (fosse a pele retinta, bem sei que a vida reservaria ainda mais dificuldades), como homem negro, estudei. Alcancei o banco de uma universidade reconhecida, a PUC-SP,



onde me formei em História e alcei o desvalorizado, mas nem por isso menos nobre, status de professor. Trabalhador da rede pública estadual de São Paulo, nada convidativo financeiramente, mas ainda assim, digno.

Conciliar profissão a militância política foi uma opção consciente – outro privilégio para poucos. Trabalho, ganho a vida e pago minhas contas fazendo o que amo: educação, logo, política. A vida que escolhi me levou a pessoas incríveis: líderes políticos, intelectuais, atletas e artistas. Me levou a lugares impensáveis: salas acarpetadas de governos, viagens para debates, palestras e atividades políticas das mais diversas em quase todos os estados brasileiros e até nos EUA. Em todos esses espaços, tanto em momentos de conflito com adversários, quanto em momentos de elaboração e confraternização com os meus da “esquerda”, uma coisa nunca mudou: sou um homem negro. E como um negro no país da democracia racial, sempre soube que o tratamento gentil e tolerante a mim dispensado sempre esteve condicionado a que eu soubesse o meu lugar e que não me atrevesse a sair dele.

Fui candidato a deputado federal nas eleições de 2014. Alcancei quase 12 mil votos, alcançando posição de segundo suplente à câmara federal. Como liderança política do diverso e confuso movimento negro brasileiro, me dediquei ao enfrentamento ao racismo, à denúncia do genocídio negro e à luta por direitos sociais para o povo negro, sobretudo no que diz respeito à educação e aos direitos humanos, temas em que atuo com mais profundidade. Ainda assim, sempre enfrentei olhares desconfiados, posturas desencorajadoras e a impressão de eterna dúvida quanto à minha capacidade política ou profissional. Depois da candidatura em 2014, essa impressão só aumentou. E agora finalmente transpareceu, verbalizada, em uma destas conversas de internet, na última semana: “A política não é lugar pra preto vagabundo feito você!”.

Um fato é inquestionável: negros não são tolerados na política, senão como serviçais, cabos eleitorais ou, no máximo, assistentes. No campo da esquerda isso não muda. E se for mulher é ainda mais difícil. Só que desta vez consegui reverter o efeito desestimulante. Diante da cultura racista dominante na ocupação dos espaços do poder político, dou aqui a minha resposta: “Vamos enfrentar, vamos disputar e vamos vencer! Lugar de preto é onde ele quiser – inclusive na política!”.

<http://negrobelchior.cartacapital.com.br/politica-nao-e-lugar-para-preto-vagabundo-feito-voce/>  
Texto adaptado.

(G1 - ifal 2017) Sabe-se que, nos textos, assumem-se diferentes estilos linguísticos, de acordo com os contextos enunciativos, que demandam diferentes níveis de linguagem. Quanto a esse aspecto no texto de Belchior, marque a alternativa correta.

a) Porque se trata de texto que aborda um tema de ordem política, adota-se nele uma linguagem formal, requerida pelo distanciamento que há entre o autor e seus possíveis interlocutores.

b) No texto predomina a informalidade, fazendo-se uso, inclusive, de expedientes morfosintáticos e fonético-fonológicos mais próximos da linguagem coloquial.

c) A inserção do autor em seu discurso provê ao texto um tom descontraído, que faz predominar nessa produção a coloquialidade, a desmesurada espontaneidade e, consequentemente, a aproximação com o leitor.

d) A impessoalidade é a marca principal desse texto, que lhe garante fazer-se permanentemente em nível formal.

e) A presença do tom formal no texto dificulta a compreensão do leitor, que é colocado em posição distanciada do autor.

### Exercício 58

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

O texto que segue servirá para a(s) questão(ões) abaixo.

A análise sintática tem sido causa de crônicas e incômodas enxaquecas nos alunos de ensino médio. É que muitos professores, por tradição ou por comodismo, a têm transformado no próprio conteúdo do aprendizado da língua, como se aprender português fosse exclusivamente aprender análise sintática. O que deveria ser um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem, passou a ser um fim em si mesmo. Ora, ninguém estuda a língua só para saber o nome, quase sempre rebarbativo, de todos os componentes da frase.

Vários autores e mestres têm condenado até mesmo com veemência o abuso no ensino da análise sintática. Não obstante, o assunto continua a ser, salvo as costumeiras exceções, o “prato de substância” da cadeira de português no ensino fundamental. Apesar disso, ao chegar ao fim do curso, o estudante, em geral, continua a não saber escrever, mesmo que seja capaz de destrinchar qualquer estrofe camoniana ou qualquer período barroco de Vieira, nomenclaturando devidamente todos os seus termos. Então, “pra que análise sintática?” – perguntam aflitos alunos e mestres por esse Brasil afora.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 31.

(G1 - ifal 2017) Os textos fazem-se observando elementos contextuais que determinam os modos como se relacionam os interlocutores, aspecto que decorre do maior ou menor nível de familiaridade que se pretende nessa relação.

Desse processo, têm-se os chamados níveis de linguagem. No tocante aos níveis de linguagem, pode-se afirmar do texto acima apenas que

a) se criam nele relações próximas entre os interlocutores, as quais são percebidas, linguisticamente, na seleção de vocabulário ordinário e nas construções sintáticas de natureza simples, características próprias da linguagem informal.

b) a formalidade nele expressa pode ser notada como marca estilística predominante, mercê, por exemplo, do uso de

vocabúlos pouco frequentes nas comunicações informais e, ainda, do aparecimento de termos técnicos.

c) o estilo adotado nesse enunciado manifesta um nível de linguagem familiar, próxima da coloquialidade, haja vista o interesse do autor em desfazer eventuais barreiras teóricas que impeçam a compreensão.

d) o autor busca dar ao texto uma natureza linguística coloquial, que aproxime os interlocutores, como se percebe em “pra que análise sintática?”, trecho em que a contração prepositiva indica uma apropriação da fala pela escrita.

e) esse enunciado constrói-se de maneira informal, descontraída e mesmo bem-humorada, efeitos da quebra do distanciamento entre os interlocutores, garantida por uma linguagem ostensivamente simples.

### Exercício 59

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

#### Exageros de Mãe

<sup>1</sup>Já te disse mais de mil vezes que não quero ver você descalço. Nunca vi uma criança tão suja em toda a minha vida. <sup>2</sup>Quando teu pai chegar você vai morrer de tanto apanhar. Oh, meu Deus do céu, esse menino me deixa completamente maluca. Estou aqui há mais de um século esperando e o senhor não vem tomar banho. <sup>3</sup>Se você fizer isso outra vez nunca mais me sai de casa. <sup>4</sup>Pois é, não come nada: é por isso que está aí com o esqueleto à mostra. <sup>5</sup>Se te pegar outra vez mexendo no açucareiro, te corto a mão. <sup>6</sup>Oh, meu Deus, eu sou a mulher mais infeliz do mundo. Não chora desse jeito que você vai acordar o prédio inteiro. <sup>7</sup>Você pensa que seu pai só trabalha pra você chupar Chica-Bon? Mas, furou de novo o sapato: você acha que seu pai é dono de sapataria, pra lhe dar um sapato novo todo dia? <sup>8</sup>Onde é que você se sujou dessa maneira: acabei de lhe botar essa roupa não faz cinco minutos! Passei a noite toda acordada com o choro dele. Eu juro que um dia eu largo isso tudo e nunca ninguém mais me vê. Não se passa um dia que eu não tenha que dizer a mesma coisa. Não quero mais ver você brincando com esses moleques, esta é a última vez que estou lhe avisando.

(FERNANDES, Millôr. Exageros de Mãe. In: *10 em humor*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1968, p. 15).

(G1 - ifsc 2016) Com base na leitura do texto, assinale a alternativa **CORRETA**.

a) Há registro informal da língua, exemplificado pela mistura dos pronomes pessoais das segunda e terceira pessoas do singular. Tal uso é considerado impróprio para textos literários, como os contos e as crônicas.

b) Apesar de não utilizar travessões para separar as falas dos personagens, o texto apresenta um diálogo entre mãe e filho, no qual há predomínio da fala da mãe.

c) Em “Pois é, não come nada: é por isso que está aí com o esqueleto à mostra. Se te pegar outra vez mexendo no açucareiro, te corto a mão.” (referências 4 e 5), nas expressões em destaque, prevalece o sentido conotativo.

d) No texto, a figura materna condiz com aquilo que se espera de uma mãe: a preocupação e o cuidado excessivos, que se justificam por ela ser, atualmente, a única pessoa responsável pela educação dos filhos no contexto familiar.

e) O texto é classificado como dissertativo-argumentativo porque expõe, de modo sistemático, os exageros da mãe.

### Exercício 60

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Em agosto de 2005, a *Revista Língua* fez uma entrevista com Millôr Fernandes, o escritor escolhido para ser o homenageado da FLIP 2014. Eis, aqui, alguns trechos dessa entrevista.

**Língua** – Fazer humor é levar a sério as palavras ou brincar com elas?

**Millôr** – Humor, você tem ou não tem. Pode ser do tipo mais profundo, mais popular, mas tem de ter. <sup>1</sup>Você vai fazendo e, sem querer, a coisa sai engraçada. Dá para perceber quando a construção é forçada. Tenho uma capacidade muito natural de perceber bobagem e destruir a coisa.

**Língua** – Com que língua você mais gosta de trabalhar?

**Millôr** – Não aprendi línguas até hoje (risos). <sup>3</sup>Gosto de trabalhar com o português, embora inglês seja a que eu mais leio. Nunca tive temor de nada. Deve-se julgar as obras pelo que elas têm de qualidade, não por serem de fulano ou beltrano. Shakespeare fez muita besteira, mas tem três ou quatro obras perfeitas, e *Macbeth* é uma delas.

**Língua** – Na sua opinião, quais vantagens o português possui em comparação a outras línguas que você conhece?

**Millôr** – A principal vantagem é a de ser a minha língua. Ninguém fala duas línguas. Essa ideia de um espião que fala múltiplas línguas não passa de mentira. Vai lá no meio do jogo dizer “salame mingauê, um sorvete colorê...” ou “velho guerreiro”. Os modismos da língua, as coisas ocasionais, não são acessíveis a quem não é nativo. Toda pessoa tem habilidade só no seu idioma. Você pode aprender uma, dez, sei lá quantas expressões de outra língua, mas ainda existirão outras mil – <sup>4</sup>como é que se vai fazer? A língua portuguesa tem suas particularidades. Como outras também. Aprendi desde cedo a ter o cuidado de não rimar ao escrever uma frase. Sobre tudo em “-ão”.

**Língua** – Quais as normas mais loucas ou mais despropositadas da língua portuguesa?

**Millôr** – Toda pesquisa de linguagem é perigosa porque tem o caráter de induzir o sentido. Não tenho nenhum carinho especial por gramáticos. Na minha vida inteira sempre fui violento [no ataque às regras do idioma], porque a língua é a falada, a outra é apenas uma forma de você registrar a fala. Se todo mundo erra na crase é a regra da crase que está errada, como aliás está. Se você vai a Portugal, pode até encontrar uma reverberação que indica a crase. Não aqui. Aqui, no Brasil, a crase não existe.

**Língua** – Mas a fala brasileira é mutante e díspar, cada região tem sua peculiaridade. Como romper regras da língua sem cair no

vale-tudo?

**Millôr** – <sup>5</sup>Se não houver norma, não há como transgredir. A língua tem variantes, mas temos de ensinar a escrever o padrão. Quem transgredir tem nome ou peito, que o faça e arque com as consequências. Mas insisto que a escrita é apenas o registro da língua falada. De Machado de Assis pra cá, tudo mudou. A língua alemã fez reforma ortográfica há 50 anos, correta. Aqui, na minha geração, já foram três reformas do gênero, uma mais maluca que a outra. <sup>6</sup>Botaram acento em “boemia”, escreveram “xeque” quando toda língua busca lembrar o árabe *shaik*, insistiram que o certo é “veado” quando o Brasil inteiro pronuncia “viado”. Como chegaram a tais conclusões? Essas coisas são idiotas e cabe a você aceitar ou não. Veja o caso da crase. A crase, na prática, não existe no português do Brasil. Já vi tábuas de mármore com crase errada. Se todo mundo erra, a crase é quem está errada. Se vamos atribuir crase ao masculino “dar àquele”, por que não fazer o mesmo com “dar alguém”? <sup>2</sup>Não podemos.

Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/textos/97/millor-fernandes-senhor-das-palavras-247893-1.asp>. Acesso em: 13/06/2014. Adaptado.

(Upe 2015) O texto, uma entrevista, organiza-se de acordo com especificidades composicionais e linguísticas próprias do gênero. Levando isso em consideração, analise as proposições a seguir.

- I. A depender do entrevistado, uma entrevista pode apresentar marcas de informalidade, a exemplo do tratamento pronominal de que fazem uso os interlocutores do texto.
- II. Uma entrevista costuma ser constituída por mais de um tipo textual, a exemplo das sequências argumentativas e narrativas que ajudam a compor o texto.
- III. Os eixos temáticos abordados na entrevista – língua e humor – conferem ao texto um caráter excessivamente informal.
- IV. Marcas de oralidade no texto – por exemplo, trecho de música (3º parágrafo) e palavras incisivas, como “bobagem” (1º parágrafo), “besteira” (2º parágrafo) e “idiotas” (5º parágrafo) – deveriam ser evitadas, uma vez que se trata de um texto escrito.

Estão CORRETAS, apenas:

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) I, II e IV.
- d) II e IV.
- e) III e IV.

#### Exercício 61

(Ifsp 2011) Considere um trecho do poema “O apanhador de desperdícios”, de Manoel de Barros.

Uso a palavra para compor meus silêncios.  
Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito  
às que vivem de barriga no chão  
tipo água pedra sapo.  
Entendo bem o sotaque das águas  
dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
Das tartarugas mais que a dos mísseis.

(PINTO, Manuel da Costa. *Antologia comentada da poesia brasileira do século 21*. São Paulo: Publifolha, 2006.)

Pela leitura dos versos, pode-se concluir que o poeta

- a) exalta a velocidade e a rapidez associadas aos avanços tecnológicos próprios do século XXI.
- b) usa a linguagem para expressar as angústias e frustrações que sente diante da vida.
- c) prefere o ambiente urbano, embora afirme precisar de momentos de silêncio e de contemplação.
- d) reflete sobre o papel que as palavras desempenham como veículo para a expressão do eu lírico.
- e) sente necessidade de educar e de informar os leitores, usando termos arcaicos e incomuns.

#### Exercício 62

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:  
TEXTO

<sup>5</sup>As pessoas que falam uma língua estrangeira sem sotaque são geralmente as que aprenderam o idioma estrangeiro na infância, juntamente com a língua materna. Nesses <sup>1</sup>verdadeiros bilíngues, de alto desempenho, a mesma região do cérebro que produz a fala é compartilhada pela representação dos dois idiomas, <sup>2</sup>enquanto nas pessoas que aprendem a segunda língua, na vida adulta, duas regiões vizinhas, separadas, cuidam cada uma de um idioma. A representação conjunta <sup>4</sup>talvez explique a maior facilidade dos bilíngues verdadeiros em transitar <sup>6</sup>entre os dois idiomas, <sup>3</sup>já que as mesmas redes neurais de associação devem ser acionadas por um idioma e outro.

Adaptado de Suzana Herculano-Houzel

(Mackenzie 2009) Depreende-se corretamente do texto que:

- a) os "verdadeiros bilíngues" (ref. 1), que apresentam fluência e ausência de sotaque, têm representados na mesma região cerebral dois idiomas.
- b) o sotaque é consequência do aprendizado de duas línguas conjuntamente, uma vez que ambas são representadas na mesma

região cerebral.

c) são considerados bilíngues falantes que desenvolveram, na aquisição da língua estrangeira, duas regiões cerebrais distintas para a representação linguística.

d) falar línguas estrangeiras sem sotaque é resultado do alto desempenho e da concentração de falantes considerados como bilíngues.

e) aprender a língua materna sem sotaque é resultado do desenvolvimento de redes neurais distintas, associadas ao longo do aprendizado de línguas.

### Exercício 63

(Uff 2006) Estava pensando na paulistinização do Brasil que veio vindo, veio vindo e, quando a gente se deu conta, tudo virou paulisssta, assim mesmo, com vários ss.

Nós, cariocas, temos sofrido muitas humilhações. Como nos vemos obrigados a viajar de avião para São Paulo quando se quer ir para Bahia (!). Ou observar o mercado, no Rio se transformar em paulista tendo-se que ligar pro Disk Cook, em SP, para pedir uma comida de um restaurante carioca, aqui do lado. Ou assistirmos às lojas cariocas fecharem, transformando o Rio numa cidade latinha ("lá tinha" uma padaria, "lá tinha" um açougue, "lá tinha" aquele tal restaurante, "lá tinha" os estertores das Casas Sendas, comprada por outro paulista, o Pão de Açúcar, e por aí vai). Isso fora os "vende-se" e "aluga-se" em todos os bairros do Rio. Sabe Deus para onde irão ...

Mas o mais grave de tudo, o mais grave, gente, é a paulistinização do sotaque! O sotaque de São Paulo é o sotaque oficial do Brasil, sotaque nacional do país! Nada contra, só é esquisito que agora, no Rio de Janeiro, se fale paulista. Seria o mesmo que, assim, do nada, todo mundo comesse a falar nordestino, cearense. Nada contra também, mas estranho ...

Descobri isso quando vi meu neto, carioca, nascido em Los Angeles e criado no Rio desde o primeiro ano de vida, falar coisas do tipo: "ageeennnnda" "veeennda" e "fazeennda" com muitos enes. E só não pede "um chopes e dois pastel" porque ele tem 4 anos e ainda não toma chope. Então fiquei pensando: mas por que cargas d'água o meu neto fala paulista?

Maria Lúcia Dahl. "Jornal do Brasil", Caderno B, 9/07/04

Assinale a opção em que um dos fragmentos de textos de autores renomados de linguística e antropologia explica, de forma adequada, a influência de uma dada variedade linguística regional como a apresentada pela cronista Maria Lúcia Dahl.

a) Uma variedade linguística "vale" o que "valem" na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos "internos", quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos "externos" pelo prestígio das línguas no plano internacional. (Maurizio Gnerre, 2001).

b) Conhecemos bons professores, provenientes da região Nordeste e dos estados de Goiás e Mato Grosso, que tiveram problemas para trabalhar em escolas particulares em Brasília

com a alegação, por parte dos dirigentes das escolas, de que sua fala seria "um mau exemplo" para os alunos. (Bortoni-Ricardo 2004).

c) De fato é dentro da, e pela língua que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente. O homem sentiu sempre - e os poetas frequentemente cantaram - o poder fundador da linguagem, que instaura uma realidade imaginária, anima as coisas inertes, faz ver o que ainda não existe, traz de volta o que desapareceu. (Benveniste, 1976)

d) O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguentude de não índios, não-europeus e não-negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira. (Darcy Ribeiro,)

e) Podemos dizer, portanto, que o preconceito linguístico no Brasil se exerce em duas direções: de dentro da elite para fora dela, contra os que não pertencem às camadas sociais privilegiadas; e de dentro da elite ao redor de si mesma, contra seus próprios membros. (Bagno, 2003)

### Exercício 64

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

TEXTO I

Resistência

Não sei onde anda aquele projeto de lei do deputado Aldo Rebelo sobre a proteção da língua portuguesa - o que é um mau sinal. Ele teria que estar sendo mais discutido. A intenção do deputado é boa, mas as críticas ao projeto, do pessoal da linguística principalmente, deveriam estar sendo ouvidas no debate que não está havendo.

Eu acho que o uso de estrangeirismos como "*delivery*" em vez de "entrega" decorre de uma falta generalizada de senso do ridículo, sobre o qual não se legisla, mas esta é uma visão fatalista. Os linguistas dizem que a língua é uma coisa viva, que é impossível e impraticável decretar que o português falado hoje é o definitivo e como tal deve ser, para todos os efeitos, tombado. Alegam que a lei, com suas multas e punições, restringiria o estudo de dialetos e idiomas regionais de origem estrangeira ou não, cuja rica variedade tem mais valor cultural do que qualquer uniformização imposta. O assunto é amplo. A discussão também deveria ser. A ideia é proteger o português do inglês, que nos invade pelo colonialismo comercial e pelos neologismos da cultura do computador (parece que já estão usando até o verbo "*downloadar*"), e que seria uma espécie de vocabulário avançado da dominação total a que nos submeteriam. Mas dos Estados Unidos também vêm bons exemplos de flexibilidade prática na questão da língua, como o uso do espanhol na propaganda e na educação em áreas de grande imigração "hispânica", contra os protestos da direita, que quer proteger o inglês. O problema é diferente, mas a xenofobia linguística é parecida.

Por que não tratar as palavras em inglês que nos incomodam como imigrantes na nossa língua, resignados à sua inevitabilidade e respeitando a sua identidade, sabendo que cedo ou tarde elas serão assimiladas e com o passar do tempo perderão até o

sotaque? A resistência à dominação americana tem que vir em outros setores, com outra disposição e outra mentalidade. Sobre os quais também não se legisla.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O Globo*: Rio de Janeiro, p. 7, 1 de julho 2001.

(Ufrj 2003) Há no texto uma comparação entre Brasil e Estados Unidos, quanto à questão dos estrangeirismos. Sobre esse assunto foram feitas as seguintes afirmações:

I - Nos EUA existe uma crença já generalizada de que palavras estrangeiras só vêm enriquecer o idioma nativo.

II - Nos EUA, como também aqui, há reações de repúdio a palavras estrangeiras, por questões de protecionismo linguístico/cultural.

III - Justamente do país de onde vêm atualmente os estrangeirismos que lotam nosso vocabulário, vem também um exemplo de tolerância ao que é estrangeiro.

IV - O Brasil deveria, segundo o texto, praticar a mesma xenofobia linguística existente nos EUA, pois é protegendo a cultura nacional que se constrói um país desenvolvido.

Estão corretas as afirmativas

a) II, III e IV.

b) II e IV.

c) I, III e IV.

d) I e III.

e) II e III.

#### Exercício 65

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) questão(ões) a seguir refere(m)-se ao livro *A mocinha do Mercado Central*, de Stella Maris Rezende.

(G1 - cftmg 2014) “Se prestar bastante atenção, vai ver que o sotaque do livro é mineiro...”

(Ricardo Benevides, em comentário impresso na contracapa de *A mocinha do Mercado Central*)

O emprego de expressões típicas do modo de falar dos mineiros é comprovado pela passagem:

a) “Um bem-te-vi fazia a festa numa poça de água da chuva da noite anterior, na parte mais alta do muro, num tijolo esburacado providenciado pela impiedade do tempo...”

b) “Ela adorou esse embondo de uma coisa fedorenta virar uma coisa que se imagina boa. Será que no fundo o sucesso não passa de uma coisa que fede muito?”

c) “E a moça de nome Maria, [...] assim que saiu de casa com a malinha de couro antiga, e na bolsa umas economias dadas pela mãe, caminhou solerte em direção à rodoviária...”

d) “De repente, a dona Luzia a chamou para se sentar ao lado dela no sofá de palhinha com almofadas que ficava junto ao balcão, também de frente para a janela e sua vista para a Ponte de Pedra”.

#### Exercício 66

(G1 - ifpe 2014) **Texto 1**

#### POR QUE ESTUDAR A CULTURA INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA?

Os currículos escolares, tradicionalmente, sempre trabalham a História Geral e a História do Brasil, a partir de uma postura eurocêntrica, tendendo a olhar os povos indígenas e afros sempre com um esgar de olhos que deflagram um descaso com a riqueza e a complexidade dessas culturas. Historicamente, passamos a interpretar a História Oficial de nosso país a partir do ponto de vista da classe dominante, o que condenou à ignorância a contribuição cultural, social, política e econômica que os negros e os índios, em suas respectivas conjunturas, legaram ao Brasil.

(...)

Legados à condição de mão de obra barata e servil, presos em suas senzalas e aldeias, negros e índios sempre caminharam pelos recônditos da História, paralelo às transformações sociais, econômicas e políticas que aconteciam no Brasil litorâneo. Brasil esse forjado pelos grandes ciclos econômicos e transformações políticas diversas. O que esse Brasil não assume (porque no fundo ele sabe) é que o grande construtor da sociedade brasileira sempre foram seus inúmeros coadjuvantes, forjando uma nação a partir da resistência, dos sincretismos e da miscigenação.

Octávio Ianni dizia que a cada época histórica o Brasil debruça-se sobre a questão nacional. Essa preocupação resulta do fato de que nossos intérpretes sempre sentem a necessidade de problematizar a formação da sociedade brasileira, justamente para poder entender o presente e compreender nossa verdadeira identidade nacional. Na maioria das vezes, a empreitada torna-se difícil, pois estes se deparam com a questão da diversidade cultural no caminho. É como se a problemática acerca da identidade nacional fosse representada por um enorme “quebra-cabeças”, um mosaico no qual, na medida em que fôssemos juntando as peças, novas lacunas surgiriam, impedindo uma percepção clara do problema, mas ao mesmo tempo dando uma dimensão múltipla do tema.

Neste sentido, surge uma questão importante: a formação do povo brasileiro está atrelada incondicionalmente à tensa relação entre a classe dominante e a classe subalterna. Legados à condição de força de trabalho escrava, negros e índios resistiam aos desmandos dos patrões, em certos momentos, a partir do enfrentamento, mas a estratégia adotada, mesmo que inconscientemente, era sempre silenciosa. A contribuição desses povos está nos costumes, comidas típicas, modos de vestir,

sotaques, práticas culturais únicas, sincretismo religioso, peças preciosas do grande mosaico em que se tornou o Brasil.

Os “esquecidos da história” (...) adotaram, inconscientemente, a estratégia da memória, passando de geração em geração suas culturas, seu capital simbólico próprio, onde não precisam de registros impressos para se fazer entender. Não precisam da legitimidade da elite, bastam ser “lembrados pelos pares”. Isso já é suficiente para que se forje uma grande nação!

Estudar a “História da cultura afro-brasileira e indígena” requer revisar aquilo que já se falou sobre negros e índios, buscando considerar a contribuição destes na formação da sociedade brasileira. Tudo que for estranho aos nossos olhos tem que ser investigado a fundo. No final, outra visão será construída.

O importante é que essa nova visão não se constitua como verdade absoluta, mas que se constitua como ferramenta para seguirmos em frente, em busca de novas respostas e desarmados de qualquer tipo de preconceito e estranhamento. Lembremos que o mosaico nunca se completa, o “quebra-cabeças” que não se soluciona justamente por compreender sua própria complexidade. Afinal de contas, não é assim que a ciência sempre agiu?

Khemerson de Melo Macedo - Coordenador Geral de Projetos do NCPAM, finalista em Ciências Sociais pela UFAM.  
Disponível em: <http://www.ncpam.com.br>.  
Acesso em: 24ago.2013.

## Texto 2

### INCLASSIFICÁVEIS

que preto, que branco, que índio o quê?  
que branco, que índio, que preto o quê?  
que índio, que preto, que branco o quê?

que preto branco índio o quê?  
branco índio preto o quê?  
índio preto branco o quê?

aqui somos mestiços mulatos  
cafuzos pardos mamelucos sararás  
crilouros guaranisseis e judárabes

orientupis orientupis  
ameriquítalos luso nipo caboclos  
orientupis orientupis  
iberibárbaros indo ciganagôs

somos o que somos  
inclassificáveis

não tem um, tem dois,  
não tem dois, tem três,  
não tem lei, tem leis,  
não tem vez, tem vezes,  
não tem deus, tem deuses,

não há sol a sós

aqui somos mestiços mulatos  
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos  
americanataís yorubárbaros.

somos o que somos  
inclassificáveis

que preto, que branco, que índio o quê?  
que branco, que índio, que preto o quê?  
que índio, que preto, que branco o quê?

não tem um, tem dois,  
não tem dois, tem três,  
não tem lei, tem leis,  
não tem vez, tem vezes,  
não tem deus, tem deuses,  
não tem cor, tem cores,

não há sol a sós

egipciganos tupinamboclos  
yorubárbaros carataís  
caribocarijós orientapuias  
mamemulatos tropicaburés  
chibarroados mesticigenados  
oxigenados debaixo do sol

Arnaldo Antunes

Disponível em: <<http://www.arnaldoantunes.com.br>>.  
Acesso em: 25ago.2013.

A respeito do texto 2, julgue as assertivas que seguem.

- I. A ênfase no emprego de neologismos é uma estratégia de Arnaldo Antunes para, através da linguagem, retratar a miscigenação característica da cultura nacional.
- II. A ausência de maiúsculas no texto é provavelmente uma forma de o compositor reforçar a ideia de que a identidade do povo brasileiro é marcada pela diversidade.
- III. A troca de posição dos vocábulos ‘preto’, ‘branco’ e ‘índio’, como ocorre na primeira estrofe, é um recurso rítmico apenas, não interferindo no aspecto semântico do texto.
- IV. A linguagem empregada é predominantemente informal, sobretudo por conta do desrespeito à norma culta da língua e da presença constante de gírias.
- V. Assim como se dá no texto 1, na canção, o olhar acerca da formação da nação brasileira não é eurocêntrico, o que justifica os questionamentos nas estrofes iniciais.

Estão corretas, apenas:

a) I, II, III e V

b) I, II e V

c) II, III e IV

d) III e V

e) IV e V

## GABARITO

### Exercício 1

b) No texto, não há marcas de oralidade.

### Exercício 2

b) linguagem culta e linguagem coloquial.

### Exercício 3

b) A linguagem do texto apoia-se em uma variante linguística que demonstra o movimento de mudanças constantes que as línguas sofrem, através do tempo.

### Exercício 4

a) A mensagem de humor transmitida pelo quadrinho se dá com a concomitância da linguagem escrita e da linguagem visual.

### Exercício 5

d) na frase “Um homem que decide se apropriar **da fortuna dela**”, a forma em destaque poderia ser substituída por “de sua fortuna”, que é uma construção mais própria da linguagem culta.

### Exercício 6

a) “Se juntar com o meu tempero | Vai ser bom demais”

### Exercício 7

a) V - V - V - V - V

### Exercício 8

d) I, II e IV.

### Exercício 9

c) os verbos foram flexionados no imperativo afirmativo de acordo com a norma padrão.

### Exercício 10

b) “... para saber quem grita gol mais alto e prolongado...” (ref. 3)

### Exercício 11

c) a ocorrência da expressão “eu sei que vou te amar”, porquanto, na linguagem coloquial, a tendência é não empregar o pronome oblíquo posposto à locução verbal; desse modo, na modalidade padrão, a forma a ser empregada seria: eu sei que vou amar-te.

### Exercício 12

b) Calvin emprega o pronome *você* não necessariamente para marcar a interlocução: antes, trata-se de um recurso da linguagem coloquial utilizado como forma de expressar ideias genéricas.

### Exercício 13

e) "Agora me diz, o que faz você feliz?".

### Exercício 14

a) A lenda de Mani, exemplo do folclore dos índios tupis, explica a origem da mandioca, que é um dos principais alimentos dos povos indígenas. No Brasil, essa raiz possui vários nomes que variam de região para região, como, por exemplo, aipim, macaxeira, maniva, castelinha, entre outros.

### Exercício 15

d) Sou do tipo que chora não só em batizado, casamento, mas principalmente em formatura.

### Exercício 16

d) Foi terrível o juiz ter aceitado aquela denúncia.

### Exercício 17

a) uma prática inerente ao ser humano.

### Exercício 18

e) É uma das poucas opiniões do poeta onde existe uma controvérsia.

### Exercício 19

b) Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que tinha ficado piruá.

### Exercício 20

a) Por fazer parte da segunda geração de modernistas, Drummond usufruiu de uma liberdade ainda maior do que a imaginada pelos participantes da Semana, o que o permite experimentar grande variedade temática e estilística, conforme vemos nos textos apresentados.

#### Exercício 21

b) véio (velho), dúa (de uma), c'o (com o).

#### Exercício 22

c) ál-co-ol, a-ni-mais; vas-sou-ra.

#### Exercício 23

b) No 6º parágrafo do texto, o uso da forma “ia”, por duas vezes, em vez de “iria”, aproxima o texto da oralidade e caracteriza uma linguagem informal.

#### Exercício 24

c) gerúndio – advérbio – história.

#### Exercício 25

d) a expressão que dá nome à crônica faz parte da oralidade do autor e implica, também, questões de prestígio social.

#### Exercício 26

c) Apenas III.

#### Exercício 27

a) embora se apresente escrito, possui uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da norma culta.

#### Exercício 28

b) subdivisões em etapas.

#### Exercício 29

d) a expressão “não fez efeito”, proveniente do vocabulário médico, é de uso exclusivo da linguagem técnica.

#### Exercício 30

c) *Ou então vamos jogar bola-preta: do outro lado do jardim tem um pé de saboneteira.*

#### Exercício 31

b) A proposta de criminalização do samba, no início do século passado, era tão racista quanto o Sistema de Justiça Criminal Brasil, cujo critério determinante é a posição de classe do

autor, ao lado da cor de pele e de outros indicadores sociais negativos, tais como pobreza, desemprego e falta de moradia.

#### Exercício 32

d) “Nossa história e arquitetura foram deixadas às ruínas, que ativamente permitimos que desmoronem.” (referência 8)

#### Exercício 33

d) os versos do poema de Drummond, apesar de serem escritos no padrão culto da língua portuguesa, não têm o mesmo tom elevado da linguagem rebuscada dos versos do poema de Bilac.

#### Exercício 34

c) I, II e IV apenas.

#### Exercício 35

b) O texto compõe-se em estilo formal, sem perder de vista a proximidade com o leitor, recurso que está adequado à finalidade didática da mensagem.

#### Exercício 36

c) I, II e IV.

#### Exercício 37

a) há uma predominância de frases mais curtas, períodos com poucas subordinações, parágrafos menores com o intuito de reproduzir uma linguagem mais próxima da informal, do cotidiano.

#### Exercício 38

b) aproximar-se dos usos cotidianos da língua, como ocorre na opção de ‘pra’, em vez de ‘para’, no trecho: “queria falar alguma coisa bonita *pra* ele, mas não era boa com as palavras.”.

#### Exercício 39

c) O emprego do termo *povão* foi utilizado com o propósito de conferir informalidade ao texto, como estratégia de aproximação do leitor.

#### Exercício 40

c) No período “A realidade é diferente para pessoas negras, cujos familiares geralmente trabalharam a vida toda no setor informal.” (referência 15), a palavra “cujos” retoma a expressão “pessoas negras”.

#### Exercício 41

d) uma metáfora, pois o autor inverte a imagem utilizada para representar loucura a fim de expressar a habilidade da



professora.

#### Exercício 42

a) este é redigido na variedade culta, respeitando a gramática normativa, uma vez que se trata de um gênero textual do qual se espera uso mais formal da linguagem.

#### Exercício 43

e) “bata na porta” (ref. 5).

#### Exercício 44

d) II e V.

#### Exercício 45

c) criar um efeito de proximidade com os leitores.

#### Exercício 46

d) “... se o padrão vem da fala dos bacanas...” (ref. 6).

#### Exercício 47

c) II, III e IV.

#### Exercício 48

d) “Uai? Cê já chegô, sô? Peraí, que eu já tô saíno!”

#### Exercício 49

e) A heterogeneidade linguística do Brasil deve ser compreendida para que se possa construir uma cultura escolar aberta à crítica da discriminação pela língua.

#### Exercício 50

c) Apenas I e II.

#### Exercício 51

b) No verso “A rede veia comeu foi fogo” (Texto 1, linha 7), a grafia da palavra sublinhada procura reproduzir pronúncia comum em algumas regiões do Brasil (veia por velha), que exemplifica uma variação fonética.

#### Exercício 52

b) termo informal e jocoso que significa um conjunto de pessoas.

#### Exercício 53

c) os comentários entre parênteses (ref. 5) e (ref. 14) servem para estabelecer um diálogo direto com o interlocutor,

indicando opiniões do locutor em relação ao que ele disse anteriormente.

#### Exercício 54

b) insuficientemente encorpado.

#### Exercício 55

e) rebuscado.

#### Exercício 56

d) de frases interrogativas, como em “Parece exagero?” (ref. 5).

#### Exercício 57

b) No texto predomina a informalidade, fazendo-se uso, inclusive, de expedientes morfossintáticos e fonético-fonológicos mais próximos da linguagem coloquial.

#### Exercício 58

b) a formalidade nele expressa pode ser notada como marca estilística predominante, mercê, por exemplo, do uso de vocábulos pouco frequentes nas comunicações informais e, ainda, do aparecimento de termos técnicos.

#### Exercício 59

c) Em “Pois é, não come nada: é por isso que está aí com o esqueleto à mostra. Se te pegar outra vez mexendo no açucareiro, te corto a mão.” (referências 4 e 5), nas expressões em destaque, prevalece o sentido conotativo.

#### Exercício 60

a) I e II.

#### Exercício 61

d) reflete sobre o papel que as palavras desempenham como veículo para a expressão do eu lírico.

#### Exercício 62

a) os "verdadeiros bilíngues" (ref. 1), que apresentam fluência e ausência de sotaque, têm representados na mesma região cerebral dois idiomas.

#### Exercício 63

a) Uma variedade linguística "vale" o que "valem" na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos "internos", quando confrontamos variedades de uma mesma

língua, e em termos "externos" pelo prestígio das línguas no plano internacional. (Maurizio Gnerre, 2001).

#### **Exercício 64**

e) II e III.

#### **Exercício 65**

b) “Ela adorou esse embondo de uma coisa fedorenta virar uma coisa que se imagina boa. Será que no fundo o sucesso não passa de uma coisa que fede muito?”

#### **Exercício 66**

b) I, II e V